

MARIA DE CÁSSIA DOS SANTOS

**A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE PROFISSIONAL
DOCENTE: Relatos de Histórias de Vida**

Orientadora: Maria das Graças de Andrade Ataíde de Almeida

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Instituto de Educação**

**Lisboa
2012**

MARIA DE CÁSSIA DOS SANTOS

**A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE PROFISSIONAL
DOCENTE: Relatos de Histórias de Vida**

Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Educação no Curso de Mestrado em Ciências da Educação, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientadora: Prof^a Doutora Maria das Graças de Andrade Ataíde de Almeida

Co-orientador: Prof. Doutor Manuel Tavares Gomes

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Instituto de Educação**

**Lisboa
2012**

AGRADECIMENTOS

Não há como agradecer a alguém por algum benefício recebido se, primeiramente, não houver um reconhecimento por parte de quem foi favorecido de ter sido beneficiado. Agradecer consiste em reconhecer um benefício recebido por alguém em algum momento. Partindo deste pressuposto, muitos foram os benefícios por mim recebidos durante estes dois anos no mestrado, de pessoas que hoje merecem o meu reconhecimento. Por isso agradeço:

Primeiramente a DEUS como ser único e supremo, que me criou e propiciou este momento de conclusão que foi algo por mim tão almejado e que teve um caminho tão árduo de ser percorrido.

À minha família pelo apoio e incentivo constantes nesta trajetória, em especial a meus pais (Nena e Geraldo) que em suas simplicidades foram singulares em seus incentivos que só me ajudaram a caminhar e aqui chegar e aos meus filhos e neta (Penélope, Geraldo Neto e Maria Alice) pela compreensão de minha ausência em alguns momentos.

À Professora Doutora Maria das Graças de Andrade Ataíde de Almeida, pelos muitos conselhos e sugestões de utilidade inestimável, orientadora competente e dedicada, mas, sobretudo, amiga e parceira no decorrer de toda esta investigação.

Ao Professor Doutor Manuel Tavares Gomes, co-orientador desta investigação, pela disponibilidade, incentivo e apoio que mesmo a distância se fez sempre presente.

Aos docentes do curso e à Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT), pelas inestimáveis contribuições durante o curso, permitindo-me reflexões e análises cuidadosas ao longo do meu percurso de pesquisador.

As professoras que entrevistei, pessoas generosas que me permitiram a realização dessa pesquisa, falando sem reservas sobre suas histórias de vida.

Ao Doutor Clézio de Sá Leitão pela solidariedade e acompanhamento profissional.

A Geraldo Júnior que de sua forma bem peculiar colaborou na iniciativa e desenvolvimento deste processo acadêmico.

Em especial a minha amiga Tânia Cristina, pela camaradagem, pela colaboração interessada e pelas numerosas idéias trocadas.

A todos os meus amigos e amigas, presentes em todos os momentos importantes de minha trajetória profissional e acadêmica, em especial a Andreza Alexandre, Cristiane Martins, Gilmara Melo, Ladvânia Correia, Igor Cadena e Rosângela Florêncio.

“Nada lhe posso dar que já não exista em você mesmo. Não posso abrir-lhe outro mundo de imagens, além daquele que há em sua própria alma. Nada lhe posso dar a não ser a oportunidade, o impulso, a chave. Eu o ajudarei a tornar visível o seu próprio mundo, e isso é tudo.”

(Hermann Hesse)

RESUMO

SANTOS, Maria de Cássia dos. A Construção de Identidade Profissional Docente: Relatos de Histórias de Vida. Lisboa, 2012, 101 fls. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação, 2012.

Este trabalho teve como tema de investigação a Construção de Identidade Profissional Docente: Relatos de Histórias de Vida. Tendo como recorte do problema de estudo buscar os saberes que permeiam as trajetórias de vida pessoal e profissional e as indagações propostas acerca da qualificação e formação desses profissionais que influenciam na construção de sua identidade docente, remetendo através de seus discursos, suas lembranças e como se deu o processo de construção das identidades pessoais e profissionais. No âmbito desse contexto os objetivos tiveram como elementos contemplados na pesquisa conhecer a realidade social do educador, identificando os caminhos evolutivos na construção da identidade profissional e perceber os critérios que influenciam a vida social do educador e a formação profissional. A pesquisa foi conduzida com 8 professoras do ensino fundamental I, na escola pertencente a Rede Municipal de Ensino da Cidade do Recife. Na busca por respostas foi seguida uma abordagem qualitativa, descritiva, utilizando como técnica as histórias de vida na forma de entrevista narrativa semi-estruturada e a análise dos dados qualitativos foi orientada pela análise de discurso. Os resultados evidenciam que a identidade e formação docentes ao longo de toda trajetória de vida são referências para o entendimento e influência da prática pedagógica efetivada cotidianamente no âmbito escolar, contribuindo para a ampliação dos conhecimentos que versam sobre o tema proposto.

Palavras-Chave: Histórias de Vida, Identidade Docente, Ciclo de Vida Profissional, Formação Docente.

ABSTRACT

SANTOS, Maria de Cássia dos. the Building of Teacher Professional Identity: Report of Life Stories. Lisboa, 2012, 101 fls. Dissertation (Master's degree in Education) – Master's degree Program in Education, ULHT, 2012.

The investigation theme of this work was the Building of Teacher Professional Identity: Report of Life Stories. The cut of the problem of study is seek the knowledge that permeate the trajectories of personal and professional lives of this teachers and the proposed questions about the qualification and training these professionals who influence the construction of their teacher identity, referring through their speeches, their memories and how was the process of building personal and professional identities. Within this context the objectives had as elements included in the survey, to know the social reality of the teacher, identifying the evolutionary ways in construction of the professional identity and understand the criteria that influence the social life of the educator and vocational training. The research was made with with eight elementary school teachers, on school belonging to the Municipal School of the City of Recife. In the search for answers was followed a qualitative approach, descriptive, using the technical history of life in the form of semi-structured narrative interview and analysis of qualitative data was guided by discourse analysis. The results showed that the stories of the interviewees relate their speeches through their memories and how did the process of building personal and professional identities. The results show that the identity and training teachers throughout all life trajectory are references to the understanding and influence of knowledge that deal with the theme.

Key Words: Life Stories, Teacher Identity, Professional Lifecycle, Teacher Training,

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AD	Análise de Discurso
FD	Formação Discursiva
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PCR	Prefeitura Cidade do Recife
RPA	Região Político Administrativa

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO.....	11
Capítulo I – PERCURSOS TEÓRICOS DA PESQUISA	
1.1. Conceito de Identidade	19
1.1.1. Identidade Profissional no Contexto Social	19
1.1.2. Feminização da Profissão Docente.....	30
1.2. Trajetória Social: Um Reflexo Sobre a Prática Profissional.....	37
1.2.1. A incorporação do <i>Habitus</i> no Processo Social	37
1.2.2. O processo de Construção da Identidade Docente.....	40
1.2.3. Uma Reflexão da Prática Pedagógica no Contexto Atual	43
1.2.3.1. Mal-Estar Docente: Consequências da Profissão	48
Capítulo II - DESENHO METODOLÓGICO	
2.1. Delineamento do Estudo.....	54
2.2. Método escolhido.....	58
2.2.1. Histórias de Vida	58
2.3. Locus da Pesquisa	60
2.4. Sujeitos da Pesquisa	61
2.4.1. População e Amostra do Estudo	61
2.5. Instrumentos de Coleta de Dados	64
2.6. Análise dos Dados	66
2.6.1. Análise de Discurso.....	66
Capítulo III - ANÁLISES E DISCUSSÕES DOS RESULTADOS	
Perfil das Professoras Entrevistadas	71
3.1. Formação Discursiva: Trajetória de Vida.....	74
3.2. Formação Discursiva: Identidade Docente.....	78
3.3. Formação Discursiva: Feminização da Profissão Docente	83
3.4. Formação Discursiva : Formação Docente.....	84

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS	97
APÊNDICES.....	i
APÊNDICE I	ii
APÊNDICE II	iii
APÊNDICE III	v

ÍNDICE DE QUADROS

		Pg.
1.	Amostra dos professores selecionados tendo como critérios de inclusão anos de experiência, tempo de serviço e idade.....	63
2.	Apresentação dos depoimentos das professoras na FD “Trajetórias de Vida”.	76
3.	Apresentação dos depoimentos das professoras na FD “Trajetórias de Vida”.	77
4.	Apresentação dos depoimentos das professoras na FD “Trajetórias de Vida”.	78
5.	Apresentação dos depoimentos das professoras na FD ”Identidade Docente”	81
6.	Apresentação dos depoimentos das professoras na FD ”Identidade Docente”	82
7.	Apresentação dos depoimentos das professoras na FD “Feminização da Profissão Docente”.....	83
8.	Apresentação dos depoimentos das professoras na FD “Formação Docente”.	87
9.	Apresentação dos depoimentos das professoras na FD “Formação Docente”.	88
10.	Apresentação dos depoimentos das professoras na FD “Formação Docente”.	90
11.	Apresentação dos depoimentos das professoras na FD “Formação Docente”.	91
12.	Apresentação dos depoimentos das professoras na FD “Formação Docente”.	91

ÍNDICE DE TABELAS

	Pg.
1. Ciclos de Vida Profissional dos Professores em Fases segundo Huberman, 1995	64

INTRODUÇÃO

A sociedade vem sofrendo transformações impulsionadas pelos avanços tecnológicos, influenciados pela grande velocidade em que as informações se processam, trazendo para o mundo do trabalho maiores desafios, exigindo profissionais críticos, comprometidos e potencialmente capazes para uma atuação pessoal e profissional transformadora no enfrentamento de situações que o cotidiano apresenta.

As características da sociedade contemporânea afetam a escola e os profissionais que nela atuam, principalmente na formação dos educadores para atender os objetivos educacionais propostos no planejamento pedagógico e nas políticas públicas ensejadas pelo governo, na intencionalidade de preparar cidadãos críticos e reflexivos na construção de uma sociedade mais igualitária e justa.

Dessa maneira a evolução da sociedade atinge a escola e coloca o educador em busca da compreensão da sua identidade profissional, tendo consciência do seu papel no contexto histórico e social da educação, quando novas tecnologias de ensino são introduzidas na escola e na vida, o educador necessita adquirir essas novas competências. Portanto a profissionalização do educador requer formações continuadas, considerando que, a sua função extrapola o mero repasse de informações, na medida em que ele é o mediador do saber construído pela humanidade. Assim, Libâneo (2001), tratando as questões de cidadania versus globalização, observa que:

capacitação para a cidadania e formação ética, para criar bases para uma sociedade organizada capaz de fazer o enfrentamento crítico da globalização (...). Os educadores críticos estão desafiados a repensar objetivos e processos pedagógico-didáticos em sua conexão entre educação e economia, educação e sociedade técnico-científica-informacional, para além dos discursos contra o domínio do mercado e a exclusão social (p.62).

Na visão do autor, é primordial repensar as relações entre a escola e a sociedade, mediante a expansão da tecnologia e os avanços científicos, para que seja possível integrar os conteúdos vivenciados na prática pedagógica com as inovações trazidas pela globalização. Anteriormente a pedagogia era baseada nos conhecimentos e na transmissão desses conhecimentos, tendo como eixo central o professor que nessa visão era considerado o transmissor do saber e o sistema educacional era centrado na figura do professor, elegendo-o responsável pela condução da ação educativa, tornando-o um mero transmissor que traduz conhecimentos específicos e fragmentados, sem levar em conta o aluno como sujeito do

conhecimento, porém a pedagogia moderna tem outro olhar sobre a *práxis* educativa. Como refere Paulo Freire (1997):

É nesse sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem a condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. (p.25)

A quebra desse paradigma foi provocada pela pedagogia moderna que inseriu o aluno no centro do sistema, como sujeito do conhecimento, um aluno concreto, que participa do seu desenvolvimento, portanto a aprendizagem abrange alunos e conhecimento.

Tardif e Lessard (2009) em seus trabalhos conduz para o entendimento de que os professores são profissionais construtores, que adquirem e desenvolvem múltiplos saberes no exercício e na prática de suas funções, as quais contribuem para a sua competência profissional:

Em suma, atravessada e marcada por tendências fortes, portadoras de transformações profundas, tanto da escola quanto do universo do trabalho docente, a profissão do professor continua sendo ao mesmo tempo, em muitos aspectos, uma ocupação tradicional e em continuidade com o passado, uma espécie de ofício artesanal que sobrevive como pode no seio da grande indústria escolar da escola de massa. (p.13)

O desempenho do profissional da educação está marcado, geralmente pelas situações problemáticas, que exigem soluções, que vão além da aplicação de conhecimentos adquiridos com o estudo das ciências da educação ou de saberes específicos relacionados com o conteúdo que desenvolve em sua disciplina.

Pimenta (1999) define que a identidade do professor se baseia em três elementos da docência: saberes das áreas específicas – referencial teórico; saberes pedagógicos – de processo de ensino; saberes de experiência – da construção do seu jeito de ‘ser professor’. O saber docente se constitui dos saberes das disciplinas, saberes curriculares, saberes da formação profissional e dos saberes da experiência formando um conjunto de saberes adquiridos e requeridos na prática docente mediante os quais os educadores orientam a sua profissão e sua *práxis*.

Vale salientar que a identidade do professor envolve características pessoais e profissionais e se constrói a partir das relações sociais que englobam o indivíduo, instituição educacional, família e os que influenciam de alguma maneira a estruturação do conhecimento.

Neste sentido, a identidade do professor é um processo contínuo de construção e

reconstrução do saber cuja reflexão está vinculada às experiências e práticas presentes no seu dia-a-dia decorrente do seu desenvolvimento pessoal e profissional, ao mesmo tempo em que elabora seus próprios saberes e conhecimentos que vão lhe guiar para construção de uma autonomia intelectual e com isso construção de sua identidade.

Na atualidade, a academia tem produzido e publicado teses e dissertações sobre o tema em estudo: A Construção de Identidade Profissional Docente: Relatos de Histórias de Vida, contribuindo para produção de ciência. Destacam-se as investigações em nível de mestrado: Antônio (2002), “O outro lado do espelho” ULHT/PT, buscou compreender como a mudança do papel dos docentes influi nas suas condutas e conhecer as expectativas e as frustrações das professoras perante a docência; Ferreira (2006), “Ser- Professor: construção de identidade em processo auto-formativo” buscou analisar como o ser-professor narra-se e interpreta-se como sujeito na profissão, tendo em vista compreender de que maneira esse profissional constrói a identidade pessoal/profissional, sendo capaz de afirmar-se ou negar-se como sujeito dentro do sistema-escola; Cavaliere (2009), em “A constituição da identidade profissional docente em contexto de diversidade: reescrevendo histórias de vida”, visou compreender a constituição da identidade docente através das histórias de vida de professoras do ensino fundamental da rede pública municipal de Juiz de Fora, enfatizando sua história de formação em contexto de diversidade; Santos (2009), “Os Saberes docentes de licenciandos e a busca da identidade profissional”, procurou identificar e interpretar os saberes sobre a docência construídos pelos licenciandos e o papel destes saberes na identificação com a profissão docente; Sampaio (2010), “Marcas da identidade docente: vivência, formação e profissão” buscou analisar as marcas determinantes no processo de formação e desenvolvimento da identidade docente, marcas essas que constituem os elementos do fogo cruzado inviabilizador da ação docente emancipatória.

Nossa investigação está voltada para a análise da identidade profissional de educadores da Rede Municipal de Ensino da Cidade do Recife. Tendo como questão de pesquisa : Qual a relação entre a identidade profissional dos professores e suas histórias de vida. Alguns questionamentos permearam as indagações propostas acerca da qualificação e formação desses profissionais, tais como: as concepções pedagógicas do grupo analisado estão embasadas em quais critérios? A construção da identidade tem importância na prática pedagógica? Que realidade os educadores encontram dentro das contradições e adversidades no contexto educacional e quais as modificações possíveis para enfrentamento desses desafios?

No que concerne às indagações sobre o *habitus* do profissional da educação levantamos as seguintes questões: qual o significado da educação em sua vida? O que o fez optar pelo magistério? O que pesou no momento de sua escolha por esta profissão? Que sentido esta escolha imprimiu a sua vida? Em que momento você se sente realizado como educador? Por que isso ocorre?

Nesse contexto esse estudo busca a compreensão das práticas pedagógicas a partir das histórias de vida dos docentes, repercutindo na organização de suas competências profissionais incorporadas nos movimentos de uma sociedade moderna. Esta incorporação de competência implica para os professores, segundo Nóvoa (1995) na não separação do seu eu pessoal e seu eu profissional, pois não há como dissociar uma situação da outra por estar atrelada à sua conduta e influência em seus valores, crenças e representações culturais que foram sendo acumulados na sua existência.

Esses aspectos compõem a própria identidade biográfica do indivíduo e repercutem, nos diversos papéis que ele representa na sua convivência social, quer seja no ambiente familiar ou profissional

Segundo o autor a *práxis* profissional está interligada ao processo de construção da identidade profissional levando em consideração as mudanças que ocorrem e afetam as relações no processo de ensino e aprendizagem e nas lutas e conflitos que permeiam a construção da identidade profissional. A construção da sua *práxis* profissional está interligada ao sentimento de identidade pessoal, de como ele se vê num determinado momento histórico de sua carreira.

A afirmação profissional se desenvolve através da junção das experiências profissionais e a trajetória alicerçada nesse percurso profissional dos docentes, e muitas vezes são contornadas com sentimentos de insegurança, frustração, autoaceitação e afetividade, essas contradições irão se situar em diversas fases da carreira do educador, ressaltadas por Huberman (1999) e designada como fases de incertezas na escolha da profissão.

O confronto com a realidade profissional, e a complexidade que marca o exercício da docência, são aspectos consideráveis que permeiam toda a prática docente, e muitas vezes abalam o entusiasmo e as expectativas da socialização profissional. Nesse processo de busca da concretização das aspirações e projetos pessoais, a conciliação entre esses fatores requer um reajuste entre o sonho de inserção no mercado de trabalho e as estruturas ocupacionais que caracterizam o campo de atuação do educador e o faz construir novas propostas do ser e fazer profissional.

Nesse contexto, esse estudo busca o entendimento das práticas pedagógicas a partir das narrativas ou descrições das professoras, as quais desvelam e repercutem na organização de suas competências profissionais incorporadas nos movimentos de uma sociedade moderna que se move, a partir de novos conhecimentos trazidos pelas informações que permeiam as relações sociais. Compreendendo a construção da identidade do professor a partir da sua trajetória de vida e as imbricações na sua prática profissional este estudo objetivará:

- Conhecer a realidade social do educador;
- Identificar os caminhos evolutivos na construção da identidade profissional do educador;
- Perceber os critérios que influenciam a vida social do educador e a formação profissional.

A pesquisa se baseou num estudo qualitativo de caráter descritivo e exploratório sob a forma de levantamento de dados, sendo coletados na área de educação com intuito de embasar as descrições e aprofundar seus experimentos na pesquisa qualitativa. Sendo subdividida nas seguintes etapas: lócus da pesquisa, sujeitos da pesquisa, população e amostra do estudo, instrumentos de coleta de dados, análise dos dados, análise de discurso e o método escolhido foi histórias de vida.

Sendo realizada na Rede Municipal norteando as investigações empreendidas na formulação dessa pesquisa, tendo um projeto político pedagógico voltado para a realidade social da comunidade escolar, com atividades pertinentes às políticas públicas e curriculares para esse segmento educacional.

A escola evidenciada é da Rede Municipal de Ensino da Cidade do Recife, que trabalha apenas com crianças do ensino fundamental I com uma amostra de 8 (oito) professoras escolhidas proporcionalmente ao número de sujeitos compreendidos em cada uma das três classes enunciadas por Gonçalves (1995, p.151) e, dentro destas, a cada um dos grupos de idades profissionais.

Para subsidiar a investigação foi elaborada uma pesquisa de cunho qualitativo, constando de tópicos que enfocaram a história pessoal e profissional do educador com a prática educativa, e como se dão as relações pessoais e profissionais no contexto educacional. Quanto ao instrumento de pesquisa e coleta de dados foi utilizada uma entrevista semi estruturada com uma linguagem coloquial, onde as entrevistadas se sentiram bastante confortáveis e confiantes. Iniciou-se a entrevista questionando-se algumas variáveis como as dimensões básicas (biológico, social e cultural), havendo abertura para o entrelaçamento de outros acontecimentos que foram emergindo gradualmente do testemunho das participantes,

onde foram abordados como pontos principais, o nascimento, infância, adolescência, família e amigos. Após esse breve conhecimento parte-se para as perguntas onde são abordados os pontos de reflexão, entre eles: - um acontecimento importante na vida; - como se deu o ingresso na Rede Municipal de Ensino do Recife; - o motivo da escolha e permanência pela profissão; - a relação entre a vida pessoal e profissional e por fim, a relação com os colegas de profissão.

Em outro ponto das entrevistas, as participantes foram questionadas quanto aos processos de adaptação e desenvolvimento, tendo como pontos principais: - as mudanças significativas em sua trajetória profissional; - as mudanças que aconteceram de forma lenta e rápida e as que ainda se sucedem. Além de serem abordadas questões quanto ao investimento pessoal, formação continuada, jornada de trabalho e tecnologia na educação. As entrevistas narrativas deixam o sujeito livre para argumentar sobre o que julga importante acerca de determinados temas.

Esta pesquisa teve como principal instrumento as histórias de vida, colocando o indivíduo como o centro das atenções e de suas relações sociais quanto sua subjetividade, uma vez que assumimos que os complexos processos identitários contemporâneos implicam uma articulação entre o processo relacional do espaço profissional e a trajetória biográfica dos profissionais, possibilitando inúmeras posturas ante o campo pessoal e profissional.

A presente pesquisa está organizada em quatro (4) capítulos e considerações finais.

No Capítulo I – Percursos Teóricos da Pesquisa faz-se referência à identidade profissional no contexto social com ênfase no conceito de identidade. Neste capítulo discorre-se ainda, acerca da feminização da profissão docente. O segundo ponto refere-se a trajetória social: um reflexo sobre a prática profissional e procura apreender sobre a incorporação do *habitus* no processo social e a construção da identidade docente, faz uma reflexão da prática pedagógica no contexto atual, contemplando o mal-estar na profissão docente.

O Capítulo II– Desenho Metodológico descreve-se o delineamento do estudo como uma abordagem qualitativa, o método escolhido foi o de histórias de vida, local de estudo, contextualizando os sujeitos da pesquisa, população e amostra, coleta de dados e instrumento utilizado. No final deste capítulo enfatiza a análise de discurso.

O Capítulo III – Análise e Discussões dos Resultados foram delineadas de forma a mostrar os resultados obtidos na coleta de dados da pesquisa de campo, no sentido de propiciar uma discussão baseada nos dados obtidos através de formações discursivas (FD):

trajetória de vida, identidade docente, feminização da profissão docente que foi introduzido no estudo a partir dos discursos das entrevistas e por fim a formação docente.

No que se refere às considerações finais, através da análise e discussão dos resultados do estudo respondemos aos objetivos, propostos no início da investigação, salientando-se, então, a necessidade de recomendar este tema estudado em pesquisas futuras na área de educação, no sentido de aprimorar os conhecimentos adquiridos a respeito do cotidiano dos professores .

I CAPÍTULO

PERCURSOS TEÓRICOS DA PESQUISA

“A identidade é o produto de sucessivas socializações, sendo construída na infância e reconstruída no decorrer da vida, ele depende tanto dos juízos dos outros quanto de suas próprias orientações e autodefinições.”

(DUBAR, 2005)

1.1 CONCEITO DE IDENTIDADE

A identidade, segundo Nóvoa (1995, p.16), “não é um dado adquirido, não é uma propriedade, não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e estar na profissão. Por isso, é mais adequado falar em processo identitário realçando a mescla dinâmica que caracteriza a maneira de como cada um se sente e se diz professor”. Nesta linha teórica, Hall (2006) realizou uma trajetória do conceito de identidade na história. O autor especifica três concepções num estudo realizado sobre a identidade cultural na pós-modernidade: a identidade do sujeito do iluminismo, sendo uma concepção do existencialismo; a identidade do sujeito sociológico, se referindo a uma concepção interativa da identidade e a identidade do sujeito pós-moderno, onde defende a idéia de uma identidade descentrada e não permanente. Neste mesmo fio condutor, Bauman (2005) afirma:

Tornamo-nos conscientes de que o pertencimento e a identidade não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos, para toda vida, são bastante negociáveis e revogáveis, de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorrem, a maneira como age _ e a determinação de se manter firme a tudo isso _ são fatores cruciais tanto para o pertencimento quanto para a identidade. (p. 17)

1.1.1 IDENTIDADE PROFISSIONAL NO CONTEXTO SOCIAL

O conceito de identidade é discutido atualmente em várias áreas profissionais, entre elas, na pedagogia, psicologia, sociologia e antropologia. Por assim se configurar em vários campos da ciência torna-se uma palavra polissêmica e com vários significados entre os autores. Estando inserido num contexto que envolve desde o indivíduo, isoladamente, como um ser pensante passando pelo coletivo (família e colegas) e, posteriormente, ao profissional docente (profissão escolhida).

A evolução da sociedade atinge a escola e coloca o educador em busca da compreensão da sua identidade profissional, ao tomar consciência do seu papel no contexto histórico e social da educação, quando novas tecnologias de ensino são introduzidas na escola e na vida.

Sendo assim, para Dubar (2005), “a identidade nada mais é que o resultado a um só tempo estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural,

dos diversos processos de socialização que, conjuntamente, constroem os indivíduos e definem as instituições” (p. 136).

A identidade social é construída pelos sujeitos sociais em uma perspectiva interacionista, na qual as expectativas que os membros do grupo têm sobre os papéis a serem desempenhados pelos sujeitos constituem seus pilares de sustentação (GOMES, 2006, p.4).

Desta forma, a construção da identidade pessoal e social aparentemente parece ser simples e bastante evidente na teoria, mas na prática é um processo de construção complexo e de múltiplos conceitos. Uma vez que cada indivíduo é único e apresenta suas próprias particularidades e com sentimentos individuais inseridos em uma sociedade bastante heterogênea. A aceitação de determinada identidade social supõe que haja interação entre os sujeitos na sua construção e partilha, assegurando assim um compromisso com o grupo, definindo os sentimentos de pertença social que sustentam a existência do mesmo, uma vez que o contexto que o indivíduo está inserido interfere em suas percepções e expectativas (GOMES, 2006).

Neste sentido, o indivíduo interage todo momento com o meio no qual está inserido, encontrando respostas para suas potencialidades e fraquezas, com o objetivo de investimento no seu crescimento e mudanças sejam elas profissionais e/ou pessoais. Desta forma, o social e pessoal se desenvolvem de forma bastante interligada, um complementa o outro a todo o momento.

Desta forma, construir uma identidade profissional pode ser compreendida como uma identidade social individual que envolve viver em sociedade, estilo de vida e escolha da profissão. Portanto, reconhecer a sua importância como profissional para formar pessoas os motiva na busca por conhecimentos, através da análise das práticas, tarefas e conhecimentos dos professores da docência. Neste sentido, o docente desenvolverá um enfoque mais reflexivo sobre como sua identidade profissional está sendo construída e idealizando objetivos futuros.

Na tentativa de conceituar identidade, a literatura sugere diferentes abordagens de acordo com os pontos de vista de diversos autores, conforme afirma Dubar (1997) a identidade não é construída de uma única vez, ela é o produto de várias socializações. Iniciando no nascimento, construída na infância e reconstruída no decorrer da vida, equivalente ao processo de comunicação e de socialização que é produzida.

Sendo assim, Garcia et. al (2005) define a identidade profissional como um conjunto de representações colocadas em circulação pelos discursos relativos aos modos de ser e agir

dos docentes no exercício de suas funções em instituições educacionais. Uma vez que a identidade se estabelece no processo de comunicação, sendo baseada em símbolos e significados pré-determinados pela sociedade já organizada, não podendo ser compreendida como uma mera soma de experiências passadas, a maneira pelo qual o indivíduo se identifica ao outro, está relacionada à maneira pelo qual o outro vai identificar o mesmo. Sendo construída através de vivências do seu dia-a-dia, delineando através do conhecimento social o seu eu pessoal.

A identidade pode ser compreendida como um processo que sempre está em constante transformação e renovação. À medida que o indivíduo é inserido no ambiente e interage com a sociedade ao seu redor, torna-se cada vez mais completo, contudo, a construção dessa identidade pode gerar conflitos individuais, uma vez que o crescimento e desenvolvimento social e profissional ao longo da vida passam por conflitos internos e externos, fazendo com que seus padrões e objetivos sejam aprimorados e conquistados a partir dos conflitos ultrapassados. Neste cenário, Gomes (2006) entende que a identidade social “é construída pelos sujeitos sociais de uma perspectiva interacionista, na qual as expectativas que os membros do grupo têm sobre os papéis a serem desempenhados pelos sujeitos constituem os pilares de sustentação” (p. 4).

Desta forma, nos últimos anos o mundo do trabalho, da ciência, tecnologia e relações sociais vêm passando por mudanças contínuas, exigindo renovações na área educacional, um docente mais atualizado. Sendo assim, a construção da identidade profissional resulta das configurações dessas mudanças, de acordo com as concepções do ensino e sociedade no desenvolver de sua trajetória profissional.

Considerando a importância da docência como profissão, o professor é considerado na atualidade um produtor de ciência, vinculado a transmitir aos seus alunos conhecimentos de sua vida profissional e pessoal, formando um profissional que questione e seja capaz de formar pessoas mais reflexivas. Todas estas transformações se interligam uma vez que o docente está inserido no meio social, envolvendo questões biológicas, afetivas e profissionais, desencadeando mudanças na forma de agir e pensar em sociedade, além de adquirir autonomia nas atividades que realiza.

Segundo Valle (2002), a idéia de identidade remete à intenção de constituir um corpo docente unificado, objetivando os sistemas educativos e esferas representativas pessoais da educação (sindicatos e associações, por exemplo). Valle destaca que não se trata, obviamente, de uma unificação em termos de carreira profissional, mas a de “engendrar uma unidade de

espírito em termos ideológicos, capaz de orientar uma prática docente suficientemente homogênea” (p.210). Para a autora, a construção das identidades profissionais envolve dois processos que coexistem e são complementares entre si: de um lado, temos os processos relacionais, marcados pela relação com o outro ou com instituições, por outro lado, temos o processo biográfico, a identidade para si. Dessa forma, investigar a construção da identidade profissional do professor implica investigar essas duas dimensões: o contexto da situação de trabalho como elemento que interfere nas concepções do professor acerca da profissão e de sua formação e, também, como concebe a docência a partir de sua trajetória pessoal, de sua biografia.

Sendo assim, Lopes (2008) afirma que “Pensar, analisar e perspectivar a construção de identidades torna necessária a referência à própria identidade, uma vez que as identidades existentes (ainda que dinâmicas) são condições facilitadoras ou inibidoras das identidades a construir” (p. 03).

No mesmo sentido, Brzezinski (2002) aborda a identidade como “a significação que cada profissional (ator-autor) docente confere a sua prática no cotidiano, na realidade, deve ser avaliada segundo os valores, história de vida, representações, saberes e angústias, anseios e sentido que tem o professor em sua vida” (p.123).

É importante ressaltar que a identidade individual possui aspectos que influenciam na identidade coletiva, ou seja, ambas se complementam. Em cada desempenho coletivo estão presentes as identidades individuais, assim como em cada desempenho individual estão presentes as identidades coletivas e as demais dimensões da identidade individual.

Vale salientar, que a construção dessas duas identidades são essenciais para definição de sua identidade profissional. Desta forma, podemos interpretar o conceito de identidade profissional através da integração e socialização do docente os quais se concentram nos processos de adaptação ao seu meio profissional.

Por um lado, podemos afirmar que a identidade profissional desenvolve-se e se adapta ao contexto social, político e histórico no qual o docente está inserido. Por outro, o perfil profissional, muitas vezes confundido com identidade profissional, desenvolve-se durante a formação acadêmica, neste caso, durante a formação docente que, por sua vez, está relacionada às competências e habilidades que o profissional apreende durante a formação. Neste sentido, podemos considerar que a identidade social não pode ser considerada como um antecedente familiar adquirido, mas, um processo de construção por cada geração. Esse processo de formação profissional é de extrema importância no campo de trabalho, emprego e

de formação, para assim adquirir reconhecimento da identidade social e no campo profissional (BRZEZINSKI, 2002).

Neste contexto, o docente é visto através de suas competências descritas em seus saberes constantemente renovados e adquiridos com o objetivo de atender por meio de conhecimentos teóricos e práticos, exigindo dos profissionais maiores exigências quanto a qualidade e produtividade requeridas por processos de produção e de trabalho. Sendo assim, a instituição de ensino deve oferecer uma formação e condições para atuar, atualizar-se e certificar suas competências adquiridas através do seu aprendizado e conhecimentos conquistados (BRZEZINSKI, 2002).

Tavares (2008), afirma que a “identidade profissional se submete ao princípio da racionalidade limitada, na medida em que as matrizes constitutivas de natureza inconsciente ou as lógicas mais conscientes de decisão são influenciadas pela posição do indivíduo no contexto em que se insere, mas também pela sua experiência passada” (p.97).

Vale salientar, que o desenvolvimento profissional é a forma como o docente se define e se relaciona com o outro. A trajetória docente é construída ao longo dos anos, tendo início na escola, passando pela escolha profissional, exercício da profissão e experiências vividas. Sendo assim, as transformações no percurso profissional dependem do compromisso pessoal com a profissão, disponibilidade para aprender a ensinar, as crenças, os valores, e os conhecimentos adquiridos.

Segundo Marcelo (2009), algumas investigações definem em três categorias as experiências que podem influenciar nas crenças e aprendizados que os docentes têm sobre o ensino; as experiências pessoais incluem aspectos da vida sobre determinada visão do mundo, crenças em relação a si próprio e aos outros, confrontando ideias sobre a relação entre escola/sociedade e família/cultura.

A experiência baseada em conhecimento formal, entendida como aquela que é trabalhado na escola, as crenças sobre as matérias que se ensinam e como se deveriam ser repassadas. A experiência escolar e de sala de aula devem incluir experiências vividas enquanto estudante, contribuindo assim, para formar uma idéia sobre o que é ensinar e importância do trabalho do docente. Neste sentido, todas essas experiências e crenças, afetam diretamente a interpretação e valorização que os professores fazem das suas experiências de formação de professores (MARCELO, 2009).

A identidade na educação deve ser concebida como prática social caracterizada como ação de influências e grupos, destinadas à configuração da existência humana (BRZEZINSKI, 2002, p.118). Por isso, as práticas sociais dependem de uma construção não só social, mas

política, histórica e de forma coletiva (BRZEZINSKI, 2002).

Sendo assim, Oliveira (2006) afirma que a construção da identidade não pode ser analisada como um processo de formação isolado. Sempre haverá uma relação com o outro, seja esse outro, concreto ou virtual, real ou imaginário, específico ou genérico – envolvendo acontecimentos sociais e coletivos.

Desta forma, a identidade docente nos últimos tempos sofreu transformações motivadas entre tantas questões, pela evolução em busca da compreensão de novos saberes acompanhada do crescimento tecnológico, facilitando assim, a renovação do conhecimento. O processo de aprendizagem integra aprendizado, oportunidades e experiências de forma sistematizada e interligada, promovendo o crescimento e desenvolvimento docente.

Neste sentido, a construção da identidade profissional docente é fortemente influenciada pelo projeto educacional do Estado, performatizada por um discurso legal, expresso por meio de parâmetros, regulamentos, manuais, portarias, discursos públicos, projetos e programas de formação. As mudanças e as reformas educativas reestruturam o trabalho docente e imprimem suas marcas no trabalho e na profissão docente (LAWN, 2000). Diante do exposto, Lawn (2001, p. 120.) defende que “o Estado cria novos tipos de professores para as novas orientações da política educativa, originadas em diferentes períodos deste século, têm sido as principais formas pelas quais a identidade do professor tem sido construída e mantida”.

Sobre a identidade docente Garcia et al, (2005, p. 47) afirmam que ela “é negociada entre essas múltiplas representações, entre as quais, e de modo relevante, as políticas de identidade estabelecidas pelo discurso educacional oficial”. Por outro lado, não podemos dizer que as identidades docentes se reduzem apenas aos discursos educacionais, já que a identidade se constrói a partir da socialização do indivíduo e de sua trajetória de vida.

A construção do conceito de identidade obedece a uma dupla transação, onde inclui uma transação biográfica ou subjetiva, além da objetiva e relacional (DUBAR, 2005). A transação biográfica se estabelece no indivíduo consigo próprio, entre o que tem sido (identidade herdada) e o que quer ser (identidade visada). A transação objetiva estabelecer-se entre o indivíduo e aqueles com os quais contacta diretamente ou indiretamente, pessoas específicas ou contextos, permitindo ou não a realização das identidades visadas. O desencontro entre a identidade visada e a identidade oferecida (atribuída) dá origem a acomodações ou a assimilações com vista ao desfazer desse desencontro. As acomodações traduzem-se na mudança individual para a adaptação ao contexto; as assimilações levam à mudança do contexto em função das perspectivas individuais (SILVA; LOPES, 2009).

Nesse sentido, Pimenta (2002) argumenta que a construção da identidade profissional parte de uma constante revisão dos significados sociais atrelados à profissão e à atuação. Enquanto, Garcia et al. (2005) identifica a identidade profissional docente como “as posições de sujeito que são atribuídas, por diferentes discursos e agentes sociais, aos professores e às professoras no exercício de suas funções em contextos laborais concretos” (p.48).

Assim, um dos pressupostos para a construção da identidade levando-se em consideração os procedimentos metodológicos é o conceito de saberes que configuram a docência, oferecendo suporte aos processos de reflexão sobre sua prática docente (BRZEZINSKI, 2002). Neste sentido, Tardif (2002) afirma em seu discurso sobre construção da identidade que:

(...) o saber não é uma coisa que flutua no espaço: o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com a sua experiência de vida e com as suas relações com os alunos em sala de aula e com os outros atores escolares na escola. (p.11)

Diante do exposto, a identidade do profissional é algo que sempre estará em constante transformação, não podendo ser definida como um conceito fixo e único. Uma vez que o conceito de identidade depende de um indivíduo para ser conceituada e o próprio ser humano é mutável, instável e suscetível a mudanças, torna-se um grande desafio para a profissão e entendimento do contexto social do indivíduo e sua trajetória profissional.

Deste modo, a identidade e sua construção é um processo contínuo, sujeito a mudanças e que ocorre no fluxo das atividades sociais. O conceito identidade deve ser entendido dentro de relações carregadas de poder e, por isso mesmo, caracterizado como relações de subordinação, cooperação ou competição, a depender do contexto e dos interlocutores (OLIVEIRA, 2006).

Portanto a identidade profissional não é estática e na sua dinâmica se distinguem as fases de aprendizagem e renovação de conceitos e posturas. Essas mudanças ocorrem na interação do indivíduo, no âmbito do trabalho e na sua coexistência com outros indivíduos da sua relação social. A construção da sua *práxis* profissional está interligada ao sentimento de identidade pessoal, ou seja, de como ele se vê num determinado momento histórico de sua carreira.

Nas culturas tradicionais, os comportamentos passados influenciam grandemente os comportamentos atuais. Assim, numa sociedade tradicional aprende-se a ensinar observando os professores e tentando simplesmente reproduzir o comportamento destes. Mas a tradição afeta também o futuro; a repetição permite definir ou pelo menos delinear a complexidade do futuro. Baseando-se no passado para definir o

futuro, um docente não precisa pesar nem improvisar cada ação. TARDIF(2009, p.29).

Segundo o autor a *práxis* profissional está interligada ao processo de construção da identidade profissional levando em consideração as mudanças que ocorrem e afetam as relações no processo de ensino e aprendizagem e nas lutas e conflitos que permeiam a construção da identidade profissional.

Mas o docente na educação deve ser visto como o profissional produtor e propagador dos conhecimentos, uma vez que as experiências são responsáveis pela construção da identidade profissional. Assim, faz-se necessário durante a formação acadêmica do professor promover reflexões que visem à conscientização desses profissionais a respeito da questão de sua própria identidade nos níveis pessoal, cultural e profissional, pois ao conhecer-se o educador poderá estar atento às atitudes em relação a essas questões.

Vale salientar, que a identidade do professor é definida como a união das características pessoais e profissionais e se constrói a partir das relações sociais, instituição educacional, família, educandos, influenciando de alguma maneira a estruturação do conhecimento. Contudo, esse desenvolvimento pessoal e profissional do docente é bastante complexo e conflituoso, uma vez que envolve diferentes significados, pontos de vista, valores morais e conceitos polissêmicos.

No sentido mais amplo, o processo de aquisição do conhecimento na sua trajetória pessoal, acadêmica e profissional, é pautado pelo acúmulo de saberes que farão parte do seu referencial teórico que vai fundamentar suas ações pedagógicas e pessoais, no que se refere as suas teorias, sua crença e seu posicionamento diante da leitura do mundo onde ele se insere e o processo cultural que envolve sua história de vida. Na concepção de Tardif (2002) o saber docente é múltiplo e pluriorientado por diversos saberes, originados dos saberes curriculares, das disciplinas, do exercício profissional e da experiência pessoal.

A construção da identidade do professor busca os pressupostos que permitem a compreensão dos referentes identitários do grupo social dos professores. Dessa forma as políticas educacionais fomentadas pela LDB (Lei de Diretrizes e Bases 9394/96), apontam para a qualificação do educador:

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal.

Outros decretos e resoluções foram acrescentados e publicados para fortalecer a

necessidade de capacitação dos educadores, tais como as disposições transitórias encontradas no Art.87 no inciso 3º parágrafo III que aponta a importância de “realizar programas de capacitação para todos os professores em exercício, utilizando também, para isto, os recursos da educação a distância” configurando mecanismos para assegurar o disposto na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) na garantia da reconstrução e resignificação da identidade do professor.

A questão da qualificação profissional dos educadores merece a atenção de todos os segmentos educacionais que estejam preocupados com os rumos da educação, sua qualidade e importância para a sociedade contemporânea. Pois como diz Maroy, C. (2009):

Diante de um contexto educativo e social mutável e complexo, o docente deve tornar-se um prático reflexivo capaz de adaptar-se a todas as situações de ensino pela análise de suas próprias práticas e seus resultados. Deve refletir sobre a questão do sentido das ações que efetua, interrogar-se sobre suas próprias concepções sobre o que faz e por que o faz. Põe essa capacidade de “auto-analisar-se”, ele não pode então “identificar os seus sucessos e insucessos” e assim ajustar as suas ações. (p.72)

O autor conceitua o professor como aquele que domina a disciplina que ensina, compreendida como a área em que atua, tendo capacidade de atuação, na disciplina que leciona e o programa elaborado pelas bases curriculares destinadas ao atendimento do educando, o professor deve, portanto, fundamentar sua *práxis* no saber científico-pedagógico os quais são vivenciados na reflexão dos desafios do cotidiano, e possibilitam a construção de um profissional crítico capaz de interferir criticamente na realidade que o cerca.

O processo de construção do docente envolve várias faces como, por exemplo, empenho profissional, ética profissional, coerência profissional e pessoal que devem ser o resultado de seus interesses, aspirações e objetivos futuros de oferecer uma educação contextualizada e de qualidade.

Conforme Pimenta (2002), tais questões são importantes e fundamentais na nova realidade das práticas educacionais e dentro dos novos contextos das licenciaturas, mas não só é preciso estar embasado pelos diversos meios disponíveis, calcados nas novas realidades dentro do mundo da tecnologia - incluindo aí a internet- as novas formas de aprimoramento profissional. Sendo necessário ressaltar que não se trata apenas de formação pela formação e, sim, construir uma identidade que marque nitidamente as possibilidades e as práticas do fazer profissional do professor na realidade concreta:

Profissionalismo significa compromisso com um projeto político democrático, participação na construção coletiva do projeto pedagógico, dedicação ao trabalho de ensinar a todos, domínio da matéria e dos métodos de ensino, respeito à cultura dos

alunos (...) É difícil aos professores assumirem os requisitos profissionais e éticos da profissão com os baixos salários, com a preparação profissional deficiente, com a baixa auto-estima que vai tomando conta da sua personalidade. (LIBÂNEO, 2001 p.90)

Nesse caminho algumas contradições são sensivelmente percebidas em termos da formação dos professores da Rede Municipal de Ensino da Cidade do Recife. Trata-se nesse caso de uma realidade definida, uma vez que a maioria sobrevive com dificuldades, salários aviltantes, condições precárias das estruturas físicas das escolas, dificuldades de acesso ao ambiente de trabalho, além da violência que permeia as relações dos alunos com os colegas e com o corpo docente, entre outros fatores.

Tais entraves, todavia, não podem e não devem servir como empecilho que contribua para a desistência do educador em aperfeiçoar-se; ao contrário, deve ser a marca de uma superação que vai acrescentar na sua competência a marca da conquista. Essa realidade legitimará decisivamente a formação dos professores e a aquisição de uma identidade sólida construída na reflexão do cotidiano profissional e pessoal. Desta forma, desenvolver no futuro um professor com capacidade crítico-reflexiva para interagir com o conhecimento, gerar novos saberes, e com isso, reconstruir a identidade do professor. A formação docente preocupa-se, cada vez mais, com a formação de uma nova identidade docente baseada em princípios éticos, investigativos, críticos e reflexivos (PIMENTA, 2002).

Para tanto, Nunes (2001, p.30), considera a “formação docente como um processo de autoformação, como uma tendência reflexiva sobre a prática docente”. Este processo está associado à interligação entre a identidade profissional e pessoal do professor.

Vale salientar, que o professor é responsável pela construção de sua identidade profissional, propondo a cada momento uma reflexão e ação sobre o seu desenvolvimento pessoal e profissional. Fazendo com que se compreenda como professor e qual o seu papel na profissão.

Segundo Moita (1995), profissionalização do professor está atrelada a melhoria do ensino e aprendizagem, para tanto é fundamental que o educador reconheça suas representações e identidade na prática profissional, a partir da reflexão sobre sua própria prática, na investigação de sua própria atividade docente; dessa maneira o educador pode produzir conhecimento a partir da prática pedagógica, refletindo e problematizando os resultados, tornando-se investigador de sua própria prática.

No contexto atual, é importante que se discuta a questão dos conhecimentos nos quais os docentes são especialistas, contribuindo para a construção da identidade profissional.

Dessa forma, a prática profissional tem como princípio a utilização de um instrumento contínuo e sujeito à renovação (BRZEZINSKI, 2002). Podemos ressaltar as rápidas transformações no mundo do trabalho e das relações sociais e suas identidades transitórias, é muito importante que aconteça um maior compromisso e conscientização profissional.

Uma das principais características da sociedade em que vivemos é a recomendação dos pais na infância sobre a dedicação aos estudos uma vez que o conhecimento é um dos principais valores de seus cidadãos. O valor das sociedades atuais está diretamente relacionado ao nível de formação de seus cidadãos e a capacidade de inovação e empreendimento que eles possuam. Nos dias atuais, ingressamos numa sociedade que exige dos profissionais uma permanente atividade de formação e aprendizagem, além de competências e atualização a todo o momento (MARCELO, 2009). Por isso, neste contexto, a identidade deve ser interpretada como algo progressivo e simultâneo, com o intuito de formar indivíduos com qualidades necessárias à construção de sua própria identidade, através de socialização e formação desses novos indivíduos.

Nóvoa (1995) discute a importância da reflexão e papel desempenhado pelo docente. Sendo este profissional autônomo, com um pensamento crítico-reflexivo que proporciona ao mesmo uma forma de pensar independente, facilitando o seu processo de autoformação docente. Enfatizando o papel do professor reflexivo como um elemento constitutivo da formação profissional.

Segundo Lopes (2008) no processo de construção da identidade, o docente está à procura de reconhecimento. Os critérios de reconhecimento que contam para o indivíduo são aqueles que sendo relevantes para si também o são para um grupo no contexto social. Não basta apenas ressaltar a importância do docente, mas realizar profundas mudanças nos sistemas educacionais atuais, como oferecer oportunidades educativas, reavaliação dos currículos tradicionais e o papel do professor no sistema (MARCELO, 2009).

Deste modo, as atividades de trabalho docente, os saberes profissionais são uma das principais fontes de reconhecimento ou não reconhecimento. Desta forma, a identidade é construída, a partir do significado social da profissão, resgatando a importância de se considerar o professor em sua própria formação e de reelaboração dos saberes iniciais em confronto com sua prática vivenciada (MARCELO, 2009).

Sendo assim, Moraes (2008) afirma essas exigências do mundo globalizado tem um papel muito importante em sua formação contínua e na construção de novas identidades, posto que ele necessite adequar-se à função de ensinar no mundo contemporâneo. Todos esses saberes são transformados e são integrantes na construção da identidade do docente.

Nesse sentido, Freire (1987) destaca que é natural do homem ter consciência de si e do mundo que o cerca, para entender a sua realidade histórica, necessita de posicionar-se historicamente, apropriar-se da superação dos problemas que terá que enfrentar. A educação, portanto, dará suporte para que os indivíduos tenham dimensões significativas da sua realidade.

1.1.2. FEMINIZAÇÃO DA PROFISSÃO DOCENTE

Os indivíduos se identificam individualmente, socialmente e historicamente através de identidades de gêneros em feminino e masculino. De acordo com Louro (1998) “os sujeitos podem exercer sua sexualidade de diferentes formas. Deste modo, suas identidades sexuais se constituiriam, pois, através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as” (p.26).

Diante do exposto, a relação entre os gêneros homens e mulheres é norteadas pelas diferenças biológicas, geralmente transformadas em desigualdades que tornam a mulher vulnerável à exclusão social. A exclusão atinge a mulher de várias formas, pelas vias do trabalho, da classe, da cultura, da etnia, da idade, da raça, e, assim sendo, torna-se difícil atribuí-la a um aspecto específico desse fenômeno, em vista de combinar essa exclusão.

Desse modo, mais que qualquer outro assunto ligado ao feminino que se deseja analisar, dificilmente se poderá compreender a feminização sem deixar de pensar em qualquer tipo de diferenças entre gêneros e exclusão particular da mulher (FISCHER, 2001). Neste sentido, com o movimento feminista as reivindicações pelo voto se intensificam, possibilitando uma maior atuação política e social, a domesticidade foi invadida e as mulheres passaram a atuar no espaço público e a exigir igualdade de direitos, de educação e profissionalização (ALMEIDA, 1998).

As mulheres sempre lutaram por seus direitos ao longo da história, o que lhes possibilitaria o trânsito da esfera doméstica para o espaço público. Sendo assim, o acesso das mulheres a educação e instrução foram muito mais relevantes segundo Almeida (2000), através da conquista do voto. Contudo, a participação política feminina no Brasil ainda continuou restrita e discriminatória a um pequeno grupo de mulheres educadas pertencentes a uma classe social superior. A educação só confirmava a centralização em aptidões domésticas e a profissionalização permaneceu relegada ao casamento e criação dos filhos.

Sendo assim, com o passar dos anos e os avanços da época a mulher passou a ter uma

outra postura diante da sociedade. Uma vez que o sexo feminino era destinado apenas para afazeres domésticos, exercendo um papel de mãe e esposa. Neste sentido, muitos pensavam que a partir do momento que a mulher procurasse instrução poderia interferir em seu bem estar e conseqüentemente na sua saúde e reprodução. Contudo, as feministas da época acreditavam que toda a instrução adquirida pelas mulheres traria benefícios para as mesmas e para a sociedade. Vale salientar que a mulher segundo Almeida (2000), era vista pela sociedade e Igreja Católica com muita doçura, alma e fé em Deus, sem ideais, submissa e que não precisavam adquirir novos conhecimentos.

Segundo Almeida (2000), as mulheres através da educação alcançariam a liberdade, os direitos sociais e políticos, a profissionalização e até o poder econômico que proporcionaria uma relativa autonomia, porém sofreram muita opressão até que o direito a educação fosse adquirido. Neste cenário, educadores, intelectuais, governantes e legisladores se encarregavam na elaboração de leis e decretos sendo todos do sexo masculino, criando as escolas para moças e influenciando na organização dos currículos e dos programas. Tendo uma ideologia doméstica e manipulando as regras e os rumos da educação feminina.

Contudo, se evidenciou que a educação baseada apenas nas prendas domésticas, não era suficiente, com isso, abriu-se à possibilidade para as moças cursarem a escola normal, mas teriam que dirigir sua vocação para o cuidado de crianças pequenas ou de pessoas na enfermagem, caso contrário seria considerado ilegal pela igreja católica e conservadores.

Sendo assim, a feminização do magistério primário no Brasil aconteceu numa época em que a educação se expandia em termos quantitativos, a mão de obra feminina na educação e em sociedade revelou-se importante e necessária. As mulheres sempre lutaram para conquistar vitórias no campo educacional, fazendo emergir mecanismos de controle e discriminação contra as mulheres e enraizar as ideologias de domesticidade e maternagem, ao transferi-las para uma profissão que deixava de ser masculina.

Contudo, essa ideologia foi usada pelo segmento feminino como um elemento de resistência e abriu os caminhos para sua rápida inserção profissional, o que se revelou como o primeiro passo dado em direção a uma inserção no mercado de trabalho. A possibilidade das mulheres ensinarem produziu-se uma grande demanda pela profissão de docente e por mais conhecimentos tendo como argumentações um melhor desempenho profissional na educação, derivado do fato que a docência está vinculada apenas às idéias de domesticidade e maternidade. Vale salientar, que a inserção das mulheres no magistério não foi aceita tranquilamente pelos homens e sociedade por significar perda de um espaço profissional (ALMEIDA, 1998).

Desta forma, toda essa invisibilidade produzida pela sociedade vinha sendo gradativamente rompida por algumas mulheres. Desde muito tempo as mulheres de classes trabalhadoras e camponesas exerciam atividades fora do ambiente doméstico e gradativamente passaram a ocupar escritórios, lojas, escolas e hospitais. Contudo, suas atuações eram sempre controladas e secundárias as dos homens e ligadas principalmente a educação e saúde. Embora que com o passar dos anos a importância do sexo feminino se igualou a do sexo masculino na sociedade (LOURO, 1998).

Segundo a visão masculina, setores sociais, políticos e oficiais ditavam as normatizações vigentes no período, onde ao sexo feminino lhe cabiam casamento, domesticidade e maternidade, dificultando a sua inserção no magistério. Entretanto, a feminização do magistério não se deu sem uma certa resistência por parte dos segmentos masculinos e foram acirrados os debates acerca da educação, impulsionados principalmente pela Igreja Católica e pelos segmentos conservadores da oligarquia paulistana, que se posicionaram contrários ao ensino igual para ambos os sexos (ALMEIDA, 1998). Sendo assim, até os dias atuais, segundo Louro (1998) de alguma forma permanecem as marcas religiosas da profissão, porém são continuamente interpretadas através de novos discursos e novos símbolos, “mantém-se o caráter de doação e de entrega que já se associava à atividade docente” (p.97).

No Brasil, nos primeiros anos do século XX surgiu a possibilidade de exercerem o magistério, uma profissão que rapidamente se feminizava. As mulheres consideravam a educação como uma forma de quebrar grilhões domésticos e de sair para o espaço público, sendo uma porta de entrada para o acesso ao poder. Desta forma, a exclusão feminina saiu da invisibilidade, desvendando mulheres com pensamentos que rejeitavam a subordinação ao modelo masculino (ALMEIDA, 2000).

Contudo, Rabelo (2006) afirma que os homens se dedicavam à educação, apresentando facilidades de promoção na carreira do magistério e no sistema educacional em geral. Já as mulheres, tinham muitas dificuldades na ascensão profissional o que as fazia continuar na carreira de professora primária por longo tempo.

Portanto, a feminização do magistério no Brasil pode ser considerada já devidamente alicerçada desde o século passado, e quando a República aconteceu, esse fenômeno era um fato consolidado e só veio a aumentar significativamente nas décadas seguintes, uma vez que as mulheres ao longo de décadas vêm mostrando seu potencial, conhecimento e capacidade de competir de forma igual com o sexo oposto. Tudo isso só foi conquistado através de reivindicações por direitos políticos, educacionais e profissionais levando as mulheres a

vislumbrar no magistério um espaço profissional que se adequasse ao que delas se esperava em termos sociais e aquilo de que realmente precisavam para ir ao encontro de um futuro com mais independência (ALMEIDA, 1998).

Os estudos feministas, conforme Louro (1998), estiveram sempre focalizados nas relações de poder entre os gêneros feminino e masculino, procurando demonstrar de várias formas o silenciamento, submetimento e opressão das mulheres. “De qualquer modo, a concepção que atravessou grande parte dos estudos feministas foi a de um homem dominante versus uma mulher dominada – como se essa fosse uma fórmula única, fixa e permanente” (p.37).

Segundo Almeida (1998), a ocupação e crescente progresso no magistério pelas mulheres se deu efetivamente pelo aumento do número de vagas e pelo aumento do abandono dos homens desse campo profissional, atrelados a oferta de novas profissões mais remuneradas que permitiram que seus lugares fossem ocupados pelas mulheres. Contudo, o real motivo da inserção das mulheres no magistério estava na sobrevivência. Quando o caso não era o da sobrevivência, e este devia ser raro, procuraram na profissão uma realização social que a posição invisível ou subalterna no mundo doméstico lhes vedava, submetidas que estavam à sombra masculina que na época era considerada soberana.

Sendo evidente que ao longo de décadas o sexo masculino foi perdendo seu espaço e se distanciando de vínculos com o magistério, principalmente no ensino primário, resultando em um campo predominantemente de mulheres. Deste modo, a crescente e progressiva inserção da mulher no mercado de trabalho é consequência de um somatório de acontecimentos derivados da industrialização, capitalismo, novas tecnologias e urbanização estarem ampliando o mercado de trabalho masculino, oferecendo inclusive ocupações vedadas às mulheres.

Vale salientar, que segundo Louro (1998) os gêneros feminino e masculino não podem ser formados apenas visando mecanismos de repressão ou censura, uma vez que podem ser construídos também “através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas. Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder” (p.41).

Vários foram os anos que o magistério primário era desempenhado apenas por homens e havia muitos professores lecionando nas escolas normais para moças e para rapazes. A primeira escola Normal em São Paulo, criada pela lei nº 34 de 16 de março de 1846, foi destinada apenas ao sexo feminino, tendo sido instalada numa sala de um edifício na Praça da Sé. Era uma escola de um único professor, que acumulava também a função de diretor e

acompanhava a turma de alunos até o final do curso. O acesso ao espaço público ainda seria, por um bom tempo, uma meta difícil de ser atingida e a profissionalização, em outras áreas que não o magistério ou a enfermagem, fazia-se muito restrita. Vale salientar, que apesar de todas as dificuldades enfrentadas pelas mulheres no ensino elementar, depois conseguiram alcançar o nível secundário e, finalmente, chegaram às universidades (ALMEIDA, 1998).

Desta forma, as mulheres conquistam o espaço público e a sociedade através da educação, instrução e profissão mais do que nunca, representaram a forma de quebrar preconceitos em sociedade, mediante o conhecimento e o trabalho, adequando às normas sociais ao mundo novo que seleciona os mais preparados e detentores de conhecimento.

As mudanças eram vistas pelo homem e sociedade de forma conflituosa onde a reprodução da espécie e a responsabilidade pelo cuidado com as gerações futuras se concentravam em mãos femininas sendo considerada uma esfera de poder e totalmente fora dos padrões da época.(ALMEIDA, 1998).

Neste cenário é possível identificar várias transformações na sociedade ao longo da segunda metade do século XIX, permitindo a entrada das mulheres na sala de aula e desta forma, pouco a pouco foi conquistando seu espaço e respeito na sociedade.

Na década de 30, Almeida (2000) cita as lutas por educação e instrução. Desta forma, começou a progredir e multiplicar os colégios e escolas normais. Nas décadas de 40 e 50 do século XX o lar ainda era considerado essencialmente reservado as mulheres e os cuidados com os filhos também. A carreira remunerada se baseava em preparo profissional, vida escolar e a legislação civil e trabalhista. Nas décadas de 60 e 70 do século XX, o feminismo consagrou a não discriminação calcada em fatores biológicos e hereditários, que mais tarde será chamado de multiculturalismo, considerando o pluralismo, diversidade e a diferença entre os seres humanos. As mulheres não mais calcadas e confinadas na penumbra dos afazeres domésticos e reprodução, mas como parte integrante do sistema produtivo.

Neste sentido, a década de 70 constatou um grande avanço com relação aos seus direitos no âmbito profissional, entre eles, estavam: remuneração salarial, benefícios, e licenças de saúde e maternidade, uma conquista pelo gênero feminino, numa sociedade onde o gênero masculino tinha voz e poder. Sendo assim, Louro (1998) afirma que as mulheres ocuparam na educação um universo marcadamente masculino e aos poucos foram ganhando seu espaço e respeito na sociedade.

A sociedade brasileira nesta década passou por várias revoluções femininas, mudanças ocorridas que resultou na introdução do conceito de gênero como relações sociais, históricas e cultural, elaboradas a partir de diferenças sexuais e relações entre os dois sexos. Relações

estas marcadas pelo poder, conflitos e desigualdades ao longo da história da sociedade. Vale salientar, que dos anos 90 até os dias atuais o plano educacional de magistério é predominantemente feminizado em praticamente todos os níveis de ensino. Contudo, as várias conquistas tecnológicas e científicas e a crescente expectativa de vida, ainda não conseguiram vencer e superar as diferenças sociais entre os seres humanos com desigual distribuição de riquezas (ALMEIDA, 2000).

Visto que a inserção das mulheres no mercado profissional foi acompanhada pela independência financeira sendo a única forma para se realizarem profissionalmente, embora estejam em maior número no campo educacional ainda são envoltas pela sociedade com um papel predominantemente de mãe e esposa.

Ainda no magistério, poucos foram os direitos assegurados, como por exemplo, jornada de trabalho compatível, com salários não diferenciados entre sexos, aposentadoria aos 25 anos de serviço, licenças de saúde e de maternidade, entre outros benefícios, embora a profissão, seguindo uma tradição de décadas, continuasse sendo mal remunerada. Tendo impacto nos dias atuais, atrelada a falta de remuneração aos serviços prestados pelo estado à população e não ao fato do magistério possuir maioria feminina, como tem sido comumente apontado (ALMEIDA, 1998).

Vale salientar, que nas primeiras décadas do século a imprensa brasileira sempre mostrou a desvalorização da categoria em toda a sua história. Neste sentido, Almeida (1998) acredita que toda essa desvalorização decorre principalmente da sociologia e economia do que de diferenciação sexual. O baixo estatuto da carreira docente no ensino primário e na escola pública tem suas origens mais na divisão classista da sociedade do que na sua feminização.

Deste modo, segundo Rabelo e Martins (2006) a feminização da profissão só contribuiu para a ascensão da desvalorização da profissão e repercussão dos baixos salários, uma vez que as mulheres teriam o dom para o magistério e, assim, seu salário (que já era pequeno) poderia ser menor, até porque esse dinheiro não seria para sustentar a família, pois caberia ao homem essa função.

Sendo assim, a mulher nos dias atuais ganhou a autonomia proporcional, mais às necessidades de sobrevivência ditadas pelas circunstâncias, iniciaram uma reviravolta nas expectativas sociais, familiares e pessoais acerca do sexo que até então estivera confinado no resguardo do espaço doméstico e no cumprimento da função reprodutiva. Atualmente, a história das mulheres é marcada por vitórias e conquistas constituindo um campo profissional em progresso e privilegiado, mas as mulheres, enquanto profissionais do ensino, têm sido constantemente relegadas ao esquecimento. Permanecendo presas ao passado não levando em

consideração que a predominância feminina no ensino profissional, desde o século passado, e as diferenças entre os sexos, denominadas relações de gênero da crítica feminista contemporânea, constituem-se importantes focos de análise e principalmente conquistas. (ALMEIDA, 1998).

Contrariando o cenário atual de desvalorização da profissão, cada dia que passa os professores comprometidos com o aluno e com a educação de uma forma geral vem realizando um trabalho digno e indispensável, embora os desleixos governamentais, baixos salários, e, más condições profissionais só fazem atrapalhar seu desempenho como docente.

É necessário segundo Almeida (1998), que a sociedade na qual a mulher está inserida compreenda que os processos de transformação ao longo dos anos são influenciados pelas estruturas econômicas, culturais e políticas. A transformação histórica do magistério também esteve ligada às alterações nas relações patriarcais que, há algum tempo, vinham reestruturando a sociedade nas primeiras décadas do novo século. Isso deve ser considerado nas análises sobre a profissão, nas quais classe e gênero exercem papel preponderante e, atualmente, também o conceito de raça.

As mulheres permaneceram no magistério apesar da ampliação dos leques ocupacionais por força do progresso, da industrialização e da tecnologia, com um número significativo gostando do que faz, acreditando e resistindo de forma criativa as dificuldades encontradas o que permite considerar que a dimensão humana comporta uma variada e extensa gama de análises que não podem deixar de envolver o universo profissional das professoras e das suas vidas no magistério (ALMEIDA, 1998).

A inserção das mulheres no campo profissional da educação trouxe mudanças e progressos. Para Almeida (1998) a incorporação dos atributos afetivos em uma determinada profissão não retira dela o conhecimento e a técnica necessária para sua valorização e correto desempenho na profissão. Desta forma, as mulheres desde início se mostraram comprometidas e com muita vontade de exercer o magistério, incluiu o potencial da competência exigida para o aprimoramento docente através do conhecimento prático e teórico.

Neste sentido é necessário segundo Rabelo (2006, p. 6174), “que a subjetivação que a sociedade exerce sobre a mulher não seja maior do que seus impulsos pessoais e a vontade de lutar por ideais. Afinal, não há coisa melhor do que fazer do seu ofício um prazer e um modo de batalhar pelo que se deseja”. As mulheres ao longo dos anos e a sua permanência profissional, passaram por muitas dificuldades, uma vez que eram vistas pelo homem e sociedade com atributos maternos, domésticos e de esposa.

É preciso para Rabelo (2006, p. 6174), “ter a consciência de que não são os fatores biológicos, muito menos, exclusivamente pessoais, que levam uma pessoa a fazer escolhas na sua vida, principalmente a opção profissional”.

1.2. TRAJETÓRIA SOCIAL: UM REFLEXO SOBRE A PRÁTICA PROFISSIONAL

A trajetória social é um reflexo sobre a prática profissional uma vez que compreender como cada pessoa desenhou sua identidade é uma maneira de descobrir os diversos caminhos traçados pelo indivíduo. Neste sentido, “formar-se supõe troca, experiência, interações sociais, aprendizagens, um sem fim de relações. Ter acesso ao modo como cada pessoa se forma é ter em conta a singularidade da sua história e, sobretudo o modo singular como age, reage e interage com os seus contextos” Neste cenário, a interação dos diversos fatores que traçam os percursos da vida a todo o momento é modificada e em constante processo de formação (MOITA, 1995, p. 115).

1.2.1 A INCORPORACAO DO *HABITUS* NO PROCESSO SOCIAL

A palavra grega *hexis* utilizada por Aristóteles para atribuir características do corpo e da alma que são adquiridas em um processo de aprendizagem foi traduzida pela palavra *habitus* e utilizada pela tradição escolástica (SETTON, 2002).

Neste sentido, o *habitus* é baseado na filosofia antiga, originária no pensamento de Aristóteles e na escolástica medieval, que foi recuperada na década de 1960 pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu. Visando forjar uma teoria disposicional da ação capaz de reintroduzir na antropologia estruturalista a capacidade inventiva dos agentes, não retrocedendo ao intelectualismo cartesiano que enviesa as abordagens subjetivas da conduta social, do behaviorismo ao interacionismo simbólico, passando pela teoria da ação racional (WACQUANT, 2007).

Nesse sentido Bourdieu (1998) utiliza o conceito de *habitus* para definir a relação mediadora entre os agentes sociais e a estrutura social, considerando, as condições históricas e sociais que ocorreram na trajetória pessoal e social de cada indivíduo.

As estruturas ou as condições que caracterizam uma classe social são apreendidas sob a forma de regularidades, que, associadas a um meio social, produzem sistemas de

disposições duráveis. Tais estruturas funcionariam como princípio gerador de práticas, é o produto da internalização, produzidas ao longo da trajetória do agente professor. Nesse sentido a relação dialógica entre a conjuntura e sistemas no processo de interação são produtos da relação do *habitus* com a pressão e estímulos circunstanciais. Dessa maneira o *habitus* torna possível analisar as atitudes subjetivas que estruturam as representações e a construção de novas práticas, portanto o *habitus* surge como um conceito capaz de harmonizar a oposição aparente entre realidade exterior e as realidades individuais, numa correlação entre o mundo individual e o mundo coletivo, como um conjunto de esquemas de percepção, apropriação e ação experimentada e praticada na ordem social (GONÇALVES NÁDIA G.; GONÇALVES, SANDRO A., 2010).

Assim, o conceito de *habitus* não representa uma ordem social que funciona pela reprodução e conservação, mas a ordem social se constitui na estratégia e *práxis*, nas quais os agentes reagem, adaptam-se e constroem a história, pois, à medida que as condições sociais e históricas são modificadas, o *habitus* também sofre alteração. O *habitus* pode ser ao mesmo tempo coletivo e individual, enfatiza sua característica de incorporação no agente, de tal forma que se torna o próprio agente, predispõe os indivíduos a fazerem suas escolhas em um processo de interiorização, reproduzindo internamente nele as estruturas externas do mundo (GONÇALVES NÁDIA G.; GONÇALVES, SANDRO A., 2010).

Diante do exposto, o tema em questão pode ser compreendido como um conjunto de valores, pensamentos incorporados pelo indivíduo possibilitando uma interpretação no local em que vive e, assim, orienta e regula suas práticas sociais. Atuando de forma a gerar formas de enfrentar as mais diversas situações importantes e imprevisíveis, essas situações é que guiam as representações e as práticas do indivíduo.

Deste modo, Dubar (2005) afirma que o *habitus* é um sistema de disposições duradouras e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípios geradores e organizadores de práticas e de representações firmemente estabelecidas do caráter moral que orienta nossos sentimentos e desejos em uma situação e, como tal, a nossa conduta. Isto significa que o agente social dentro do que foi abordado sobre socialização, vai construindo um sistema de disposições, ou seja, atitudes para perceber o meio em que se insere funcionando como princípios inconscientes de sua ação e reflexão.

A constituição do *habitus* está na relação dialética entre as estruturas e a conjuntura em que elas se inserem daí a relação entre o *habitus* e a prática. A prática fundamenta a noção de estratégia que pode ser individual ou coletiva, visando apropriação e expansão do capital

disponível e desejado (SETTON, 2002). Contudo, segundo Sanchotene (2006) a prática não pode ser concebida como reação mecânica, determinada pelo *habitus*. Deve ser entendido como esquema gerador de ações, na perspectiva de uma disposição durável, mas não estática.

O *habitus* traduz as características de uma classe, estilo de vida, escolhas, bens e práticas, se tornando definidor e necessários no campo escolar. Uma vez que os docentes ao longo de suas histórias de vida, trajetória profissional, conhecimentos, e, a partir disto, preferências, valores, crenças, que os colocam em um território de produtores/detentores de saberes (BAIRROS, 2008)

O *habitus* do docente segundo Bourdieu (1998) determina um modelo de atuação profissional e de sua relação com alunos e comunidade escolar que ensina e educa através da partilha de conhecimentos com alunos de escolas pertencentes. Vale salientar que o espaço social do qual o mesmo se origina, sua forma de pensar e agir, influencia o exercício de seu trabalho e de como isto norteia sua noção de profissão.

Essa teoria propõe pensar no processo de constituição das identidades sociais no mundo contemporâneo, auxiliando na construção de uma identidade social, em um sistema de orientação seja ele consciente ou inconsciente. Contribuindo para a reprodução da ordem social, através da adesão do agente que reconhece o processo de forma inconsciente. A compreensão deste conceito está em identificar a relação entre o indivíduo e a sociedade, onde se expressam ora antagônicas, mas, ao mesmo tempo, contraditórias. Refere-se às rotinas construídas pelos docentes no decorrer de sua trajetória, utilizadas formas inconscientes nos momentos em que considera oportuno. (SETTON, 2002)

Sendo assim, o *habitus* é “um sistema de disposições, modos de perceber, de sentir, de fazer, de pensar, que nos levam a agir de determinada forma em uma circunstância dada. Constituindo a maneira de perceber, julgar e valorizar o mundo na forma de agir, corporal e materialmente” (CHERQUES, 2006 apud BOURDIEU 2006, p. 33).

Condições estas que caracterizam uma classe social apreendidas sob a forma de regularidades que, associadas a um meio social produzem sistemas de disposições duráveis. Tais estruturas funcionariam como princípio gerador de práticas, ou seja, é o produto da internalização, produzidas ao longo da trajetória do agente professor. Nesse sentido, a relação dialógica entre a conjuntura e sistemas no processo de interação são produtos da relação do *habitus* com a pressão e estímulos circunstanciais (CHERQUES, 2006).

Dessa maneira, o *habitus* torna possível analisar as atitudes subjetivas que estruturam as representações e a construção de novas práticas, portanto o *habitus* surge como um conceito capaz de harmonizar a oposição aparente entre realidade exterior e as realidades

individuais, numa correlação entre o mundo individual e o mundo coletivo, como um conjunto de esquemas de percepção, apropriação e ação experimentada e praticada na ordem social. Neste sentido, o *habitus* pode ser compreendido como esquema de ação, de percepção, de reflexão. Sendo o produto das experiências individuais, coletivas e da interação entre essas experiências (CHERQUES, 2006).

Reconhecer o *habitus* na ação docente é ir de encontro ao modo como os professores exercem seu ofício. Da mesma forma que a profissão exercida se relaciona com as formas de culturas vigentes em determinado contexto social. Assim, podemos dizer que a cultura e o *habitus* estão imbricados, já que cultura não é só o acesso ao patrimônio cultural, além do indivíduo descrever e interpretar a realidade ligada a esquemas de percepções do mundo.

A relação entre *habitus* e prática se torna evidente uma vez que ambos estão presentes na vida do indivíduo e provocam ações na sociedade, expressando através do seu dia-a-dia pelas convicções nas maneiras de fazer as coisas, entendidos como ação humana. Portanto, ele abrange uma variedade de relações e dentre elas, a relação do indivíduo na sua prática social.

1.2.2 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE

De acordo com Moita (1995) “A construção de si próprio é um processo de formação [...] compreender como cada pessoa se formou é encontrar as relações entre as pluralidades que atravessam a vida”(p.114).

Segundo Castells (2008) a construção social da identidade é marcada por relações de poder apresentando três formas e origens, são elas: identidade legitimadora sendo introduzida por instituições dominantes com o objetivo de expandir sua influencia sob os atores sociais como um conjunto de organizações e instituições, bem como ”uma série de atores sociais estruturados e organizados, que, embora às vezes de modo conflitante, reproduzem a identidade que racionaliza as fontes de dominação estrutural” (p. 24).

A segunda forma é a identidade de resistência, sendo criada por atores que se encontravam de alguma forma desvalorizados e estigmatizados, construindo uma resistência coletiva e desta forma, definitiva na constituição dos limites de resistência. E a terceira e última forma é a identidade de projeto, onde constroem uma nova identidade redefinindo sua posição na sociedade em busca da transformação da estrutura social. Sendo assim, remete no projeto de vida diferente expandindo o desejo de transformação da sociedade (CASTELLS, 2008).

As mudanças no sistema educacional têm levado estudiosos, educadores, governos e a sociedade civil nas últimas décadas a buscarem alternativas de solução para os problemas que impedem o avanço da educação de qualidade, e segundo o autor, as reformas educacionais devem ter como objetivo principal a formação do educador comprometido com as mudanças e transformações sociais.

Portanto a prática docente consiste na atuação do professor, no ato educativo, sendo necessário o suporte da escola de forma global, mediando os processos que o educando e o educador utilizam para se apropriar do conhecimento da sua própria cultura, e da cultura dominante desmistificando o senso comum do saber elaborado pela humanidade. Segundo FREIRE (1992):

O que se exige eticamente de educadoras e educadores progressistas é que coerentes com seu sonho democrático respeitem os educandos e jamais, por isso mesmo os manipule. Daí a vigilância com que devem atuar, com que devem viver intensamente sua prática educativa; daí seus olhos devendo estar sempre abertos, seus ouvidos, também, seu corpo inteiro aberto às armadilhas de que o chamado “currículo oculto” anda cheio (p.80).

Nesse contexto, a *práxis* do educador refere-se às mediações que ele deve fazer no encontro com a sua realidade e a do aluno além de atentar para o conhecimento que está incluso no currículo repassado através dos conteúdos, que são trabalhados na escola. De acordo com Teodoro (2001):

Os professores dos ensinos Fundamental e Médio não podem mais ser entendidos como meros tradutores ou difusores de saberes construídos por outros, seja no campo científico das disciplinas que lecionam, ou no campo específico das ciências da educação (...) exige um entendimento do professor como pesquisador, em sala de aula, capaz de conhecer os alunos e a comunidade com que trabalha, de construir estratégias de diferenciação pedagógica, de trabalhar em equipe, de produzir quotidianamente inovação, de mediar o contacto crítico dos seus alunos com a beleza do conhecimento e da aventura humana (p.153).

A construção da identidade do educador se constitui uma necessidade primordial para que a educação possa atingir seus propósitos constitucionais e garantir sua função social para tanto é importante que o educador seja um profissional que busque cotidianamente mudanças na sua profissionalidade. Neste sentido, a construção da identidade docente está em constante transformação a partir de práticas sociais e criação de discursos conforme cada docente em formação, fazendo uso de instrumentos cognitivos, afetivos e linguísticos. (OLIVEIRA, 2006).

Deste modo, a tarefa do professor na construção da identidade consiste na produção de

conhecimentos e criação das condições para que este ocorra. O trabalho docente constitui uma prática social transformadora da realidade educacional partindo da inter-relação com o aluno, os saberes e a escola no cotidiano do seu trabalho. Dessa forma, o processo de construção das identidades sociais e profissionais estaria em relacionar as identidades de si e para o outro. Envolvendo a maneira pela qual atores sociais se identificam uns com os outros e constroem simultaneamente uma imagem de si (DUBAR, 2005).

Vale salientar, que os cursos de formação inicial têm importante papel na construção e fortalecimento da identidade docente, na medida em que viabilizam a reflexão e a análise crítica de diversas representações sociais construídas e praticadas na profissão. Diante do exposto, o desenvolvimento pessoal e profissional do docente é um processo complexo a partir do momento que o agente se posiciona em relação a múltiplas e, por vezes, situações contraditórias. Uma vez que essa multiplicidade e contradições repercutem em seus valores morais e crenças que nos situam em diferentes contextos criados nas instituições sociais e nos vários campos científicos. Levando a construção de sua trajetória social e profissional. Neste sentido, as identidades profissionais dos docentes, é uma das dimensões de sua identidade social, uma construção ao mesmo tempo individual e social, não se reduzindo apenas a formação profissional (DUBAR, 2005).

Esta abordagem permite compreender as interações entre dois conceitos importantes nesta formação do eu pessoal e eu profissional que são as várias identidades. De acordo com Nóvoa (1995), a identidade pessoal remete à percepção subjetiva que um sujeito tem da sua individualidade; inclui noções como consciência de si, definição de si. Já a identidade profissional, atravessa a vida profissional, desde a opção por uma profissão até a sua concretização em espaços institucionais em que a profissão se desenrola. Essa identidade é a soma das experiências feitas, das decisões tomadas, das práticas desenvolvidas, dos momentos de certezas e incertezas e do caminho escolhido a ser seguido como profissão.

A reflexão sobre a identidade profissional do educador é um ponto de grande relevância para os questionamentos que envolvem a educação por se tratar de discernir o comportamento profissional do professor no que se refere a produção do conhecimento, como ele transmite os saberes elaborados e produzidos pela humanidade. Neste cenário, a identidade profissional depende da interação entre o individual e coletiva, anterior e posterior, cultural e social.

Por isso, é fundamental que, na prática da formação docente, o aprendiz de educador assuma que o indispensável pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados intelectuais escrevem desde o centro do poder mais, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador (FREIRE, 1997 p.43).

Essa concepção é reafirmada pelo autor no que diz respeito à formação permanente do professor e se fundamenta na reflexão crítica sobre a prática, pois somente assim ele pode aperfeiçoar sua atuação enquanto educador crítico voltado para a melhoria das suas ações pedagógicas numa produção conjunta com os conhecimentos confrontados na construção da formação acadêmica que estão relacionados com as habilidades e competências que o professor apreende com os saberes sistematizados concebidos no aperfeiçoamento profissional e pessoal.

Sendo assim, a formação e as práticas cotidianas dos professores caminham juntas. As questões colocadas pelos acontecimentos do dia a dia dentro e fora da sala de aula requerem um permanente aprimoramento do ser professor, revisando conceitos, aprimorando práticas, ensejando alternativas para o novo mundo que se desdobra, repleto de oportunidades. Essa construção docente envolve múltiplas faces como o engajamento da formação e informação permanentes, coerência profissional e pessoal que devem ser o resultado de suas buscas, aspirações e desejos de agir contextual e coerentemente na educação de qualidade.

1.2.3 UMA REFLEXÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA NO CONTEXTO ATUAL

A prática docente é um estudo contínuo, não consistindo apenas na construção de uma carreira, mas da formação da identidade profissional docente comum, tanto aos em formação quanto aos formados. Segundo Silva e Lopes (2009), deve-se atentar para a existência de outros saberes que, juntamente com os da experiência, contribuem para a construção da identidade docente, ou seja, a docência desenvolve no indivíduo saberes próprios, é assim, um ofício feito de saberes.

Segundo Benites (2006), a prática pedagógica depende de alguns pressupostos como a formação, a ação e reflexão sobre o que se faz, a maneira de pensar e de agir, as mudanças decorrentes da evolução social e seu acompanhamento, enfim, a relação entre a realidade social e o meio no qual está inserido. Sendo assim, o processo de construção da docência tem um longo histórico marcado por processos de ordem religiosa, por concepções de mestre, educador, pedagogo etc. E até mesmo pela sua condição de ser ou não uma "profissão" na esfera do status e hierarquização.

Deste modo, para atuar na sociedade contemporânea o docente deve sempre buscar novos conhecimentos, informações, novos modos de pensar e agir, estimulando enquanto profissional a necessidade de estar sempre se atualizando, juntamente com as transformações

sociais, políticas, culturais e econômicas, associando o conhecimento a novas realidades. Neste sentido, a associação de conhecimentos é decisiva no processo de construção da identidade do sujeito e do profissional, sendo construído e reconstruído no processo de formação em sociedade, através das diferentes vivências em sociedade e da história de vida de cada pessoa. (BENITES, 2006).

Neste sentido, a formação do docente é um processo de desenvolvimento e valorização da identidade, ressaltando que ao produzir a vida do professor implica a valorização em sua formação através de um trabalho crítico-reflexivo sobre suas práticas e sobre suas experiências compartilhadas (PIMENTA & GUEDIN, 2002).

Nóvoa (2001), em entrevista concedida à mídia brasileira, no Programa Salto para o Futuro, expõe sua linha de pensamento sobre a educação, a prática pedagógica e a capacitação profissional dos educadores, indicando caminhos possíveis para a superação de problemas encontrados na formação de educadores, nas dificuldades históricas de desenvolvimento da escola e das escolas de formação de professores, que entravam muitas vezes a educação comprometida com a democratização e a universalização do ensino:

Durante muito tempo, quando nós falávamos em formação de professores, falávamos essencialmente da formação inicial do professor. Essa era a referência principal: preparavam-se os professores que, depois, iam durante 30, 40 anos exercer essa profissão. Hoje em dia, é impensável imaginar esta situação. Isto é, a formação de professores é algo, como eu costumo dizer, que se estabelece num *continuum*. Que começa nas escolas de formação inicial, que continua nos primeiros anos de exercício profissional. Os primeiros anos do professor – que, a meu ver, são absolutamente decisivos para o futuro de cada um dos professores e para a sua integração harmoniosa na profissão – continuam ao longo de toda a vida profissional, através de práticas de formação continuada. Estas práticas de formação continuada devem ter como pólo de referência as escolas. São as escolas e os professores organizados nas suas escolas que podem decidir quais são os melhores meios, os melhores métodos e as melhores formas de assegurar esta formação continuada. Com isto, eu não quero dizer que não seja muito importante o trabalho de especialistas, o trabalho de universitários nessa colaboração. Mas a lógica da formação continuada deve ser centrada nas escolas e deve estar centrada numa organização dos próprios professores.

Na visão do autor, os primeiros anos de prática pedagógica vão determinar o envolvimento do educador com a profissão que escolheu e a busca pelo saber acompanhará por toda sua trajetória profissional, pois é na instituição educacional que as decisões pedagógicas devem ser tomadas e estimuladas pelos próprios docentes.

A formação continuada configura um processo contínuo, pelo qual o professor constrói a sua identidade profissional iniciando sua trajetória profissional ainda na universidade onde através da atividade acadêmica na área específica de conhecimentos esta experiência é transmitida e aprimorada, sob a forma de produção de saberes, constituindo-se um perfil

identitário assumido pelo profissional como professor.

É importante que a formação inicial e contínua deve ser repensada mediante exercício da reflexão crítica, tendo em vista que o próprio trabalho docente tendo como base saberes que reflitam na constituição da identidade docente, um profissional produtor de ciência, baseado em conceitos e princípios éticos do processo pedagógico. Vale salientar, que as experiências docentes refletem em saberes e ensinamentos que vão sendo concebidas e articuladas através das histórias de vida de cada pessoa e da trajetória profissional.

A conquista da escola pública no Brasil foi efetivada ao longo do século XX e com ela persistem os desafios relacionados à superação da exclusão e do analfabetismo. O campo da política educacional aponta para novos desafios, entre eles: produção e adaptação da inserção dos novos currículos e do conteúdo da LDB 9394/96 (SOUZA, 2004). “Precisamos reconhecer, com humildade, que há muitos dilemas para os quais a resposta do passado já não serve e a do presente ainda não existem. Ser professor do século XXI é reinventar um sentido para a escola, tanto do ponto de vista ético quanto cultural” (NÓVOA, 2002, p.18).

Segundo Benites (2006), “é fundamental apontar que a construção de uma prática pedagógica, fundamentada, está a mercê de influências da formação inicial, dos saberes docentes, da valorização da profissão e, o principal, está condicionada a uma concepção de ensino e a uma identidade profissional” (p. s/n.). A concepção de práticas pedagógicas que respondam a estas preocupações contém, atualmente, uma dimensão organizacional e, por isso, é tão importante equacionar o papel da escola como espaço de referência da profissionalidade docente (NÓVOA, 1999).

Neste sentido, a prática docente é uma atividade complexa não se restringindo ao espaço formal de ensino e sim, relacionada aos diferentes contextos e experiências pedagógicas. Desta forma o professor no exercício da docência está continuamente aprendendo, a partir do momento que pensa, sente e age sobre sua profissão como uma realidade social e histórica. Para Tardif (2002):

(...) o saber dos professores não é um conjunto de conteúdos cognitivos definidos de uma vez por todas, mas um processo em construção ao longo de uma carreira profissional na qual o professor aprende progressivamente a dominar seu ambiente de trabalho, ao mesmo tempo em que se insere nele e o interioriza por meio de regras de ação que se tornam parte integrante de sua consciência prática. (p.14)

Diante do exposto, a prática pedagógica na sociedade brasileira requer a utilização da categoria totalidade, envolvendo características marcantes da sociedade que influenciam a realidade educacional. Sendo essencial aproximar os diversos fatores determinantes da prática

pedagógica, inteirando as relações de produção, ideologia, a formação socioeconômica brasileira e as classes sociais (SOUZA, 2004).

Deste modo, Souza (2004) afirma que as modificações evidentes na sociedade brasileira contribuem para a compreensão de aspectos que envolvem a prática pedagógica e formação continuada. No primeiro momento, a prática pedagógica pode ser considerada como parte de um processo social e de uma prática social maior. Envolvendo a dimensão educativa não apenas na esfera escolar, mas na dinâmica das relações sociais que produzem aprendizagens, que produzem o “educativo”. Já em um segundo momento, a prática pedagógica expressa às atividades rotineiras que são desenvolvidas no cenário escolar. As atividades planejadas têm o intuito de possibilitar a transformação, tanto o individual como profissional.

É preciso substituir a pedagogia e saberes pré-fixados por uma pedagogia de perguntas e do acessamento de informações. Portanto, é preciso que o educador seja um intelectual comprometido em romper com a reprodução de velhos conceitos e velhas fórmulas educacionais, renovando conhecimentos e a criação das condições para que esta ocorra e seja colocada em prática.

Neste sentido, as exigências da sociedade pelo conhecimento ao mesmo tempo em que provocam insegurança, incertezas, medo, assim também, estimulam a criatividade do docente, portanto as preocupações com o aprofundamento, mas questões referentes à construção e reconstrução do conhecimento estimulam de várias formas a busca por uma formação continuada.

Deste modo, a importância das ações educativas, segundo Nóvoa (1999) sempre revestiu de uma grande complexidade e de margens significativas de imprevisibilidade. Estas características são ainda mais marcadas nos dias de hoje, devido à presença na escola de crianças de todas as origens sociais e culturais, assim como à democratização do acesso às mais variadas tecnologias de informação e comunicação. Desta forma, a educação continuada atua como um conjunto de competências que são necessárias para exercer a profissão, daí a importância da renovação.

A sociedade atual está passando por modificações tecnológicas e aprimoramento de novas ciências, saberes, pensamentos, principalmente mudança constante no processo de conhecimento pedagógico, refletindo na sala de aula e conseqüentemente naqueles que são protagonistas da propagação da aprendizagem: os alunos e docentes, gerando principalmente no contexto escolar o comprometimento do processo de ensino e aprendizagem.

Diante do exposto, atualmente manter-se sempre atualizado sobre novas tecnologias é desenvolver práticas pedagógicas mais eficientes sendo um dos principais desafios da

profissão docente, visando o aperfeiçoamento profissional no contexto de trabalho. Assim, a questão maior talvez seja recuperar o valor social da profissão docente, tanto do ponto de vista salarial quanto no sentido de torná-la uma profissão que envolva, que conquiste os que querem ser professores. É necessário renovar a prática pedagógica priorizando o conhecimento intelectual o que motivará sua participação no processo de desenvolvimento social, não se comportando apenas como um receptor de informações, mas um formulador de conhecimentos e pensamentos próprios.

Na visão de Souza (2004), o mundo escolar e nele as práticas pedagógicas está interligada com as relações sociais que marcam a sociedade brasileira, como, por exemplo, a exclusão, desigualdade social e relações de poder e de alienação. O cotidiano é organizado de forma fragmentada e homogênea, embora carregado de heterogeneidades. Desta forma, o nosso dia a dia é marcado por “correria constante entre a casa, a escola e o centro de formação elimina, muitas vezes, a possibilidade de autênticos percursos de formação pautados por ritmos e tempos próprios” (NÓVOA, 1995, p.8).

Neste contexto, desenvolver o exercício da participação é um desafio para os próprios alunos, professores e pesquisadores. A participação ocorre quando há disponibilidade individual para superar as deficiências e quando há liberdade e respeito entre os envolvidos. É neste contexto, que a informação e o desenvolvimento de conhecimentos científicos são fator impulsionador da participação nas atividades escolares no campo da prática pedagógica (SOUZA, 2004).

Sendo assim, os saberes em pedagogia devem ser transformados ou aprimorados a todo o momento pelos docentes, desafiando e repensando seu papel diante o meio social, formando alunos capazes para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e condutas que facilitem o enfrentamento de situações dinâmicas. É importante preparar o aluno para comunicação, utilizando conhecimentos científicos e buscar sempre se aperfeiçoar continuamente com responsabilidade, criatividade e criticidade. (ARAÚJO, 2005).

A formação e as práticas cotidianas dos professores caminham juntas. As questões colocadas pelos acontecimentos do dia a dia, dentro e fora da sala de aula requerem um permanente aprimoramento do ser professor, revisando conceitos, aprimorando práticas, ensejando alternativas para o novo mundo que se desdobra, repleto de oportunidades. A formação e as práticas cotidianas dos professores caminham juntas. As questões colocadas pelos acontecimentos do dia a dia, dentro e fora da sala de aula requerem um permanente aprimoramento do ser professor, revisando conceitos, aprimorando práticas, ensejando alternativas para o novo mundo que se desdobra, repleto de oportunidades (ARAÚJO, 2005).

No sentido mais amplo, o processo de aquisição do conhecimento na sua trajetória pessoal, acadêmica e profissional, é pautado pelo acúmulo de saberes que farão parte do seu referencial teórico que vai fundamentar suas ações pedagógicas e pessoais, no que se refere ao seu interesse diante da leitura do mundo onde ele se insere e o processo cultural que envolve sua história de vida.

A atuação como docente é um processo de construção pessoal a partir da apropriação do conhecimento, não basta mudar as pessoas e os contextos educativos e sociais, o exercício de entender o outro nas suas semelhanças e diferenças é essencial. Portanto, inserir essas pessoas neste contexto é que se muda a educação, a busca por novos saberes individuais e coletivos da profissão leva necessariamente ao estudo da identidade docente (TARDIF, 2002).

Deste modo, ao abordar teorias sobre o conhecimento e os saberes encontramos a "subjetividade" dos docentes, compreendendo melhor a natureza do ensino, assim podemos definir o professor como um sujeito que assume na sua prática a partir dos significados que ele mesmo define, um sujeito que possui conhecimentos e um saber fazer proveniente de sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e a orienta (TARDIF, 2002).

Nessa perspectiva, o processo de formação possibilita a inclusão da voz do professor, de sua história pessoal, da formação e do trabalho como elementos fundamentais no enriquecimento profissional de seus saberes teóricos e práticos.

1.2.3.1 MAL-ESTAR DOCENTE: CONSEQUÊNCIAS DA PROFISSÃO

A sociedade com o passar dos anos vem sofrendo grandes transformações na esfera política, econômica, e social, exigindo um profissional docente mais capacitado, dinâmico e reflexivo, capaz de atuar na realidade social. A sociedade evoluiu e com ela veio às exigências por um profissional docente mais dinâmico e informado considerado nos dias atuais um fator de sobrevivência.

Os professores são pessoas com "sentimentos, afetos, preferências, cóleras. Sendo assim, a escolha por uma profissão e a condição do próprio exercício é fundamental para a formação da sua identidade, além de conduzir a diferentes graus de satisfação ou insatisfação dentro do exercício profissional.

A formação da identidade pessoal tem início na fase infantil, a partir do momento que a criança começa a assimilar traços e características tanto de pessoas, como de objetos externos. Este processo depende tanto da cultura, como de uma categoria social do indivíduo.

O desenvolvimento desse eu depende das pessoas ou grupos de pessoas com os quais nos identificamos, mas isto ocorre em nível generalizável e a intensidade desta identificação é variável (SILVA e CHAKUR 2009).

Deste modo, o mal-estar na educação é um fenômeno mundial sendo preocupante entre os profissionais de educação, especialmente professores. Vale salientar, que o magistério reúne e acomoda condições desfavoráveis de trabalho, entre eles estão os baixos salários, indisciplina e desvalorização profissional, mostrando que o profissional da educação se depara com problemas de saúde gerados pelo estresse de uma vida corrida e acarretando no afastamento de sua função de educador (SILVA, 2011).

Neste sentido, a atitude dos professores diante das dificuldades da profissão resulta em mudanças sociais que traduzem uma evidente crise de identidade conduzindo a diferentes tipos de reações, entre elas, o impacto do exercício profissional na vida pessoal, rendimento e saúde dos professores.

Vale salientar, que estudos comprovam que a formação docente vem passando por transformações no mundo atual, levando o docente a novos saberes, novas exigências e a um ritmo acelerado na jornada de trabalho. O mal-estar docente é um tema muito discutido entre vários estudiosos, em decorrência de uma vida moderna acelerada e novas exigências no âmbito do trabalho levando os indivíduos a, gradativamente, desenvolver algum tipo de distúrbio (SILVA, 2011).

Segundo Shockness (2011), o sentimento gerado pelo mal-estar pode estar relacionado a vários fatores, entre eles está a relação entre professor-aluno, comunidade escolar, com os colegas e equipe diretiva. Nessas relações ganha destaque o mal-estar relacionado ao aluno incluído nas escolas após a democratização do ensino e no que se refere ao aluno que não se prontifica a aprender. O sentimento de solidão do professor ao lidar com os problemas decorrentes do cotidiano escolar configura como fator de mal-estar docente.

No entanto, outras causas levam ao cansaço pela profissão, entre eles, o ritmo de trabalho intenso com vários empregos nos três turnos. Entre outros estão o barulho durante as aulas, precárias condições de trabalho, violência em sala de aula e falta de respeito com o profissional docente. A insatisfação com as condições de trabalho e a falta de autonomia para apontar os principais problemas com que se debatem e com o fato de não lhes permitirem a participação de forma positiva para a resolução desses problemas (SHOCKNESS, 2011).

O mal-estar pode trazer sérias conseqüências, entre elas, mudanças de hábitos e problemas de saúde como: insônia, fadiga intensa, distúrbios psíquicos, problemas na fala e síndromes. Segundo Shockness (2011), a doença ocupacional com maior incidência entre os

docentes é a síndrome de *Burnout*, definida, como uma das conseqüências mais marcantes do estresse profissional, onde se caracteriza por exaustão emocional, avaliação negativa de si mesmo, depressão e insensibilidade com relação à quase tudo e todos.

Este quadro que rodeia o mal-estar segundo Araújo (2005), promove o aumento da tensão no exercício do trabalho docente, uma vez que proporciona o aumento das responsabilidades sem que tenham sido oferecidos meios e condições laborais adequadas para o atendimento a essas novas demandas. Essas mudanças, portanto, favoreceram significativo desgaste biopsíquico do educador.

O sentimento de mal estar agrava-se quando os professores percebem não ter nenhuma autonomia para identificar os principais problemas com que se debatem e com o fato de não lhes permitirem contribuir de forma significativa para a resolução desses percalços da profissão no seu ambiente de trabalho. Lembramos aqui a dissertação de mestrado de Antônio (2002), ULHT/PT, “O outro lado do espelho”, onde faz referência a este assunto em sua investigação, na busca de compreender como o papel dos docentes influi nas suas condutas e conhecer as expectativas e as frustrações das professoras perante a docência.

No Brasil, a partir da década de 90 “cresceu o número de investigações acerca do processo saúde-doença nesse grupo ocupacional. Essas investigações têm dado visibilidade aos processos de adoecimento ocorridos e sustentado a necessidade de intervenções nas condições de trabalho dos professores” (ARAÚJO, 2005, p.8). No entanto, “o Brasil, pouco se fez no sentido de avaliar os efeitos do trabalho sobre a saúde em categorias de trabalhadores onde esses riscos são menos visíveis, como é o caso dos professores” (SILVA, 2011, p.s/n).

A autora aponta para o tamanho e a dimensão desse problema, os docentes adoecem mais e mais na busca da realização individual e profissional, na esperança de mudanças no contexto da educação. Levando com isso, a desequilíbrios emocionais na luta incessante de concretização e sucesso na vida como educador. Ainda na mesma ótica observa que o trabalho docente por ser muito corrido deixa pouco tempo para a vida familiar e o lazer com os filhos, marido e parentes. Envolvendo os agentes estressores do trabalho e da vida cotidiana. A pessoa, além de assumir habituais responsabilidades ocupacionais, e exigências de competência profissional a todo o momento, tem que lidar com problemas e decisões da vida em sociedade, tais como atenção e manutenção da família, as exigências culturais (SILVA, 2011).

É possível que todos esses novos desafios superem os limites adaptativos, em conseqüência levando ao estresse e ao sofrimento. Trata-se de um processo que acaba atingindo os docentes, onde no início da profissão estão motivados e esforçados, que ao longo

dos anos de exercício profissional sofrem as perdas progressivas do idealismo, acabando no descontentamento e apatia.

Diante do exposto, o reconhecimento de seu trabalho é fundamental para a motivação do docente. A partir do momento que ele é valorizado ele é capaz de responder com iniciativa e criatividade. Porém, quando essa valorização não acontece, conseqüentemente a motivação não se concretiza, fazendo com que o trabalhador responda com desinteresse e desprezo pelo que realiza e não veja qualquer sentido na sua atividade, apresenta-se desmotivado para a função que exerce. Sendo assim, é importante a prevenção, já que nem todo trabalho gera sofrimento, e o limite entre o prazer e o sofrimento é o campo que separa a doença da saúde (SILVA, 2011).

Neste sentido, muitas vezes o excesso de exigências aos professores pela sociedade e própria instituição reflete no aumento significativo de fontes de pressões presentes no ensino que, ativadas pela correria e mudança social, se tornam causadoras de emoções negativas. Contudo, mesmo perante as dificuldades, muitos docentes vencem o desafio da mudança, experimentando suas relações de uma forma positiva. Porém, para alguns docentes a profissão torna-se um martírio, gerador de ansiedade, antagonismo e conflitos constantes.

Deste modo, muitos educadores correm o risco de esgotamento físico ou mental levados por dificuldades enfrentadas no seu dia a dia, associado à escolha pela profissão docente. Essas dificuldades, além de afetarem a saúde pessoal, parecem contribuir para o abandono nesta profissão.

Todos os indicadores que levam ao mal-estar docente não estão restritos há um único docente especificamente, é um fato comum em todas as profissões, devido à existência de profissionais pouco empenhados e insatisfeitos, além de um ambiente de trabalho desfavorável e outros fatores que envolvem tanto condicionantes pessoais como profissionais.

Vários são os desafios educativos colocados pela sociedade atual e pelo exercício docente, onde são cada vez mais exigentes e permanentes, criando novas exigências ao trabalho docente, e infelizmente muito são os docentes que não conseguem reagir adaptativamente, passando a viver permanente estresse crônico, ansiedade, *burnout* e mal estar profissional (RAINHA, 2011).

Nos últimos anos assistiu-se a mudanças sociais profundas que repercutiram e repercutem até os dias atuais nos comportamentos, estilos de vida, atitudes e valores com impacto na vida escolar e na profissão docente principalmente.

O docente deve estar inserido no conjunto de competências profissionais, entre elas, a forma de saber se relacionar em sociedade, caracterizado por uma grande complexidade do

ponto de vista emocional. “Os docentes vivem em um espaço carregado de afetos, de sentimentos e de conflitos” (TARDIF, 2009, p.229).

Nesta perspectiva, o sucesso profissional resultará na promoção do envolvimento com a profissão escolhida de modo a aperfeiçoar condições de desenvolvimento humano, prevenção à saúde e do bem-estar docente. Sendo assim, a saída da crise é considerada um período de renovação, associado à inovação, mudança e progresso (TARDIF, 2009). A formação dos professores caminha para idealização de um modelo normativo baseado em características do professor ideal, quando o que deveria ser desenvolvido e considerado o autoconhecimento e as qualidades específicas de cada profissional.

Diante do exposto, muitos são os fatores que contribuem para motivar os docentes no desenvolvimento de sua escolha profissional, mantendo assim no mercado professores qualificados e os incentivando, sobretudo os fatores de conteúdo ou intrínsecos à própria atividade profissional, como seja a expectativa ou a percepção de vocação para a profissão docente. Destas conclusões decorrem implicações práticas no que diz respeito a medidas que possam contribuir para a resolução do problema da falta de motivação para a profissão.

II CAPÍTULO

DESENHO METODOLÓGICO

“Ser professor obriga a opções constantes, que cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar, e que desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser.”
(NÒVOA,1995, pág 10)

2. DESENHO METODOLÓGICO

2.1 Delineamento do Estudo

As grandes diversidades metodológicas da pesquisa qualitativa e quantitativa estão marcadas por novas maneiras de investigar, identificar e compreender particularidades do indivíduo e sociedade, contribuindo assim, para conclusões mais aproximadas da sociedade.

Segundo Bogdan e Biklen (1994 p.51) a pesquisa qualitativa apresenta características que definem sua abrangência: “A fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal”. Nesse contexto o pesquisador utiliza geralmente a observação, pois vai até o local ou até o grupo pesquisado e torna-se o principal instrumento de coleta de dados. Dessa maneira na pesquisa social as informações são analisadas, e os dados coletados são utilizados, sobretudo em várias áreas e, em especial, na educação, no intuito de embasar as descrições e aprofundar seus experimentos, na pesquisa qualitativa.

É através desse contato que os dados recolhidos são apresentados quase sempre como texto, assim, a forma descritiva de apresentar os resultados demarca as áreas de um objeto analisado qualitativamente. Na investigação da coleta de dados o interesse maior se concentra mais durante o processo do que nos resultados, considerando os elementos constitutivos de uma determinada ação, e não somente com a ação em si mesma. O pesquisador qualitativo se atenta ao significado que as pessoas atribuem aquilo que as cerca e sobre as próprias vidas.

No entendimento de Bogdan e Biklen (1994) os pesquisadores qualitativos em educação devem questionar aos sujeitos da pesquisa, ou aos informantes, como eles próprios conduzem suas experiências pessoais e profissionais. Para isso o processo de coleta de dados na pesquisa qualitativa “reflete uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respectivos sujeitos, dado estes não serem abordados por aqueles de uma forma neutra”. (p.51)

O estudo qualitativo tem particularidades em suas diferentes formas, sendo realizados no local de origem dos dados, onde se dá a captação de informações numa relação mais direta entre o pesquisador e o objeto de estudo. O desenvolvimento de um estudo de pesquisa qualitativa define o campo e a dimensão em que o trabalho irá se desenvolver, tendo um caráter fundamental, pois é por meio dele que os dados serão coletados. Encontramos caminhos já validados de investigação para a composição da linha desse trabalho na leitura de autores como Gonzaga (in: Pimenta et al 2006) e Nóvoa (2000) que privilegiam a metodologia de pesquisa etnográfica.

Desta forma, estudos qualitativos valorizam aspectos descritivos e as percepções pessoais, compreendendo os sujeitos envolvidos e sua totalidade. Neste sentido, a entrevista deve constar de troca de perguntas e respostas previamente elaboradas, porém são formuladas como uma produção assim chamada de dialógica. Neste cenário Freitas (2002) afirma que o pesquisador tem um papel bastante relevante na contextualização da pesquisa uma vez que o mesmo faz parte da investigação, além do ganho pessoal e profissional no decorrer da realização da pesquisa. Desta forma, o pesquisador é um dos principais instrumentos da pesquisa, porque nele se insere envolvendo situações tanto pessoais como sociais.

A análise escolhida para o estudo em questão foi a de discurso, “para compreendermos a noção de sujeito, devemos considerar, logo de início, que não se trata de indivíduos compreendidos como seres que têm uma existência particular no mundo; isto é, sujeito, na perspectiva em discussão, não é um ser humano individualizado. Um sujeito discursivo deve ser considerado sempre como um ser social, apreendido em um espaço coletivo” (FERNANDES, 2005, p. 33)

Deste modo, o sujeito do discurso pode ser interpretado de três diferentes formas segundo Orlandi (2005), o histórico, o social e o descentrado. O histórico, por que não está alienado do mundo que o cerca. O social porque não é o indivíduo, mas àquele apreendido num espaço coletivo e o descentrado é cindido pela ideologia e pelo inconsciente.

Constatamos que não há receita para a eficácia de uma boa produção em pesquisa científica, mas sim determinação, diálogos constantes com teóricos, relacionando-os a uma prática contínua e reflexiva. É uma trajetória que requer dedicação e disponibilidade de tempo, fatores que quase sempre se fazem ausentes de educadores que pretendem atrelar a pesquisa como uma prática contínua na retroalimentação dos seus referenciais identitários que os legitimam como educadores pesquisadores (GONZAGA, 2006, p.66).

Sendo assim, Gonzaga caracteriza uma reorientação teórica da relação entre o lingüístico e o extralingüístico, como também por uma mudança da postura do observador em face do objeto de pesquisa. Segundo Rocha (2005), a linguagem, de um ponto de vista discursivo, não pode apenas representar algo já dado, sendo parte de uma construção social que rompe com a ilusão de naturalidade entre os limites do lingüístico e os do extralingüístico. A linguagem não se dissocia da interação social.

A metodologia encontrada para atender os requisitos da análise qualitativa foi delineada e embasada no estudo de Gonzaga (2006) buscando caminhos metodológicos que contextualizaram a análise dos fragmentos das histórias de vida dos sujeitos pesquisados, no que se refere aos aspectos laborais, sociais e educativos. O autor afirma que a pesquisa

científica exige do pesquisador uma postura investigativa constante, alicerçada no diálogo, cujo procedimento examinador se torne um exercício reflexivo e permanente para perceber e apreender o imaginário coletivo dos sujeitos a partir do relato da história de vida dos educadores entrevistados e suas perspectivas iniciais no processo da socialização profissional. Lembramos aqui Serrano (1998) quando:

(...) ao se posicionar sobre histórias de vida, comenta que elas permitem obter um retrato completo dos fatos que sequenciam a vida das pessoas com a finalidade de obter seus respectivos perfis ao longo do tempo. Em tal aproximação longitudinal, a vida das pessoas pode ser desenhada para acumular, num tempo razoável, um número tal de dados diferentes, reunidos, produzirão a preponderância do evidente. Essa aproximação a longo prazo para estudar um problema contribui significativamente para o aumento da representatividade, confiabilidade e adequação de um conjunto de dados. (apud GONZAGA 2006, p.80).

O posicionamento de Serrano (1998) sobre o conceito da pesquisa qualitativa é concernente à variedade de métodos e destaca entre muitos o estudo de casos; investigação-ação; análise de conteúdo; investigação dialógica; estudos “*Delphi*”; antropologia cognitiva; pesquisa descritiva; pesquisa direta; análise de discurso; análise convencional; estudo de documentos; psicologia ecológica; etnometodologia; etnociência; hermenêutica; avaliação interpretativa; estudo sobre biografias ou histórias de vida.

O conjunto de diferentes técnicas interpretativas visa descrever e decodificar os componentes complexos do objeto de estudo em busca de traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social, reduzindo os obstáculos entre a teoria e os dados, o discurso e a *práxis*. Numa abordagem qualitativa são utilizados muitos os métodos e as técnicas de coleta e análise de dados, porém entre eles, as histórias de vida se destacam porque é na história de vida que o pesquisador pode descobrir os sinais de ligação dos aspectos individuais com os sociais (SERRANO,1998).

Queiroz (1988) ressalta a história de vida num quadro amplo da história oral que requer do entrevistado, depoimentos, entrevistas, autobiografias. Leva em consideração que toda história de vida se estabelece no conjunto de depoimentos e, embora o pesquisador tenha escolhido o tema, formulado as questões ou esboçado um roteiro temático, é o entrevistado quem decide o que narrar. As dimensões básicas da estruturação do instrumento da pesquisa enfocarão três momentos, os quais a autora citando Serrano (1998) considera como fases para a coleta dos dados, bem como sua interpretação, nos pontos importantes que marcaram a história de vida de cada participante: a etapa inicial constará dos critérios elaborados para obtenção da coleta de dados, de acordo com os objetivos propostos, concentrando fatos

importantes , que foram relevantes na construção do *habitus* do educador, estabelecendo as categorias de abrangência. Minayo(1998), define categoria como:

um conceito que abrange elementos ou aspectos com características comuns ou que se relacionam entre si. Essa palavra está ligada a idéia de classe ou série. As categorias são empregadas para se estabelecer classificações. Nesse sentido, trabalhar com elas significa agrupar elementos, idéias ou expressões em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso. (p. 70)

O segundo momento versará sobre os pontos de reflexão do roteiro da construção das histórias de vida, a partir da observação das respostas dadas durante a entrevista, oferecendo dessa forma, subsídios para o terceiro momento que será o registro e a transcrição das histórias de vida dos educadores para que o pesquisador compreenda a trajetória de vida do professor e como a construção da identidade do docente está atrelada às implicações de formação enquanto ser social, cultural e profissional.

A inserção da pesquisa baseada na história de vida, como abordagem metodológica, foi utilizada pela Escola de Chicago em 1920 por Znanieski, na Polônia, porém a partir de 1960 é que essa estratégia se consolidou como método de coleta de dados, observando o indivíduo no seu contexto social (GONZAGA , 2006).

Assim, as histórias de vida assumem grande importância na identificação dos processos de formação profissional do educador, possibilitarão a percepção da autoimagem e suas experiências, em qualquer fase da sua profissionalização, principalmente no que se refere ao seu estilo de vida, as influências do capital cultural que recebeu da família, servindo dessa maneira como referencial na sua formação enquanto cidadão e trabalhador. Esses fatores produzirão efeitos na sua prática educativa, fundamentando seu modelo de ensino e desenhando seu *habitus* que se revela na sua *práxis* pedagógica (GONZAGA, 2006).

Nessa perspectiva o autor faz uma trajetória para a elaboração dos enfoques que devem ser definidos como roteiro do projeto do pesquisador em história de vida, traçando linhas para se alcançar os objetivos propostos no projeto para a construção das histórias de vida dos pesquisados.

Lüdke (1986, p.42), afirma que “Embutida nessa realidade se encontra a complexa questão das relações entre pesquisador e pesquisado, cujo desdobramento ético e epistemológico está a pedir uma reflexão mais aprofundada”. A história de vida permite que elementos do presente busquem evocações do passado, para cruzar os enfoques da vida individual e o contexto social, dessa maneira a vida narrada de forma retrospectiva possibilita uma visão total de seu conjunto, e é o tempo presente que dá uma compreensão mais

aprofundada do momento passado. Nessa perspectiva o estudo qualitativo será embasado nas informações subjetivas detalhadas para encontrar respostas aos questionamentos levantados como justificativa para a elaboração do projeto.

2.2 Método Escolhido

2.2.1 Histórias de Vida

Segundo Holly (1995), é difícil separar analiticamente as distintas abordagens (auto) biográficas, na medida em que elas se caracterizam justamente por um esforço de globalização e de interação de diversas perspectivas.

No campo educacional, a curiosidade em estudos sobre as histórias de vida tem contribuído de maneira significativa para conhecimento e compreensão do eu-pessoal e eu-profissional, na medida em que renova as teorizações e os dispositivos de pesquisa e formação docente. Desta forma, o indivíduo vai construindo suas identidades através de funções e representações de si mesmo, entrelaçadas à sua identidade social, identidade docente, trajetória de vida e profissionalização (BURNIER, 2007).

Colocando o indivíduo como o centro da atenção e de suas relações sociais quanto sua subjetividade, a opção metodológica abordada nesta pesquisa está direcionada para uma abordagem centrada nas narrativas de história de vida dos professores. Uma vez que assumimos que os complexos processos identitários contemporâneos implicam uma articulação entre o processo relacional do espaço profissional e a trajetória biográfica dos profissionais, possibilitando inúmeras posturas ante o campo pessoal e profissional.

Dessa maneira o registro da história de vida, tem sido utilizado como ponto de entendimento no *habitus* do professor, dando transparência aos relatos e possibilitando que os pesquisadores ampliem as ideias entre o mundo individual e o mundo exterior do indivíduo, para alicerçar os princípios fundamentais da pesquisa enfocada na trajetória e construção da identidade social do educador. A história de vida trabalha com a história ou o relato de vida, a história contada por quem a vivenciou (SPINDOLA, 2003).

Tal como anteriormente foi explicitado, esta investigação teve como principal instrumento de pesquisa as histórias de vida. Essa abordagem metodológica vem evoluindo continuamente. A história de vida foi introduzida no meio acadêmico, em 1920, pela Escola de Chicago e desenvolvida por Znaniescki, na Polônia. Já na década de 60, esse método de

pesquisa procurou estabelecer as estratégias de análise do vivido (SPINDOLA, 2003).

Goodson (1995) em seu artigo “Dar voz ao professor” tem como foco discursivo às histórias de vida dos professores e seu desenvolvimento profissional. Ressaltando a importância de uma investigação educacional, de modo a assegurar que a voz do professor seja ouvida como um profissional auto-regulador investigador e de competências alargadas. Tendo como propósito, melhorar a sua prática docente através da investigação e ação e não supervalorizando as investigações sobre a prática pedagógica. As histórias de vida é um instrumento que auxilia a análise e interpretação, na medida em que o professor incorpora experiências subjetivas entrelaçadas a contextos sociais, fornecendo assim, uma base sólida para o entendimento da composição histórica dos fenômenos individuais. Considerando importante no estudo das histórias de vida dos professores a compreensão do desenvolvimento do docente, escolaridade e análise de currículo.

Vale salientar, que o currículo prescritivo segundo Martins (2007), não se refere somente ao currículo que foi escrito como documento oficial, resulta das políticas e das negociações sobre o que deve ser ensinado. Deste modo, a importância está em explorar o conhecimento prático e pessoal dos docentes uma vez que o aspecto pessoal apresenta-se em sua prática. “Associar a essência e a estratégia aponta para uma nova direção em relação à reconceptualização da investigação e desenvolvimento educacionais” (GOODSON, 1995 p. 69). Ter uma visão sobre a história de vida do professor nos leva as investigações relacionadas com currículo e formação inicial docente.

As experiências curriculares relativas aos estágios em instituições escolares e experiências na universidade são muitas vezes decisivas e cruciais na formação da identidade docente. Contudo, se observa a constante insegurança e receio dos professores em formação inicial ao se depararem com a complexidade do cotidiano da escola. (ROSA, 2008). Neste sentido Goodson (1995), afirma que “A maior parte de nós se sente profundamente inseguro e ansioso acerca do nosso trabalho como professor quer nas salas de aula, quer nos anfiteatros universitários” (p 69).

As relações e atitudes que os sujeitos têm com o mundo segundo Dubar (1997^a) sugerem que “é menos importante o trabalho efetuado que o sentido do trabalho vivido e expresso pelas pessoas estruturadas por uma dada identidade profissional” (p. 47).

Neste sentido, Nóvoa (1995) acerca da docência salienta: “esta profissão precisa de se dizer e de se contar: é uma maneira de compreender em toda a sua complexidade humana e científica” (p. 10).

Portanto, as histórias de vida dos docentes revelam as diversas interações em que se entrecruzam, as identidades pessoais e profissionais ao longo de sua trajetória de vida. “Ao longo de sua história de vida pessoal e escolar, supõe-se que o futuro professor interioriza um certo número de conhecimentos, de competências, de crenças, de valores, etc.” (TARDIF, 2002, p. 72).

Deste modo as histórias de vida remetem às experiências do indivíduo no âmbito da profissão docente. É lícito afirmar que cada pesquisa tem sua individualidade, uma vez que uma pesquisa surge de um problema, manifestando sua preocupação e interesse pelo estudo e como aquele estudo irá contribuir para a sua formação e sociedade. As narrativas ou entrevistas de histórias de vida remetem a investigação dos percursos pessoais e profissionais de docentes da educação profissional, compreendendo o percurso da vida do professor que deseja entender o outro, como também a si mesmo. Outro ponto em destaque está a carreira profissional, cotidiano pessoal e profissional, predominando como uma grande influência e ao mesmo tempo estão entrelaçados.

2.3 Locus da pesquisa

A relação entre a construção da identidade profissional e o *habitus* do educador na Rede Municipal norteou as investigações empreendidas na formulação dessa pesquisa. A escola evidenciada é da Rede Municipal de Ensino da Cidade do Recife (município brasileiro, capital do estado de Pernambuco, localizado às margens do oceano Atlântico), localizada no perímetro urbano e atende apenas crianças do ensino fundamental I, nos horários da manhã e tarde. Os alunos são oriundos de famílias menos favorecidas sendo filhos de: trabalhadores autônomos, empregadas domésticas, profissionais liberais e alguns desempregados.

A equipe técnica é formada por gestor, vice gestor, assistente de direção, coordenador pedagógico e professores. A referida escola tem um projeto político pedagógico, voltado para a realidade social da comunidade escolar, com atividades pertinentes às políticas públicas e curriculares para esse segmento educacional, que funciona em um prédio alugado, anexo a Igreja Batista dos Remédios com estrutura física bem conservada, as salas de aula são arejadas e contam com ventiladores. Não há biblioteca nem sala de vídeo e televisão (funcionam de forma circulante). Há, cozinha e banheiros. A merenda escolar é distribuída no intervalo das aulas, e os alimentos, na sua maioria são bem aceitos pelos alunos. Em termos gerais a escola atende às necessidades da comunidade escolar.

2.4 Sujeitos da Pesquisa

2.4.1 População e Amostra do Estudo

A carreira profissional segue um percurso simultâneo de desenvolvimento e de formação, envolvendo percepção do seu vivido profissional, formação do adulto profissional, simbolizando as teorizações sobre os ciclos de vida humana. Diante do exposto, a experiência e formação profissional levaram a definir como objeto de estudo a construção das identidades profissionais dos docentes entrevistados, com ênfase na carreira dos professores do ensino primário. Os percursos profissionais são resultados de três processos de desenvolvimento: processo de crescimento individual, processo de aquisição e aperfeiçoamento de competências de eficácia de ensino e processo de socialização profissional. Sendo assim, a influência da vida particular no percurso profissional dos professores ganha maior importância nas situações de gravidez, nascimento e criação dos filhos (GONÇALVES in NÓVOA, 1995).

Procedemos a um levantamento do número de professores na escola selecionada, levando em consideração o tempo de serviço na Rede Municipal de Ensino e a existência de professores em todos os níveis de experiência profissional, dos 5 aos 30 anos de serviço. Logo em seguida foram esclarecidos quanto aos objetivos da pesquisa e início da entrevista, onde todas as falas foram gravadas e foi assinada uma carta convite confirmando sua participação de forma espontânea. Os sujeitos do estudo segundo Gonçalves (1995, p.151) foram agrupados em três classes, “em função do número de anos de experiência, ou serviço: 5-10 anos; 11-20 anos e 21-30 anos, respectivamente”.

Para preservar a identidade dos sujeitos pesquisados optamos por usar codinomes: Camélia, Dália, Hortência, Jasmim, Magnólia, Orquídea, Petúnia e Tulipa, pelas flores corresponderem tão satisfatoriamente ao universo feminino.

A população em estudo é composta de professoras que lecionam na referida escola. O corpo docente é formado por 15 professoras, onde foram selecionadas 8 pela disponibilidade em participar da pesquisa e que se enquadra nos ciclos de vida profissional, (HUBERMAN, 1995).

A amostra foi de 8 professoras, proporcionalmente escolhida ao número de sujeitos compreendidos em cada uma das três classes enunciadas e, dentro destas, a cada um dos grupos de idades profissionais, o que se tornou possível com a intencional e prévia organização da população de referência em função dos aludidos critérios e em consonância

com as regras de amostragem (HUBERMAN,1995). O total de professores por categoria existentes na escola são de 5 a 10 = 7, de 11 a 20 = 6 e de 21 a 30 = 2.

Organizada a amostra, de acordo com os critérios expostos, ficaram as classes amostrais com a seguinte composição e características:

A primeira (5-10 anos de experiência) é composta por 3 professoras, tendo em média $X = 7$ tempo de serviço e uma média de idades de $X = 45$ anos;

A segunda (11- 20 anos de experiência) é composta por 3 professoras, tendo em média $X = 13$ tempo de serviço e uma média de idades de $X = 49$ anos;

A terceira (21 – 30 anos de experiência) é composta por 2 professoras, tendo em média $X = 22.5$ tempo de serviço e uma média de idades de $X = 49.5$ anos;

ANOS DE EXPERIENCIA	5 - 10 ANOS	11 - 20 ANOS	21 - 30 ANOS
TEMPO DE SERVIÇO	7	13	22.5
IDADE	45	49	49.5

Quadro 1 – Amostra dos professores selecionados tendo como critérios de inclusão anos de experiência, tempo de serviço e idade.

Com base nas tendências gerais do ciclo de vida dos professores, Huberman (1995), optou por uma perspectiva clássica, a da “carreira”. O conceito de carreira “apresenta diversas vantagens, entre elas, comparar as pessoas no exercício de diferentes profissões” (p.38). Deste modo, estudar o percurso de uma pessoa é compreender como suas características influenciam sobre a organização e de que forma as influenciam.

Diante do exposto, Huberman classifica os ciclos de vida dos professores em 5 (cinco) fases, seguindo tendências gerais. A entrada na carreira segundo a literatura empírica indica que os dois aspectos, o da sobrevivência e o da descoberta, são vividos em paralelo. A fase de sobrevivência coloca o profissional docente em um confronto inicial, encarado por muitos como um “choque da realidade”. Onde envolve preocupação consigo próprio, adaptação com os colegas de trabalho, gestão e alunos. São alguns dos aspectos que caracterizam esta fase de sobrevivência (HUBERMAN, 1995). A fase de estabilização é caracterizada por tomada de responsabilidades, já que a escolha por uma identidade profissional é uma etapa decisiva e contribui muito para afirmação de sua escolha. Nesta fase é notável o sentimento de uma crescente competência pedagógica que gera a sensação de segurança, confiança, conforto, mas ao mesmo tempo a preocupação é reduzida quando comparada a atingir os seus objetivos

didáticos.

Neste sentido, segundo Huberman (1995) a fase de estabilização conduz a uma fase de diversificação. Esta fase remete as divergências dos percursos individuais a partir da fase de estabilização, tais como, o seu impacto no seio da turma, lançando-se numa série de experiências pessoais que passam pela diversificação do material, dos modos de avaliação ou das seqüências do programa. Outros, ao tomarem consciência dos fatores institucionais que contrariam o desejo da prestação em situação de aula, procuram lançar um ataque ao que consideram ser aberrações do sistema. Vale salientar, que nesta etapa os professores são caracterizados pelo elevado grau de motivação, dinamismo, empenhamento nas equipes pedagógicas ou nas comissões de reforma que surgem nas escolas.

A fase de pôr-se em questão é identificada por uma sensação de rotina e crise existencial motivada pelo fracasso das experiências, desencanto em sala de aula e no âmbito profissional. É evidente que os parâmetros sociais como as características da instituição, o contexto político ou econômico, os acontecimentos da vida familiar são igualmente determinantes na vida de qualquer profissional. “Esta fase tem múltiplas facetas, de tal modo que pretende fazer-lhe corresponder uma definição redutora se torna tarefa difícil, se não mesma ilegível” (HUBERMAN, 1995, p. 43).

Após o período de questionamento surge à fase de serenidade e distanciamento afetivo, por volta de 45-55 anos, ocorrendo uma descida de ambição pessoal, investimento e sensação de confiança. Sendo assim, as pessoas nesta fase já atingiram seus objetivos e não pretendem provar mais nada a ninguém e a si próprio. Porém outros profissionais se apresentam mais calmos e seguros profissionalmente, delimitando metas a serem concretizadas futuramente (HUBERMAN, in NÓVOA, 1995).

Segundo Huberman (1995) a fase de conservadorismo e lamentações é uma etapa do ciclo de vida onde o profissional vê a idade com uma maior rigidez, resistindo a inovações em âmbito pessoal e profissional. A maioria dos profissionais queixa-se da relação com os alunos, revelando uma atitude negativa em relação ao ensino e política educacional, contra os pais e até contra atitudes do público em geral face à educação. Esta etapa surge numa fase avançada da carreira, onde o profissional cria uma desconfiança em relação a qualquer tentativa de reforma ou inovação, tanto profissional como pessoal, tendendo a considerar que as mudanças no ensino raramente conduzem a algo positivo.

Deste modo, quando o professor chega ao final da carreira profissional evoca um fenómeno de recuo e de interiorização. A postura de modo geral é positiva segundo

Huberman (1995), as pessoas de certa forma libertam-se, progressivamente, sem lamentar, do investimento na sua carreira, dedicando mais tempo a si mesmas.

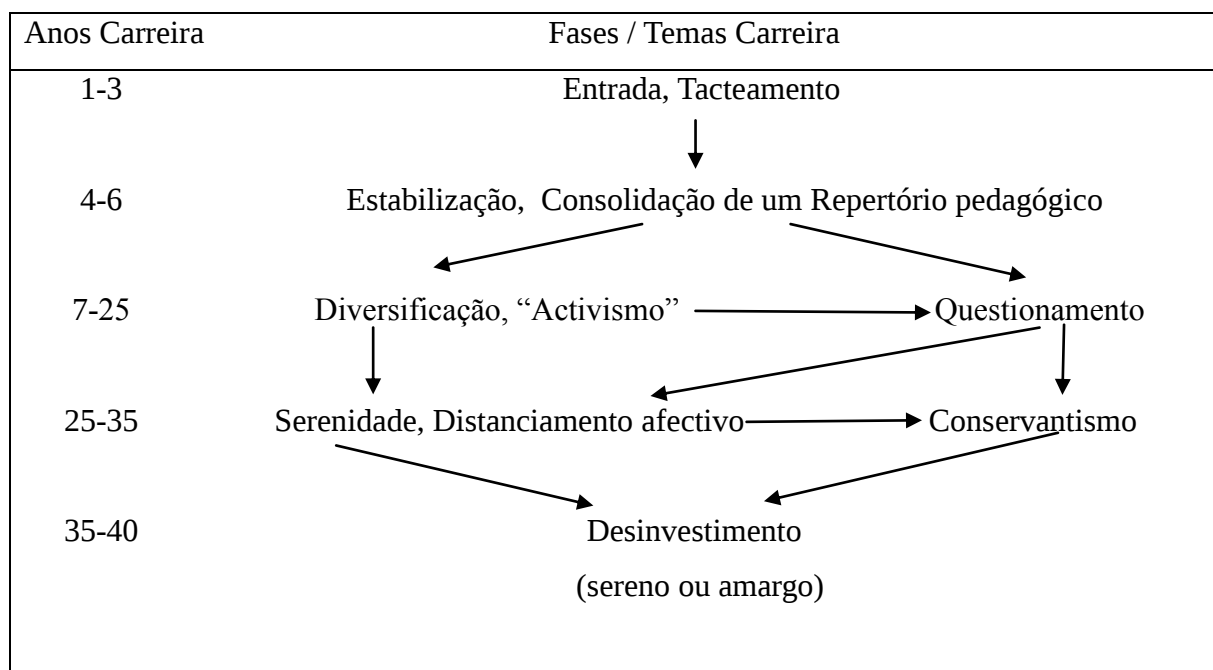


Tabela 1: Ciclos de Vida dos Professores em Fases segundo Huberman, 1995.

2.5 Instrumentos de Coleta de Dados

Para subsidiar a investigação, foi elaborada uma entrevista com formato qualitativo, constando de tópicos que enfocaram a história pessoal e profissional do educador com a prática educativa, e como se dão as relações pessoais e profissionais no contexto educacional.

As entrevistas foram submetidas a 08 professoras da escola Municipal dos Remédios em função do ciclo de vida profissional, distribuídos assim: 03 (três) docentes com 05 a 10 anos, 03 (três) docentes com 11 a 20 anos, 02 (dois) docentes com 21 a 30 anos, levantando questões sobre a sua biografia pessoal e autoimagem do educador, como também suas aspirações e expectativas sociais na sua trajetória pessoal e profissional, e segundo Bourdieu (1998 p.167), a trajetória social revela traços anexados “a uma biografia individual ou um grupo de biografias” para melhor abalizar o *habitus* do educador.

A caracterização dos sujeitos da pesquisa esta relacionada a critérios pré- estabelecidos e que abrangem a história de vida dos pesquisados, sua origem social, sua formação profissional e seus anseios pessoais, e também uma dimensão do momento espacial e temporal das ações vividas e seus significados na trajetória narrativa do entrevistado.

Para uma melhor visualização dos resultados das entrevistas submetidas aos professores da Rede Municipal de Ensino da cidade do Recife observamos o relato dos educadores sobre sua história de vida para conhecer como se materializa a formação dos educadores, caracterizando dessa maneira o instrumento investigativo e dando ao pesquisador subsídios de análise.

Utilizamos um gravador de voz, e perguntas foram dirigidas ao entrevistado numa conversa informal a fim de compreender a sua história de vida, suas expectativas e medos, suas visões e valores sobre a realidade da situação profissional na qual está inserido.

As histórias de vida foram utilizadas como estratégia de entendimento da realidade vivida pelos professores das escolas escolhidas como campo de pesquisa. “As histórias de vida podem ser escritas ou verbalizada e compreende os seguintes tipos: a história de vida completa, que retrata todo conjunto da experiência vivida; e a história de vida tópica, que focaliza uma etapa num determinado setor da experiência em questão” (MINAYO, 1998, p.53).

As discussões oportunizaram levantar elementos mais amplos sobre os questionamentos elencados nos objetivos do atual projeto. Para proceder à análise das entrevistas serão computadas as informações coletadas para a obtenção de uma visão mais aprofundada sobre o *habitus* do educador, observando que a abrangência dos dados oportunizará uma leitura histórica, dinâmica, das estruturas das relações de vida do entrevistado.

As experiências estimulam o diálogo entre os professores sobre suas vidas pessoais, sobre sua condição de adultos, seus saberes, seus valores e suas sensibilidades, sua sexualidade e sua corporeidade, suas memórias e suas histórias, suas vivências espaciais e urbanas, suas culturas, suas identidades e diversidades de gênero, raça e classe (ARROYO 2000 apud COPPETE, 2003, p. 34).

As entrevistas foram realizadas em encontros, em uma sala reservada, no horário das aulas, tendo as entrevistadas sido substituídas por estagiária no momento da entrevista, com a participação dos docentes que aceitaram participar dessa pesquisa.

A perspectiva a ser adotada nesta pesquisa leva em consideração a relação do sujeito pesquisador com o sujeito pesquisado. O pesquisador é um ativo descobridor do significado das ações e reações das estruturas sociais e o objeto não é um dado neutro, está carregado de significado, pois recebe constante influência na sua situação social (DEMO, 2001).

Nesse contexto, a relação de integração, do pesquisador com o sujeito pesquisado, se entrelaça com os fatos sociais que revelam as ações humanas e nessa interação os sujeitos são

produto e produtores da história, dando legitimidade aos relatos dos sujeitos entrevistados e possibilitando ao pesquisador tecer a teia que envolve a história de vida e as experiências pessoais desses indivíduos.

Diante de um contexto educativo e social mutável e complexo, o docente deve tornar-se um prático reflexivo capaz de adaptar-se a todas as situações de ensino pela análise de suas próprias práticas e seus resultados. Deve refletir sobre a questão do sentido das ações que efetua, interrogar-se sobre suas próprias concepções, sobre o que faz e por que o faz. (TARDIF e LESSARD, 2009, p.72)

Consideramos que o professor constrói sua identidade enquanto educa, e na sua prática recria junto com os alunos maneiras de intervir na realidade, visto que a identidade profissional do educador está articulada com sua identidade pessoal e interligada com as interações pessoais e sociais.

Dessa forma a realidade social do educador legitima decisivamente a formação dos professores e a aquisição de uma identidade sólida será construída na reflexão do cotidiano profissional e pessoal dos trabalhadores da educação.

2.6. Análise dos Dados

2.6.1 Análise de Discurso (AD)

Optou-se nesta investigação pela Análise de Discurso (AD), uma vez que esta metodologia associa a linguagem e a ideologia do conteúdo expressado, sendo necessário o entendimento sobre como o texto pode produzir diferentes sentidos, como o discurso pode assumir o papel de construtor de significados produzidos (ORLANDI, 2005).

Dessa forma a análise de discurso focaliza-se nos discursos explícitos e os implícitos buscando compreender os sentidos produzidos e as suas conseqüências, revelando as diversas faces de um discurso. Sendo elas: condições de produção do discurso; *corpus*; interdiscurso; formações discursivas; dito, não dito e silenciado. Neste sentido, as condições de produção de discurso significam o contexto social que envolve o indivíduo, isto é, um conjunto desconexo de fatores entre os quais são selecionados previamente os elementos que permitem descrever uma conjuntura (ORLANDI, 2005).

O interdiscurso é caracterizado por Orlandi (1999) como sendo tudo o que já foi formulado e esquecido sendo determinante para o que é dito. Consiste no discurso recuperado

pela memória. Seja em um tempo histórico diferente, o interdiscurso estará ancorado entre os eixos da memória e da constituição da realidade.

As formações discursivas são definidas por Orlandi (1999, p. 43) “como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada - determina o que pode e deve ser dito”. O dito e o não dito colocados por Orlandi (1999, p.82) trazem a tona sentidos que aparecem, que estão subtendidos quando eu faço uma afirmação (o dito) nesse sentido o dizer está intrinsecamente ligado ao não dizer então “quando se diz X, o não dito Y permanece como uma relação de sentido que informa o dizer de X”. A autora afirma que existe essencialmente no dizer um não dizer fundamental.

Na perspectiva de Orlandi (1999) o silêncio constitui uma espécie de respiração da significação, isto é no silêncio que palavras buscam um recuo para que o sentido faça sentido. Mas, o silêncio e o não dito, são coisas diferentes, pois o não dito está condicionado ao que está implícito. Já o silêncio não está preso à ausência de palavras, trata-se da própria condição do sentido, atravessando as palavras, é como se guardasse um segredo que o movimento das palavras não atinge.

A investigação deve priorizar a informação do entrevistado exigindo uma aproximação do pesquisador com os pesquisados para que se estabeleça um contato, uma relação de confiança. Deste modo, essa modalidade de pesquisa tem no ambiente a fonte direta dos dados e o pesquisador como seu principal instrumento. É caracterizada pela obtenção de dados descritivos, no contato direto do pesquisador com a situação estudada, valorizando-se mais o processo que o produto, preocupando-se em retratar a perspectiva dos participantes, isto é o significado que eles atribuem às coisas e à vida (SPÍNDOLA, 2003).

Neste sentido, o papel do entrevistador é de extrema importância, uma vez que o mesmo ocupa o papel de registrador facilitando a narrativa. Conduzindo à produção de uma parte da vida na forma de autobiografia. Foi esta a opção tomada na recolha das histórias de vida.

Deste modo, as entrevistas narrativas foram realizadas com o objetivo de registrar acontecimentos através das memórias dos indivíduos. Uma vez que o gênero narrativo é definido por Jovchelovitch e Bauer (2002) como sendo uma entrevista com perguntas abertas e uma forma de encorajar os entrevistados, as perguntas abertas possibilitam ao entrevistado relatar seus pensamentos e opiniões.

As entrevistas no primeiro momento foram estruturadas com base nas narrativas dos participantes, constando um esquema da narração. Inicia-se a entrevista questionando as

dimensões básicas (biológico, social e cultural), havendo abertura para o entrelaçamento de outros acontecimentos que foram emergindo gradualmente do testemunho dos participantes. Onde foram abordados como pontos principais o nascimento, infância, adolescência, família e amigos. Após esse breve conhecimento parte-se para as perguntas onde são abordados os pontos de reflexão, entre eles, um acontecimento importante na vida, como se deu o ingresso na Rede Municipal de Ensino da Cidade do Recife, o motivo da escolha pela profissão e permanência, a relação entre a vida pessoal e profissional e por fim, a relação com os colegas de profissão.

Em outro ponto das entrevistas, as participantes foram questionadas quanto aos processos de adaptação e desenvolvimento, tendo como pontos principais: as mudanças significativas em sua trajetória profissional, as mudanças que aconteceram de forma lenta e rápida e as que ainda se sucedem. Além de serem abordadas questões quanto ao investimento pessoal, formação continuada, jornada de trabalho e tecnologia na educação.

Em um segundo momento, as entrevistas foram transcritas e analisadas através do método de análise de discurso. Sendo uma construção social, não podendo ser planejada de forma individual, mas considerando seu contexto histórico-social, suas condições de produção significam ainda que o discurso reflete uma visão de mundo construída aos seus autores e a sociedade na qual estão inseridas.

Segundo Queiroz (2009), a análise do discurso surgiu na década de 60 na França, sendo o discurso considerado uma fonte de transmissão de informações ou o simples ato de fala, buscando a linguagem como ideologia e como um fator social. Neste sentido Ferreira (2003), num estudo realizado sobre o quadro atual da análise de discurso no Brasil, remete Michel Pêcheux como um dos precursores da análise do discurso francesa, realizou rupturas com as pesquisas estruturalistas que via a linguagem muito restrita e limitada. Hoje a linguagem vai além do ato comunicativo, ou seja, aprofunda-se nos aspectos extralingüísticos do discurso a fim de chegar à construção de sentidos do contexto social, histórico e ideológico no qual um determinado enunciado está inserido.

No Brasil o grande tributo que se deve prestar pela consolidação e difusão da análise de discurso se deu através da professora, orientadora, pesquisadora e autora Eni Orlandi, considerada referência consagrada no quadro acadêmico institucional. Uma vez que Orlandi (2005), ao discorrer sobre o objetivo da AD, menciona que na Análise do Discurso toma a linguagem como mediadora indispensável entre o homem e o meio social e natural em que

vive, assim, a AD não toma a língua como um sistema abstrato, mas a língua como método de interação.

Neste sentido, “a análise de discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade” (ORLANDI, 1999, p. 15/16).

Deste modo, o discurso é entendido como uma atividade discursiva, “a língua é tomada como produto da interação entre os falantes, é um veículo de interação com o mundo e tem o propósito de ocultar questões ideológicas materializadas na linguagem” (QUEIROZ, 2009, p. s/n). Sendo assim, o discurso é um objeto empírico de análise, construída pelo entrevistador buscando em sua superfície, as marcas que guiam à investigação científica.

A linguagem em questão segundo Orlandi (1999) é utilizada como mediação necessária entre o homem, ambiente e sociedade. Tornando possível à permanência e a continuidade quanto ao deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana.

Vale salientar, que por vários momentos na entrevista o entrevistador se inscreve num ato discursivo, o vemos como um receptor de vários outros discursos através dos quais assume o papel de enunciatador de discursos a fim de justificar a sua própria atuação por meio de crenças imaginárias da realidade que o cerca. Em outras palavras, “o princípio básico que rege a noção de sujeito é o fato de que este é influenciado por uma ideologia” (QUEIROZ, 2009, p. s/n).

III CAPÍTULO

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

“A identidade de uma pessoa é o que ela tem de mais valioso: a perda de identidade é sinônimo de alienação, sofrimento, angústia e morte.”

(Claude Dubar, 2005, p. s/n)

As formações discursivas (FD) que compõem a dissertação representam o produto dos discursos das oito (8) professoras entrevistadas. Esta produção de discurso foi agrupada em 4 Formações Discursivas (FD): 3.1- Trajetórias de vida, 3.2- Identidade docente, 3.3- Feminização da profissão docente e 3.4- Formação docente

PERFIL DAS PROFESSORAS ENTREVISTADAS

A elaboração de um perfil configura as funções, papéis e competências imprescindíveis para a formação e clarificação do tipo ou modelo de professor que se pretende formar. O professor é considerado na dimensão pessoal como um dos intervenientes no processo de interação que exige competências interpessoais de relacionamento. Estabelecer relações de empatia, desenvolver atitudes coerentes e conhecer a si próprio contribuindo assim, para a formação do indivíduo em sua totalidade (PACHECO, 1995).

Camélia

Camélia tem 39 anos de idade e 6 de serviço, é casada, dois filhos sendo um do sexo masculino e o outro do sexo feminino. Encontra-se na fase de estabilização. Sua formação profissional foi em pedagogia e cursa atualmente especialização em Mídias na Educação.

Dália

Dália tem 53 anos e 12 de serviço, é casada, dois filhos. Encontra-se na fase de diversificação. Sua formação profissional foi em pedagogia e especialização em Gestão Escolar.

Hortência

Hortência tem 55 anos e 24 de serviço, é casada, dois filhos sendo um do sexo masculino e o outro do sexo feminino. Encontra-se tal como Dália, na fase de diversificação. Sua formação profissional foi em pedagogia e especialização em Psicopedagogia.

Jasmim

Jasmim tem 47 anos e 13 de serviço, é casada, três filhos sendo um do sexo masculino e dois do sexo feminino, onde já é avó de duas meninas e um menino. Encontra-se tal como Dália e Hortência na fase de diversificação. Sua formação profissional foi em pedagogia e

especialização em Educação Ambiental

Magnólia

Magnólia tem 44 anos e 21 de serviço, é casada, um filho. Encontra-se tal como Dália Hortência e Jasmim na fase de diversificação. Sua formação profissional foi em pedagogia e especialização em Administração e Planejamento Escolar.

Orquídea

Orquídea tem 49 anos e 6 de serviço é divorciada e tem dois filhos. Sendo um do sexo masculino e o outro feminino. Encontra-se tal como Camélia, na fase de estabilização. Sua formação profissional foi em pedagogia.

Petúnia

Petúnia tem 46 anos e 13 de serviço é divorciada e tem uma filha. Encontra-se tal como, Dália, Hortência, Jasmim e Magnólia na fase de diversificação. Sua formação profissional foi em pedagogia e especialização em Psicopedagogia.

Tulipa

Tulipa tem 48 anos e 14 de serviço, é casada, duas filhas. Encontra-se na fase de diversificação tal como Dália, Hortência, Jasmim e Magnólia e Petúnia. Sua formação profissional foi em Pedagogia.

Com relação ao nível de escolaridade, 5 (cinco) professoras são especialistas indicando que as mesmas possuem, portanto, uma visão mais atual da produção de conhecimento, comparando com as demais professoras sem a titulação.

Em relação aos Ciclos de Vida dos Professores em Fases, prevaleceu a fase da diversificação com 6 (seis) professoras, nesta fase os professores são caracterizados pelo elevado grau de motivação, dinamismo, empenhamento nas equipes pedagógicas ou nas comissões de reforma E apenas 2 (duas) encontram-se na fase de estabilização, nesta fase é notável o sentimento de uma crescente competência pedagógica que gera a sensação de segurança, confiança e conforto. O indivíduo desenvolve e investe na profissão o que contribui com a construção da sua identidade profissional (HUBERMAN,1995).

Embora 3 (três) das professoras não tenham a titulação de especialistas, durante os discursos planejam em algum momento adquirir a titulação e responsabilizam as condições financeiras como empecilho para o adiamento da especialização. Sendo assim, a pós-graduação é vista entre as entrevistadas como uma fonte de avaliação constante para o professor que necessita urgentemente de atualização e prosseguimento de estudos para poder fazer frente aos novos conhecimentos e interpretações, através da publicação de dissertações e teses na educação.

Segundo Nóvoa (2009), a desvalorização resultante da passagem para escola de massa e a democratização acarretou na perda do prestígio ligada à posse de um saber inacessível à maioria dos docentes. Tendo em vista que as más condições financeiras dificultam seu ingresso e adesão a novos saberes, que no sentido mais amplo, significa o processo de aquisição do conhecimento na sua trajetória pessoal, acadêmica e profissional, pautado pelo acúmulo de saberes que farão parte do seu referencial teórico que irá fundamentar suas ações pedagógicas e pessoais, no que se refere as suas teorias, sua crença e seu posicionamento diante da leitura do mundo onde ele se insere e o processo cultural que envolve sua história de vida.

Em relação ao sexo, todas são mulheres demonstrando que cada dia, só aumenta a prevalência de professoras do sexo feminino no ensino fundamental I. Segundo Almeida (1998), ao longo de décadas o sexo masculino foi perdendo seu espaço no campo educacional principalmente no ensino primário, devido à oferta de novas profissões mais remuneradas permitindo que seus lugares fossem ocupados pelas mulheres. Contudo, o real motivo da inserção das mulheres no magistério estava na sobrevivência.

Em relação ao estado civil, a maioria são casadas no número de 6 (seis) professoras e 2 (duas) responderam ser divorciadas; mostrando que embora prevaleça o casamento entre as entrevistadas, o mesmo não é visto na atualidade como prioridade a ser alcançada, uma vez que para as mulheres das classes médias e dominantes antigamente casar-se era a forma, respectivamente, de ascender na escala social ou manter a mesma posição em caso de infortúnio, mesmo que não amassem o futuro marido em relação a idade (ALMEIDA, 1998). A diminuição dos casamentos, o aumento dos divórcios e as diferentes formas da vida privada segundo Dubar (2006), contribuíram para o processo de emancipação das mulheres, as dúvidas crescentes dos países assexuados e a difusão contínua os estudiosos chamaram de “individualismo individual”.

A faixa etária que prevaleceu foi de 41 a 50 anos com 5 professoras, seguidos

de 31 a 40 com 1 professora e 51 a 60 anos com 2 professoras.

3.1 Formação Discursiva (FD) - Trajetórias de Vida

A produção do *habitus* pode ser tanto um produto das condições objetivas, dependendo das situações vivenciadas socialmente na infância que irão influenciar totalmente em sua vida adulta, como um produto de condições subjetivas, onde a produção do *habitus* não é visto como um produto de uma condição social de origem, mas de uma trajetória social (DUBAR, 2005). Neste sentido as histórias de vida constituem um conjunto único e complexo que envolve relações familiares, desenvolvimento pessoal, e o meio social e cultural no qual o indivíduo se insere.

Camélia

Sua infância foi marcada por dificuldades principalmente com a morte de seu pai, tendo sua mãe que trabalhar para sustentar seus dois filhos. Neste sentido, sua adolescência foi de muita responsabilidade cuidando dos seus irmãos. A família do seu pai é maior que da sua mãe, sendo ambas as famílias evangélicas. Casou-se com 26 anos e tem dois filhos.

Dália

Sua infância foi tranqüila, no interior, tal como Camélia também passou por dificuldades financeiras. Passou pela adolescência sem grandes conflitos por ter uma família grande e ser a caçula entre os irmãos. Tem uma família grande com pais separados, tem uma relação distante com o pai e muito próxima com a mãe. Seus amigos se resumem a professores e alguns da adolescência e infância.

Hortência

Sua infância foi tranquila no Rio de Janeiro, convivendo com seus pais e tal como Camélia a morte do seu pai fez muita falta na infância. Passou pela adolescência sem conflitos, com ótimas notas e alguns namorados. Contudo, ao contrário de Camélia e Dália tem uma condição financeira confortável. A sua família é marcada pela morte prematura do seu irmão

aos 45 anos. Mudou-se para Recife aos 21 anos devido à transferência profissional do seu marido. Relata ter poucos amigos por ser bastante seletiva.

Jasmim

Sua infância foi de muitas responsabilidades e cobranças pelos pais que eram rígidos e não a deixavam brincar com seus irmãos. Relatando a adolescência como uma continuação da infância, ao contrário de Hortência, tem muita facilidade em fazer novas amizades.

Magnólia

Sua infância foi “maravilhosa” ao contrário de sua adolescência que foi conflituosa. Tendo uma família muito unida e amigos de verdade.

Orquídea

Sua infância tal como Camélia e Jasmim foram de muitas responsabilidades dentro de casa. A adolescência de Orquídea, tal como Jasmim foi à continuação da infância com uma educação bastante rígida e afazeres domésticos já que seus pais trabalhavam fora de casa. Em relação à família relata o pai como um ditador e a mãe sendo manipulada pelo mesmo, tendo um relacionamento conflituoso com a figura paterna. Casou aos 20 anos de idade, teve dois filhos e hoje se encontra divorciada.

Petúnia

Sua infância foi “excelente”. A relação familiar é muito intensa e tem muitos amigos.

Tulipa

Sua infância tal como Camélia e Dália foram marcadas por dificuldades financeiras, uma vez que tem seis irmãos. Relata que brincava muito na rua e em casa com seus irmãos e vizinhos. Sua adolescência foi uma época de novas experiências através de saídas com grupos de amigos, mas não foi de namorar muito. Preservando os amigos da infância e da adolescência e até hoje mantém contato, apesar de ter casado.

Durante a análise e discussão dos resultados, foram identificados alguns pontos marcantes:

Com relação à infância, Camélia, Dália, Tulipa, Jasmim e Orquídea respectivamente no quadro (2), passaram por muitas dificuldades financeiras. Em contrapartida temos Hortência com uma infância feliz e tranqüila, tendo uma condição financeira bastante confortável. Neste sentido, Jasmim e Orquídea respectivamente consideram a infância e adolescência como uma época marcada por cobranças e responsabilidades com uma educação bastante rígida sem nenhum espaço para diversão com os amigos e irmãos.

Segundo Nóvoa (2009), a construção de identidades é um processo complexo ao qual o individuo se apropria de sua história pessoal, mas que necessita de tempo para acomodar inovações e assimilar mudanças. Sendo assim, o individuo é considerado um ator na sociedade, tem sua história e um passado que pode pesar ou não em sua identidade. O indivíduo não pode ser definido segundo Dubar (2005), apenas “em função dos seus parceiros atuais, de suas interações face a face, em um campo determinado de práticas, mas também em função de sua trajetória, tanto pessoal como social” (p. XIX).

A compreensão e construção do eu pessoal está na socialização, experiências, aprendizagens, estando, sobretudo na individualidade, podemos encontrá-lo nas relações e interações entre as pluralidades que atravessam a vida. O processo de formação, segundo Nóvoa (1995) considera a dinâmica responsável pelo processo de construção da identidade do agente social. Essa construção, ao longo da sua história, se forma e se transforma em interação. Este processo é definido como uma função permanente, que dá forma e ritmo e põem em contato diferentes fontes de conhecimento.

Desta forma, a identidade pode assumir formas distintas, assim como são diversas as maneiras do sentido da trajetória, sua direção e sua significação, contempladas nos depoimentos a seguir:

FD: Trajetórias de Vida	
Professoras	Depoimentos
Camélia	“Foi uma infância, com muitas dificuldades porque meu pai quando eu tinha 5 anos de idade minha mãe ficou viúva aos 28 anos, nunca tinha trabalhado e teve que depender da ajuda da família”.

Dália	“Foi uma infância tranquila apesar das dificuldades financeiras enormes”.
Tulipa	“Durante a infância a gente passou por vários, vários problemas, assim a questão das dificuldades mesmo. A gente não quer ouvir falar naquela “unha de veio” que era a coisa que a gente comia”.
Jasmim	“Tem muita coisa da minha infância que não gosto de lembrar. Sempre tive uma posição de muita responsabilidade, porque meus pais eram muito rígidos”. “Minha família é uma família muito humilde, mas mesmo assim mamãe trabalhava em casa e costurava e papai era marceneiro. Mas mamãe sempre se preocupou com os estudos tanto meu como do meu irmão, então ela se matava numa máquina para pagar colégio que era caro na época”.
Orquídea	“A infância foi pouca, era adulta, porque a “casa” pedia para eu amadurecer antes do tempo, tinha muita responsabilidade dentro de casa (...), onde raramente brincava”.

Quadro 2 - Apresentação dos depoimentos das professoras na FD “Trajetórias de Vida”.**Fonte:** Entrevista realizada (2011).

Com relação à família, Orquídea e Dália relatam no quadro (3) os problemas de convivência com a figura paterna, considerando o pai como ditador, centralizador e ausentes em suas vidas. Uma vez que a família projeta no indivíduo uma identidade condizente com a imposta pela sociedade, muitas vezes de forma rígida e conservadora, da mesma forma que o sexo feminino traz consigo o peso da discriminação frente à exposição da reprodução, sexualidade e personalidade sobre a qual as sociedades historicamente se estabelecem. O feminismo surge com o objetivo de transformação da estrutura social previamente estabelecida na sociedade (CASTELLS, 2008).

FD: Trajetórias de Vida	
Professoras	Depoimentos
Orquídea	“Meu pai. Eu já disse a você super centralizador, uma educação bem arcaica”.

Dália	“Meu pai não foi uma pessoa muito presente na minha vida em tempo nenhum, só quando eu estava mais no interior, mas ele não foi uma pessoa muito presente”.
--------------	---

Quadro 3 - Apresentação dos depoimentos das professoras na FD “Trajetórias de Vida”.**Fonte:** Entrevista realizada (2011).

Com relação aos amigos, a maioria tem facilidade em fazer novas amizades. Contudo, Orquídea e Hortência respectivamente no quadro (4) têm poucos amigos e dificuldades em conquistar novas amizades sendo muito seletivas quando o assunto é relacionamento.

FD: Trajetórias de Vida	
Professoras	Depoimentos
Orquídea	“São poucos e bons, demoro muito a fazer amizades sou de analisar as coisas, (...), para que eu possa ter confiança e me aproximar”.
Hortência	“Eu tenho poucos e grandes amigos. Porque eu sou uma pessoa muito seletiva”.

Quadro 4 -Apresentação dos depoimentos das professoras na FD “Trajetórias de Vida”.**Fonte:** Entrevista realizada (2011).

Sendo assim, Dubar (2005) afirma que assim como as categorias socioeconômicas e socioculturais são indissociáveis, toda e qualquer junção são definidas no contexto de ação que explora definição de si e dos outros, essa definição inclui uma maneira de se definir a si próprio e definir os outros surgindo a partir daí, vínculos sejam eles de amizades, maternos, paternos ou profissionais.

3.2 Formação Discursiva (FD) – Identidade Docente

A identidade profissional não pode ser interpretada como separável das identidades individuais, muito menos das identidades coletivas que tem o papel de sustentar e informar. Desta forma, o desempenho coletivo está presente na identidade individual, assim como em cada desempenho individual estão presentes as identidades coletivas e as demais dimensões da identidade individual (LOPES, 2008).

Camélia

Seu ingresso na Rede Municipal de Ensino se deu através de concurso público. Acredita que exista relação entre a sua vida pessoal e profissional pelo fato de trabalhar com crianças na mesma faixa etária dos seus filhos. A escolha pela profissão se deu ainda na infância quando ajudava seus irmãos na realização dos deveres e na adolescência quando dava aulas a crianças na igreja. Relata que com o passar do tempo foi despertando seu gosto pela docência e permanece até hoje lecionando.

Dália

Seu ingresso na Rede Municipal de Ensino se deu através de dois concursos públicos. Acredita que exista relação entre a sua vida pessoal e profissional pelo fato de suas irmãs serem professoras e de alguma forma influenciaram na escolha pela docência. Em relação a sua permanência, relata que apesar do desrespeito com a profissão não mudaria de profissão porque gosta do que faz.

Hortência

Seu ingresso na Rede Municipal de Ensino se deu através de concurso público. Acredita que exista relação entre a sua vida pessoal e profissional pelo fato de ter parado por dez anos a carreira por motivos de transferência de cidade e dedicação aos filhos pequenos. A escolha pela profissão se deu de forma engraçada porque seu pai não aceitava sua decisão, embora soubesse que a profissão havia caído em descrédito sempre se imaginou professora.

Jasmim

Seu ingresso na Rede Municipal de Ensino se deu através de várias dificuldades, entre elas, gravidezes e empecilhos por parte do marido e da mãe até chegar a uma aprovação no concurso público realizado em 2005. Acredita que exista relação entre sua vida pessoal e profissional pelo fato de ter esse desejo de ser professora desde a época das escolinhas de bairro. A escolha pela profissão se deve a uma professora da infância e sua permanência está relacionada ao amor a profissão.

Magnólia

Seu ingresso na Rede Municipal de Ensino se deu através de concurso público. Acredita que exista relação entre a sua vida pessoal e profissional pelo fato de desenvolver o papel de educadora na sua vida, em casa, na família e conseqüentemente em seu trabalho. A escolha pela profissão tal como Camélia e Jasmim surgiu ainda na infância através de brincadeiras de escolinha de professores. Sobre a sua permanência, acredita que apesar de todas as dificuldades financeiras e a falta de reconhecimento começaria tudo outra vez.

Orquídea

Seu ingresso na Rede Municipal de Ensino se deu através de concurso público. Acredita que exista relação entre a sua vida pessoal e profissional tal como Magnólia, pelo fato de ser uma pessoa responsável no seu ambiente de trabalho, na sua casa e conseqüentemente na sua vida. A escolha pela profissão se deve a um erro na hora do preenchimento da inscrição, colocando a opção para o curso de pedagogia, profissão que permanece até os dias atuais.

Petúnia

Seu ingresso na Rede Municipal de Ensino se deu através de concurso público, porém cursou pedagogia no intuito de atuar na área de Recursos Humanos. Acredita que exista relação entre a sua vida pessoal e profissional tal como Orquídea e Magnólia, pelo fato de você sempre trazer alguma coisa da sua vida para o seu trabalho. A escolha pela profissão se deu através de um erro no preenchimento da ficha de inscrição do vestibular, inverteu a primeira opção que seria Serviço Social e colocou Pedagogia.

Tulipa

Seu ingresso na Rede Municipal de Ensino se deu através de concurso público. Acredita que existe relação entre a sua vida pessoal e profissional pelo fato de levar muito de sua forma de ser para o seu trabalho. A escolha pela profissão foi por acaso, já que passou no vestibular de pedagogia e com o passar do tempo através das aulas e estágios gostou de lecionar e permanece na docência até hoje.

Durante a análise e discussão dos resultados, foram identificados alguns pontos marcantes:

Com relação ao ingresso na Rede Municipal de Ensino todos os entrevistados

ingressaram através de concurso público Quadro (5).

Com relação à escolha pela profissão de (3) das entrevistadas foi por acaso, com alguns depoimentos relacionados a influências de algum parente pertencente à docência, preconceito e amor a profissão desde infância.

Segundo Nóvoa (1995), o processo de construção desta identidade profissional se sustenta em adesão, ação e autoconsciência. A adesão está vinculada a princípios e valores, adoção de projetos como um investimento nas potencialidades das crianças. A ação está na escolha das melhores maneiras de agir, estão presentes decisões profissionais e pessoais e a de autoconsciência embasado no processo de reflexão que o professor tem sobre a sua própria ação. Desta forma, a identidade não deve ser vista como um dado adquirido, propriedade ou produto. Neste sentido, ser professor envolve múltiplas faces como o engajamento da formação e informação permanentes, coerência profissional e pessoal que devem ser o resultado de suas buscas, aspirações e desejos de agir contextual e coerentemente na educação de qualidade.

FD: Identidade Docente	
Professoras	Depoimentos
Jasmim	“Meu ingresso na rede municipal de ensino se deu de forma bem interessante. Aí teve o concurso de 2000, e eu só fui chamada eu acho que foi quarta chamada que o prefeito João Paulo fez em 2005”. “Eu acho que esse desejo de ser professor hoje não é uma coisa que você decide de uma hora para outra, eu acho que lá atrás em um ponto ficou essa vontade”.
Tulipa	“Fiquei super contente por ter conseguido um emprego publico e na área que eu queria realmente”.
Magnólia	“Eu fiz concurso e fiquei muito feliz e estou na rede há 22 anos”.
Dália	“Foi engraçado. Fiz o concurso sem estudar os dois, tanto um como o outro”.
Camélia	“Foi o segundo que eu fiz ainda na universidade”.
Petúnia	“Foi através de concurso, mas não foi uma coisa assim que eu quisesse demais, porque eu nunca pensei em trabalhar mesmo com escola. Eu fiz pedagogia pensando em trabalhar com recursos humanos”.
Orquídea	“Quando eu entrei na rede municipal de ensino eu era professora da rede estadual. Na primeira oportunidade que eu tive, fiz o segundo concurso e agora estou trabalhando numa rede só”.
Hortência	“Fiz o concurso público aqui em Recife, e foi quando eu voltei a trabalhar”.

Quadro 5 -Apresentação dos depoimentos das professoras na FD “Identidade Docente”.

Fonte: Entrevista realizada (2011).

A relação entre a vida pessoal e profissional de acordo com Jasmim, Tulipa, Petúnia, Orquídea, Magnólia e Camélia no Quadro (6), está no fato de levar muito de sua forma de ser para o seu trabalho, desenvolvendo um papel de educadora na vida, família e conseqüentemente em seu trabalho. Vale salientar, que as identidades não estão ligadas apenas a atribuições dos outros, mas também, de esforços e busca por parte de si mesmo. Dubar (2005) define sobre auto definições, as histórias que cada indivíduo conta de si.

FD: Identidade Docente	
Professoras	Depoimentos
Jasmim	“Eu acho que esse desejo de ser professora hoje não é uma coisa que você decide de uma hora para outra, eu acho que lá atrás em um ponto ficou essa vontade”. “Mamãe sempre muito machista dizia que mulher casada não precisava estudar só cuidar de crianças”.
Tulipa	“Meu lado pessoal vai muito para o lado profissional, eu não costumo separar as coisas (...) mas aí a gente tenta fazer com que isso não atrapalhe”.
Petúnia	“Eu tenho alguns traços da minha personalidade e da minha vida em si, que eu trago para o meu trabalho, porque o meu trabalho sou eu”.
Orquídea	“Se você é uma pessoa responsável na sua vida, na sua casa, na sua família, você também é no trabalho”.
Magnólia	“Ao longo da minha existência eu estou sempre tentando educar, orientar, colocar o meu conhecimento na vida, nas ações que eu estou desenvolvendo”.
Camélia	“Acho que o fato de trabalhar com crianças que estão na mesma faixa etária dos meus filhos me faz vê também os meus alunos de uma forma, mais maternal, que não deveria.”.

Quadro 6 -Apresentação dos depoimentos das professoras na FD “Identidade Docente”

Fonte: Entrevista realizada (2011).

Deste modo, a identidade pessoal está configurada pela história e experiência pessoal implicando num sentimento de unidade, originalidade e continuidade. Sendo Assim, é necessário um dinamismo e interação entre o eu pessoal e o eu profissional para a construção da identidade docente, uma interna ao indivíduo e a outra externa entre o indivíduo e as instituições com as quais o mesmo interage (DUBAR, 1997). Podemos compreender, desta forma que a identidade é um componente da socialização e da subjetividade, sendo

transformada e configurada através dos vários acontecimentos no decorrer da trajetória de vida e de suas relações sociais, construindo-se a partir das interações entre os indivíduos e a estrutura social na qual está inserido como um ser pensante e modificador do seu meio.

3.3 Formação Discursiva (FD) - Feminização da Profissão Docente

Um acontecimento marcante e comum entre os relatos de Camélia, Dália, Hortência, Petúnia, Magnólia, e Tulipa no quadro (7) foi o nascimento dos filhos. Visto que o casamento e a maternidade segundo Louro (1998), eram considerados tarefas femininas fundamentais, constituindo a verdadeira carreira das mulheres, qualquer atividade profissional era considerada como um desvio dessas funções sociais, ao menos que possa ser representada de forma a se ajustar a elas. No que se refere à educação, as mulheres sempre se entrelaçaram na história construindo assim sujeitos históricos aspirados por um lugar próprio no tecido social e uma profissão que se adaptou perfeitamente aquilo que elas desejavam, aliando ao desempenho de um trabalho remunerado as aspirações humanas e afetivas que sempre lhes foram definidas pela sociedade. Apesar das vastas dificuldades enfrentadas como mulher e profissional o magistério se configura como uma profissão absolutamente feminina há mais de um século (ALMEIDA, 1998).

Neste cenário, Louro (1998) afirma que o magistério precisa tomar de empréstimo atributos que são tradicionalmente associados às mulheres, entre eles, o amor, a sensibilidade e o cuidado, para que o seu trabalho seja reconhecido como uma profissão admissível ou conveniente.

FD: Feminização da Profissão Docente	
Professoras	Depoimentos
Camélia	“O nascimento dos meus filhos com certeza”.
Dália	“O melhor foi o nascimento dos meus dois filhos foi o melhor que poderia existir pra mim e até porque eu os acho excepcionalmente excelentes, é a redundância da redundância”.
Hortência	“O nascimento dos meus filhos foi uma época na minha vida que me marcou muito”.
Petúnia	“O nascimento da minha filha”.

Magnólia	“O nascimento do meu filho Guilherme, foi assim à emoção, a maior emoção na minha vida, foi o nascimento de Guilherme”.
Tulipa	“Foi o nascimento das minhas filhas, quando elas nasceram aquilo marcou pra mim”.

Quadro 7 - Apresentação dos depoimentos das professoras na FD “Feminização da Profissão Docente”**Fonte:** Entrevista realizada (2011).

3.4 Formação Discursiva (FD) - Formação Docente

A formação docente segundo Pimenta (2002), considera o professor como o autor em sua formação, do confronto entre seus saberes iniciais e sua vivência prática na escola. Neste confronto, o professor cria e reelabora novos saberes partindo de pensamentos reflexivos sobre sua prática, atitude que demarca um novo paradigma na formação de docentes, estimulando o desenvolvimento pessoal e profissional.

Camélia

Destaca como mudança significativa em sua trajetória o amadurecimento profissional. Ressaltando como mudanças lentas a questão dos baixos salários, os recursos que não chegam para ter uma melhor condição de trabalho e as capacitações que são poucas e de baixa qualidade. Neste sentido, a mudança que ainda se sucede na docência é a adequação com a turma que trabalha. Acredita que o investimento pessoal reflita em sua vida profissional uma vez que as pessoas entendem a docência como sacerdócio, não levando em consideração os esforços e desafios que a profissão exige. Em relação à formação continuada, relata que nem sempre as capacitações são efetivas já que são explorados assuntos que não são condizentes com a realidade em sala de aula.

Dália

Destaca como mudanças significativas em sua trajetória a auto-atualização, estando sempre em busca de informação nas áreas de maior dificuldade. Ressaltando como mudanças lentas à adaptação a nova sistematização da prefeitura sobre os ciclos de aprendizagem na Rede Municipal de Ensino do Recife implantado em 2001 e a falta de estrutura e material. A mudança rápida foi à adaptação com a clientela e a mudança que ainda se sucede no processo é a adequação aos sistemas de ciclo. Acredita que o investimento pessoal reflita em sua vida

profissional através da área intelectual. Em relação à formação continuada, relata que as capacitações nem sempre foram ruins, mas atualmente estão bastante precárias e ausentes.

Hortência

Destaca como mudanças significativas em sua trajetória às experiências adquiridas através dos cursos realizados (graduação em Pedagogia e pós-graduação em Psicopedagogia), potencializando seu crescimento e tomadas de decisões na vida profissional. Ressaltando como mudança lenta o desenvolvimento da sua carreira profissional até chegar à especialização e de forma rápida, a degradação da sociedade já que os alunos perderam o interesse em adquirir novos conhecimentos. A mudança que ainda se sucede no processo é o resgate a “educação profissionalizante”. Acredita que o investimento pessoal reflita em sua vida profissional através da oportunidade de fazer suas escolhas e de trabalhar quando achou que deveria. Em relação à formação continuada, depende muito do profissional e do conteúdo repassado.

Jasmim

Destaca como mudança significativa em sua trajetória tal como Dália e Hortência as experiências adquiridas através dos cursos realizados (graduação em Pedagogia e pós-graduação em Educação Ambiental). Ressaltando como mudança lenta às dificuldades financeiras e a de forma rápida, o engajamento em projetos na educação. Acredita que o investimento pessoal reflita em sua vida profissional através dos cursos de extensão oferecidos gratuitamente. Em relação à formação continuada, depende exclusivamente de você sair procurando porque se depender de terceiros demora muito ou não acontece. Relata que percebe uma deficiência grande nas capacitações ministradas, contudo, considera um momento de aprendizado e de relacionamento com pessoas pela atual conjuntura estressante do professor.

Magnólia

Destaca como mudança significativa em sua trajetória tal como Camélia o amadurecimento profissional. Ressaltando como mudança lenta tal como Jasmim as dificuldades financeiras e a de forma rápida, o novo ciclo implantado nas escolas. A mudança que ainda se sucede no processo é a prática pedagógica e acredita que o investimento pessoal reflita em sua vida

profissional através dos cursos de graduação e especialização. Em relação à formação continuada, relatou a escassez das capacitações na educação.

Orquídea

Destaca como mudança significativa em sua trajetória o crescimento profissional. Ressaltando como mudança lenta à questão da conscientização de adquirir novos conhecimentos e a de forma rápida, a mudança de função. Neste sentido, a mudança que ainda se sucede na docência é sempre estar atrás de novos conhecimentos. Acredita que o investimento pessoal reflita em sua vida profissional através do investimento em uma pós-graduação. Em relação à formação continuada, relata que as capacitações acontecem enquanto coordenadora e enquanto professora é via coordenação da escola.

Petúnia

Destaca como mudanças significativas em sua trajetória tal como Orquídea o serviço profissional, principalmente quando foi chamada para trabalhar em um cargo administrativo de vice-dirigente. Ressaltando que tudo na sua carreira aconteceu de forma rápida, acredita que no trabalho público as coisas acontecem de forma impetuosa. Neste sentido, as mudanças que ainda se sucedem tal como Orquídea está no aprendizado. Acredita que o investimento pessoal reflita em sua vida profissional através do seu contato com Deus, ajudando a mesma a ser a professora que ela é hoje. Em relação à formação continuada, tal como Camélia relata que os profissionais capacitores são despreparados ou sem nenhum compromisso.

Tulipa

Destaca como mudanças significativas em sua trajetória tal como Camélia, Hortência e Magnólia o crescimento e amadurecimento profissional. Ressaltando como as mudanças de forma lenta à questão da compreensão de como trabalhar com os alunos, a mudança do ensino regular para o ciclo, a diferença de ensino e estrutura da escola particular para a pública e a mudança de forma rápida, foi o relacionamento pessoal com os alunos. Neste sentido, as mudanças que ainda se sucedem na docência são as formas de avaliação e de aprendizagem individual do aluno. Acredita que o investimento pessoal reflita em sua vida profissional tal como Orquídea através da busca por conhecimentos, sempre tendo que se atualizar através de leituras, revistas, voltadas para área de educação. Em relação à formação continuada, tal como

Camélia e Petúnia relatam que passou um bom tempo sem capacitação, acontecem alguns debates e palestras todo início de ano, mas capacitação direcionada para profissão demora muito para acontecer.

Durante a análise e discussão dos resultados, foram identificados alguns pontos marcantes:

Como mudanças significativas em sua trajetória às entrevistadas destacam no quadro (8) o crescimento e amadurecimento profissional como ponto importante a ser mencionado em sua trajetória, além da busca por novos conhecimentos, embora as capacitações estejam cada dia menos freqüente e de baixa qualidade. Sendo assim, a construção da identidade do professor é um processo contínuo de construção e reconstrução do saber cuja reflexão é calcada nas experiências e práticas presentes no cotidiano do professor, no decorrer do seu desenvolvimento pessoal e profissional.

Neste sentido, Lelis (2009), afirma em sua tese de doutorado que a idéia da investigação sobre as trajetórias de vida se concretizou devido à insatisfação diante de um discurso dominante sobre a desvalorização dos saberes e das práticas dos docentes. Ressaltando que as formas de regulação da profissão são necessárias, mas devem respeitar a experiência de cada professor, levando em consideração os processos dinâmicos e interativos de formação contínua. A esse quadro, o mesmo acrescenta as dificuldades de aperfeiçoamento dos docentes da rede pública, referente a baixas freqüências de cursos, seminários e oficinas de formação.

Deste modo, a formação da identidade profissional docente passa por um processo lento e se desenvolve por meio de apreciações e apropriações do mundo escolar, presentes nas relações de convívio social e na prática docente. É nesse processo que o professor se depara com dificuldades, ambiguidades e confusões quanto à própria imagem e papel, sendo necessária uma tomada de consciência do que é realmente pertinente à profissão (SILVA, 2009).

FD: Formação Docente	
Professoras	Depoimentos
Camélia	“Na sala de aula convivendo o dia-a-dia com os alunos, com os pais, com os responsáveis, você vai amadurecendo e vai aprimorando a prática. (...) É o

	amadurecimento profissional e pessoal”. “Nem sempre essas capacitações ajudam, pois o que é passado nas mesmas foge a realidade vivida por nós em nossas salas de aula”.
Hortência	“A tua experiência vai lhe ajudando a tomar certas decisões em relação ao aluno, a fazer intervenções. (...) isso vai levando você mudar o seu modo de pensar e de agir em relação ao aluno e a escola como um todo”. “O curso de psicopedagogia ajudou demais, eu acho que isso daí foi um grande plano, a faculdade depois da pós-graduação e também o próprio amadurecimento profissional”.
Magnólia	“Ao longo do tempo a gente vai amadurecendo, vai vivenciando, vai aprendendo, adquirindo mais experiência, vai mudando sua forma de vê o mundo”.
Tulipa	“Você querendo ou não tem que amadurecer e procurar entender aquele espaço que você está e os estudantes no caso, cada um tem uma história diferente e aí você tem que compreender isso”.
Jasmim	“Eu sempre coloquei em primeiro plano o crescimento intelectual porque como eu era de uma família muito pobre aprendi uma coisa, quem tinha voz forte era quem tinha dinheiro e tinha poder, mas você precisa de alguma forma ser ouvido”.
Orquídea	“Eu acredito que a mudança é justamente por mais conhecimento, é você querer sempre mais, fazer novos cursos (...), Mas eu acho que é isso na área mesmo do conhecimento e também relações humanas que a gente melhora muito”

Quadro 8 - Apresentação dos depoimentos das professoras na FD “Formação Docente”.**Fonte:** Entrevista realizada (2011).

No entanto, Jasmim, Magnólia e Camélia destacam no quadro (9) como mudanças lentas os baixos salários ocasionando em dificuldades financeiras ao longo da carreira profissional. Sendo assim, as condições de trabalho dos professores permitem caracterizar certas dimensões, entre elas, o tempo de trabalho diário, semanal, anual, o número de horas de trabalho, o número de alunos e salários dos professores. Neste sentido, o trabalho docente muitas vezes não é valorizado, avaliado e remunerado como deveria (TARDIF, 2005).

FD: Formação Docente	
Professoras	Depoimentos
Camélia	“Apesar de gostar da profissão, eu acho que hoje o professor ele é muito massacrado em todos os sentidos que a gente possa pensar. É a questão da falta de condições de trabalho, apoio mesmo que a gente não tem, a desvalorização do professor é muito grande”.
Jasmim	“As mudanças de forma lenta sempre foram na minha área econômica (...) eu sempre quis fazer as coisas no meu tempo mesmo que for demorando e claro que a gente busca melhorar”.

Magnólia	“Mesmo com todas as dificuldades financeiras, que ganha pouco, o reconhecimento que não existe, mas eu começaria tudo outra vez”.
Hortência	. “O aluno em si vai para escola buscando outras coisas e não aquilo que a escola poderia formar o caráter dele como um todo, para ele se profissionalizar, procurar um bom emprego”. “Como mudança lenta, no sentido de que fui cavando degraus à medida que fui me especializando e também pelo próprio trabalho em si, dentro da escola”.

Quadro 9 -Apresentação dos depoimentos das professoras na FD “Formação Docente”.

Fonte: Entrevista realizada (2011).

Neste sentido, Camélia, Jasmim, Magnólia e Hortência no quadro (10) colocam como mudanças significativas em sua trajetória às dificuldades de relacionamento, aprendizado e trabalho com os alunos levando muitas vezes insatisfação pela desvalorização profissional, além da adaptação ao novo sistema de ensino regular que foi modificado para ciclos.

O ciclo de aprendizagem na Rede Municipal de Ensino do Recife foi implantado em 2001 e representa a expressão de uma proposta de educação escolar que redimensiona as bases conceituais dos processos de ensino e de aprendizagem e que privilegia a construção processual do conhecimento, das práticas e dos aportes metodológicos em relação ao fazer pedagógico e às interações nas relações sociais no âmbito da escola. No que diz respeito a esse direito, com o amparo legal do parágrafo 30 do artigo 87 da LDB, foi ampliado, de oito para nove anos, o percurso da escolarização, possibilitando o alargamento do tempo das aprendizagens (DIRETORIA GERAL DE ENSINO/ Prefeitura do Recife).

No primeiro ano de implantação dos ciclos de aprendizagem, foram muitas as inquietações dos professores diante da nova organização do ensino, os sentimentos de insegurança diante da proposta de mudança nas concepções pedagógicas já cristalizadas, as dúvidas diante do desequilíbrio epistemológico provocado, os receios, diante do desafio lançado pela gestão municipal, de que seria preciso criar e ousar para atender aos princípios definidos para a política educacional da rede. (DIRETORIA GERAL DE ENSINO/ Prefeitura do Recife).

Em relação às dificuldades de relacionamento, aprendizado e trabalho com os alunos, segundo Tardif (2002), muitas vezes o docente é visto e exige-se do mesmo que se torne profissional da pedagogia, capaz em sua totalidade de lidar com os inúmeros desafios suscitados pela escolarização de massa em todos os níveis do sistema do ensino, dificultando assim, a forma que o professor vai interagir e desenvolver vínculos com os alunos. Nesta linha

observa Estrela (1993) que no exercício da profissão docente há atividades e tarefas cujo desempenho provoca satisfação, inversamente haverá outras que desencadeiam insatisfação dificultando assim, a relação professor e aluno. Entre os aspectos desencadeadores dessa desarmonia destacam-se a falta de equipamentos, carga horária excessiva, falta de reconhecimento profissional, má remuneração e falta de empenho dos alunos nas atividades desenvolvidas e preparadas pelos professores. Neste sentido, o professor é visto com uma imagem degradada, não tendo razões para gostar do seu trabalho.

Deste modo, compreendemos que os docentes embora ensinem grupos, não podem deixar de considerar a individualidade e heterogeneidade do objeto de trabalho que são os alunos. Eles não possuem as mesmas capacidades pessoais nem as mesmas possibilidades sociais. Essas possibilidades de ação variam de indivíduo para indivíduo, a capacidade de aprender também, assim como as possibilidades de se envolver numa tarefa. Outro ponto importante é a sociabilidade do objeto de trabalho dos docentes uma vez que os alunos são seres sociais cujas características sociais irão desencadear atitudes e reações dos professores. A afetividade e a relação com o aluno é bastante simples e conturbada ao mesmo tempo, sendo trabalhada e construída no dia-a-dia (ESTRELA, 1993).

FD: Formação Docente	
Professoras	Depoimentos
Camélia	“Acredito que amor à profissão todo mundo tem que ter em qualquer profissão, você tem que fazer com amor. Mas acho que tem que ficar assim entendido em relação à insatisfação (...) de se doar tanto muitas vezes e você não ter retorno, nem um respeito profissional, respeito dos próprios pais dos alunos, dos próprios alunos”.
Hortência	“Eu acho que uma das coisas piores que eu acho na profissão é essa desvalorização crescente. Agora atribuo também a isso ao próprio professor, ao próprio profissional já que não há entrosamento”.
Dália	“Adaptar-me a essa nova sistematização da prefeitura com relação assim, é lenta porque eu não consigo aceitar”.
Magnólia	“Eu sou uma pessoa contra os ciclos. Eu acho que não é da nossa realidade nordestina para o nordeste”.
Tulipa	“A forma lenta é essa questão da compressão de como trabalhar com esses alunos, porque a maioria deles não são alfabetizados. (...) Uma coisa lenta também que aconteceu foi essa passagem do ensino regular pra ciclo, saber que não tem nota é uma coisa meio incompreensível”.

Quadro 10 -Apresentação dos depoimentos das professoras na FD “Formação Docente”.

Fonte: Entrevista realizada (2011).

Como se observa, apesar de tudo anteriormente citado sobre a desvalorização profissional a maioria das entrevistadas no quadro (11) não mudaria de profissão. Neste sentido, vamos ao encontro do estudo desenvolvido por Estrela (1993) onde afirma que os sujeitos entrevistados agradam em ser professores por ser uma profissão onde todos os dias são diferentes, além de ser um trabalho compensador, sem rotina, rodeado de pessoas. A responsabilidade pela formação dos alunos é um poderoso estímulo para o docente.

FD: Formação Docente	
Professoras	Depoimentos
Magnólia	“Com todas as dificuldades financeiras que ganha pouco, o reconhecimento que não existe, mas eu começaria tudo outra vez”.
Jasmim	“Mudaria não. Eu gosto de ser professora”.
Hortência	“Eu acho que não, apesar de tudo você vê lá fora a desvalorização que a profissão passa, mas eu não me vejo trabalhando em outra coisa não”.

Quadro 11 -Apresentação dos depoimentos das professoras na FD “Formação Docente”.

Fonte: Entrevista realizada (2011).

Diante dos depoimentos, as entrevistadas acreditam que o investimento pessoal reflita em sua vida profissional. Segundo Jasmim, Magnólia, Orquídea, Dália e Tulipa no quadro (12), seus investimentos estão em leitura, revistas, cursos de extensão e especialização sempre em busca por novos conhecimentos. Diante do exposto, a formação continuada é vista pelas entrevistadas de má qualidade, com palestrantes sem qualificação e o conteúdo muitas vezes não atinge as expectativas e necessidades dos docentes.

FD: Formação Docente	
Professora	Depoimentos
Dália	“Sempre estou observando as coisas e vendo, sempre buscando informações dentro principalmente das áreas que eu tenho mais dificuldade”.
Jasmim	“Eu sempre coloquei em primeiro plano o crescimento intelectual “
Orquídea	“Eu acredito que a mudança é justamente por mais conhecimento. É você querer sempre mais, fazer novos cursos (...), Mas eu acho que é isso na área mesmo do conhecimento e também relações humanas que a gente melhora muito”.

Magnólia	”Na prática a gente quase não participa de capacitações”.
Petúnia	“Uma boa capacitação que poderia durar mais tempo, quer dar essa capacitação em dois dias, o trabalho que a prefeitura faz deixa muito a desejar. Você vê que é só uma questão de justificar com que está gastando o dinheiro”.
	“As novas tecnologias têm a possibilidade de ampliar os horizontes, uma vez que facilitam a vida do profissional e a dos estudantes, possibilitando mudanças e a aquisição de novos conhecimentos”.

Quadro 12 -Apresentação dos depoimentos das professoras na FD “Formação Docente”.

Fonte: Entrevista realizada (2011).

Neste sentido, a formação contínua é um processo destinado ao aperfeiçoamento e desenvolvimento profissional do docente, nas suas mais variadas vertentes e dimensões, onde as áreas de formação em educação fazem parte de um processo contínuo e permanente, dizem respeito não só, em termos pessoais, ao próprio docente, mas também, em termos organizacionais, ao contexto escolar em que cada professor se insere (TARDIF, 2005).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão sobre a identidade profissional do educador é um ponto de grande relevância para os questionamentos que envolvem a educação, uma vez que ser professor é interagir com o outro e com o meio no qual está inserido, produzindo e transmitindo de uma forma dinâmica os saberes na educação. Saberes estes que são narrados e discursados através das histórias de vida das professoras entrevistadas, permitindo confrontar as histórias e responder as questões que permeiam as trajetórias de vida pessoal e profissional e as indagações propostas acerca da qualificação e formação desses profissionais que influenciam na construção de sua identidade docente.

No âmbito desse contexto os elementos contemplados na pesquisa consistiram em conhecer a realidade social do educador e os caminhos evolutivos na construção das identidades profissionais de 8 (oito) professoras da escola pertencente a Rede Municipal de Ensino da Cidade do Recife, que atende crianças do ensino fundamental I, cuja equipe técnica é formada por gestor, vice gestor, assistente de direção, coordenador pedagógico e professores.

A escolha pela instituição em questão se deu pela facilidade de acesso e por desenvolver um projeto político pedagógico voltado para a realidade social da comunidade escolar, com atividades pertinentes às políticas públicas e curriculares para esse segmento educacional. O único critério por mim estabelecido foi que a escola deveria ser da Rede Municipal de Recife e deveria ofertar o ensino fundamental I do 1º e 2º ciclos.

Procedemos a um levantamento do número de professores na escola selecionada levando em consideração o tempo de serviço letivo na Rede Municipal de Ensino e a existência de professores em todas as fases de experiência profissional. Logo em seguida foram esclarecidos quanto aos objetivos da pesquisa e a confirmação da sua participação, precedemos com a entrevista cujas perguntas visam uma primeira aproximação com a questão das histórias de vida. Consistindo em uma entrevista semi-estruturada, onde todas as falas foram gravadas e foi assinada uma carta convite comprovando a participação de forma espontânea.

A conclusão desta pesquisa está baseada em análises e discussões dos resultados: Com relação ao sexo prevaleceu o feminino, uma faixa etária que variou de 41 a 60 anos e prevalência entre os docentes de casados e especialistas na área de educação. Foi observado entre os discursos das entrevistadas um conhecimento bastante pertinente sobre o tema em estudo “A construção de Identidades profissionais docentes: Relatos de Histórias de Vida”,

além de uma boa formação para atuarem no ensino e um tempo de serviço que variou de 6 a 20 anos de experiência profissional. Neste sentido, Castells (2008) afirma que a construção da identidade é “a fonte de significado e experiência de um povo” (p.22).

Sendo assim, o indivíduo interage todo momento com o meio do qual está inserido, encontrando respostas para suas potencialidades e fraquezas, com o objetivo de investimento no seu crescimento e mudanças sejam elas profissionais e/ou pessoais.

Deste modo, o eu pessoal e profissional docente são construídos de forma progressiva mediante suas vivências na sociedade e suas escolhas profissionais. Investigamos inicialmente alguns aspectos gerais do docente e de sua profissão, buscando a compreensão da construção de suas identidades profissionais baseados nas histórias de vidas.

Em relação à formação discursiva “trajetórias de vida”, muitos dos entrevistados passaram por dificuldades financeiras durante a infância e adolescência, além de problemas de convivência entre os familiares. Com relação aos amigos a maioria dos entrevistados tem poucos e dificuldades em conquistar novas amizades sendo muito seletivos quando o assunto é relacionamento. Contudo, muitos dos acontecimentos acabaram influenciando na identidade pessoal e posteriormente na formação da identidade profissional. Diante do exposto podemos concluir que a construção da identidade passa por um processo complexo que envolve sua história de vida seja ela pessoal ou profissional. Contudo, segundo Nóvoa (1995), o processo de construção do eu pessoal e profissional necessita de tempo para refazer identidades e assimilar mudanças.

A identidade docente foi outra formação discursiva que demonstrou através dos depoimentos que muitas das entrevistadas ingressaram na rede municipal de ensino através de concurso público, e acreditam que a vida pessoal influencie na vida profissional uma vez que levam muito de sua forma de ser para o trabalho.

A “feminização docente” teve como destaque a maternidade como acontecimento importante e marcante entre as entrevistadas. Uma vez que a mulher era vista pela sociedade como esposa e mãe, assumindo assim, o papel de servir e cuidar do próximo. Neste sentido, Souza (2002, p. 17-18) menciona que, segundo alguns estudos internacionais “o cuidado aparece como ideal ético, isto é, a ética nas mulheres nasceria da experiência do cuidado, essa tendência universal aprendida que leva as mulheres a cuidarem dos membros da mesma espécie”.

No que diz respeito à formação discursiva “formação docente”, os entrevistados afirmam como mudanças significativas em sua trajetória o crescimento e amadurecimento

profissional como ponto importante a ser mencionado, além da busca por novos conhecimentos. Embora as capacitações estejam cada dia menos frequentes e de baixa qualidade, além de discursos remetendo aos baixos salários, ocasionando em dificuldades financeiras ao longo da carreira profissional, péssimas condições de trabalho, desvalorização profissional, carga horária excessiva, ausência de capacitações na área da educação e dificuldade de compreensão dos ciclos de aprendizagem na Rede Municipal de Ensino do Recife implantado em 2001, representando a expressão de uma proposta de educação escolar que redimensiona as bases conceituais dos processos de ensino e de aprendizagem.

Neste sentido, Zanatha et al (2002) relatam que a profissionalização docente tem promovido debates no campo educacional com o propósito de gerar uma reavaliação do papel da escola e dos professores redimensionando as características da profissão docente frente à realidade sócio-educacional. Sendo assim, a autora acredita que na atualidade os docentes manifestam interesse na busca por novos saberes e responsabilidades perante a sociedade, sinalizando assim, interesse por novos conhecimentos. O que explica a crescente demanda em cursos de pós-graduação, capacitações e atualizações, que são consequências das novas reflexões filosóficas e científicas em detrimento dos avanços tecnológicos.

Os professores entrevistados acreditam que o investimento pessoal reflita de alguma forma em sua vida profissional uma vez que só investir em novos conhecimentos contribui para o aperfeiçoamento e desenvolvimento do docente, nas suas mais variadas vertentes e dimensões pessoal e profissional. Estes investimentos estão em leitura, revistas, cursos de extensão e especialização sempre em busca por novos conhecimentos. Diante do exposto, a formação continuada é vista pelas entrevistadas de má qualidade, com palestrantes sem qualificação e o conteúdo muitas vezes não atinge as expectativas e necessidades dos docentes.

Diante do exposto, segundo Dubar (2006), na atualidade a identidade pessoal é construída pelos próprios indivíduos no decurso da suas trajetórias de vida. “Esta concepção supõe uma transformação dos paradigmas e dos modelos analíticos de uma sociologia clássica e cujo determinismo desvaloriza e desqualifica as subjetividades” (p. s/n prefácio).

Podemos concluir com base no objetivo geral que as histórias de vida das entrevistadas remetem através dos seus discursos suas lembranças e como se deu o processo de construção das identidades pessoais e profissionais. Demonstrando que o docente é um indivíduo inserido numa sociedade heterogenea e complexa, construindo suas identidades pessoais e profissionais através da interação com o social como um ser plural e reflexivo e da

relação com o seu próximo remetendo assim, a construção da sua própria identidade.

Ao término do desenvolvimento deste estudo, fica evidente que a identidade e formação docente ao longo de toda trajetória de vida são referências para o entendimento e influência da prática pedagógica efetivada cotidianamente no âmbito escolar, contribuindo para a ampliação dos conhecimentos que versam sobre o tema proposto “A Construção de Identidade Profissional Docente: Relatos de Histórias de Vida”. Visto que não há pesquisas completas, recomenda-se a consideração desta em estudos acadêmicos futuros, debates, como em quaisquer atividades ligadas à área educacional que envolva o tema proposto.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, T.M.; SENA, I.P.; VIANA, M.A.; ARAÚJO, E.M. **Mal - Estar Docente: Avaliação de condições de trabalho e saúde em uma instituição de ensino superior.** Revista baiana de saúde pública, v.29. n.1, p 6-21, jan./jun. 2005. Disponível em: <http://www.sinproba.org.br/saude/doc/mal_estar_docente_rev_baiana_de_saude_publica.pdf> Acesso em: 03 Jun. 2011.

ALMEIDA, J.S. **As lutas femininas por educação, igualdade e cidadania.** Revista Brasileira. de Est. pedag, Brasília, v.81, n.197, p.5-13, 2000.

_____. **Mulher e educação: a paixão pelo possível.** São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998-Prismas.

BAIROS, M.S. **O Habitus Docente: é possível construir uma nova educação com velhas mentalidades?** VII SEMINÁRIO REDESTRADO – NUEVAS REGULACIONES EN AMÉRICA LATINA, Buenos Aires, 3, 4 y 5 de Julio de 2008. Disponível em: <http://www.fae.ufmg.br/estrado/cdrom_seminario_2008/textos/trabajos/O%20HABITUS%20DOCENTE%20C3%89%20POSS%20C3%8DVEL%20CONSTRUIR%20UMA%20NOVA%20EDUCA%20C3%87%20COM%20VELHAS%20MENTALIDADES.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2005.

BENITES, L.C, Neto, S.S. **Os saberes docentes e a prática pedagógica nas tendências de ensino da Educação Física.** Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2006. Disponível: <http://www.efdeportes.com/efd103/docentes.htm> Acesso: 08 Dez, 2011.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação.** Porto: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n17/a10n17.pdf>>. Acesso em: Mai. 2010.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases.** [S.l.], 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/19394.htm>. Acesso em: 16 jan. 2010.

BRZEZINSKI, Iria. **Profissão professor: identidade e profissionalização docente.** Brasília: Plano Editora, 2002.

BURNIER, S, CRUZ, R.M.R, DURÃES, M.N, PAZ, M.L, SILVA, A.N, SILVA, I.M.M. **Historias de vida de profesores: el caso de la educación profesional.** Rev. Bras. Educ. vol.12 no.35 Rio de Janeiro May/Aug. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782007000200013 Acesso em: 20 Nov. 2011 as 20h 10min.

CASTELLS, MANUEL. **O poder da identidade – A era da informação: economia, sociedade e cultura.** [S. l.]: Paz e terra S/A, vol. 2, 6. ed., 2008.

CHERQUES, H. R.T. **Pierre Bourdieu: a teoria na prática***. RAP Rio de Janeiro 40(1): 27-55, Jan./Fev. 2006.

COPPETE, Maria Conceição. **Currículo**. Florianópolis: UDESC/CEAD, 2003. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt08/t0815.pdf>> Acesso em jun.2010.

DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais** São Paulo: Atlas, 2001.

DIRETORIA GERAL DE ENSINO/SE/Prefeitura do Recife. **Um novo caminho na prática pedagógica: a docência na rede municipal do Recife e os ciclos de aprendizagem**. Disponível em: <<http://www.recife.pe.gov.br/pr/seceducacao/midia/PARTE13.PDF>> Acesso em: 15 out. 2011.

DUBAR, C. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo, Martins Fontes, 2005.

_____. **A Crise das Identidades. A interpretação de uma mutação**. Porto, Edições Afrontamento, 2006.

_____. **Formação, trabalho e identidades profissionais**. In: CANÁRIO, Rui. (Org.). **Formação e situações de trabalho**. Porto : Porto Editora, 1997.

ESTRELA, Maria Teresa; ESTRELA, Albano. **A análise de necessidades na formação de professores**. Porto. Porto Editora, 1993.

FERNANDES, Cleudemar. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil. **Revista Letras; Espaço de Circulação de Linguagem**, Universidade Federal de Santa Maria, n. 27, p. 39-46, 2003.

FISCHER, R.M.B. **Mídia e Educação da Mulher: Uma discussão teórica sobre modos de enunciar o Feminino na tv**. Ano 9 586 2º semestre 2001. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8642.pdf> Acesso: 08 Dez, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários às práticas educativas**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREITAS, M.T.A. **A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora**. Cad. Pesqui. no.116 São Paulo July 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742002000200002&script=sci_arttext Acesso em: 26 Dez, 2011.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.

_____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

GARCIA, Maria M. Alves, et al. **As identidades docentes como fabricação da docência.** Universidade Federal de Pelotas, São Paulo, v. 31, n.1, p. 45-56, jan./abr. 2005.

GIDDENS, Anthony. **Anthony Giddens e as consequências da modernidade.** [S.l.], 2003. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br>> Acesso em: Mai. 2010.

GODOY, ARILDA S., **Introdução a pesquisa qualitativa e suas possibilidades,** In Revista de Administração de Empresas, v.35, n.2, Mar./Abr. 1995^a, p.57-63. Pesquisa qualitativa - tipos fundamentais, In Revista de Administração de empresas, v 35, n 3 Mai/Jun. 1995b, p. 20-29.

GOMES, A. A. **A construção da identidade profissional do professor: uma análise de egressos do curso de Pedagogia.** VI CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, 2006. Disponível: <<http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/590.pdf>> Acesso: 20 fev. 2011.

GONÇALVES, Nadia G.; GONÇALVES, Sandro A. **Pierre Bourdieu: educação para além da reprodução.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GONÇALVES, José Alberto M. **A carreira das professoras do ensino primário.** In: NÓVOA, A (Org.). **Vidas de professores.** Portugal, 1995, p 141-169.

GONZAGA, Amarildo Menezes. **A Pesquisa em Educação: um desenho metodológico centrado na abordagem qualitativa.** In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. (Orgs.). **Pesquisa em educação.** São Paulo: Loyola, 2006.

GOODSON, Ivor F. **DAR VOZ AO PROFESSOR: As histórias de vida dos professores e o seu desenvolvimento profissional** In: NÓVOA, A (Org.). **Vidas de professores.** Portugal, 1995, p 63-78.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11^a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOLLY, M.L Investigando a vida Profissional dos Professores: Diários Bibliográficos. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores.** Porto: Porto Editora, 2^a edição. 1995 b.

HUBERMAN, Michael. **Tendências gerais do ciclo da vida dos professores.** In: Nóvoa, Antonio (Org.). **Vida de professores.** Portugal: Porto, 1999.

HUBERMAN.M. **O Ciclo de vida Profissional dos Professores.** In: NÓVOA, A (Org.). **Vidas de professores.** Portugal, 1995, p. 31-61.

JOVCHELOVITCH, Sandra.; BAUER, Martin W.. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2002.

LAWN, M. **Os Professores e a Fabricação de Identidades.** **Currículo sem Fronteiras**, v.1, n.2, p. 117-130, Jul/Dez 2001. Disponível: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol1iss2articles/lawn.pdf>> Acesso: 20 fev. 2011.

_____. Os professores e a fabricação de identidades. In: NÓVOA, Antonio & SCHRIEWER, Jürgen. (Orgs.). **A difusão mundial da escola**. Lisboa: Educa, p. 69-84, 2000.

LELIS, I. **A construção social da profissão docente no Brasil: uma rede de histórias**. In: TARDIF, M, LESSARD, C (Org). O ofício de professor. Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus Professor, Adeus Professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Editora Cortez, 2ª edição, 2001.

LOPES, A. **A construção de identidades docentes como constructo de estrutura e dinâmica sistêmicas: argumentação e virtualidades teóricas e práticas**. Revista de currículo e formação do professor. Portugal: Universidade de Porto, 2008. Disponível em: <<http://www.ugr.es/~recfpro/rev113COL1port.pdf>> Acesso em: 20 fev. 2011.

LOURO, G.L. **Gênero Sexualidade e Educação - Uma perspectiva pós-estruturalista**. ed. 2, Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986

MARCELO, C. **A identidade docente: constantes e desafios**. [S.l.], v. 1, n. 1, ago.-dez. 2009. Disponível em: <<http://formacaodocente.autenticaeditora.com.br/artigo/exibir/1/3/1>> Acesso: 20 fev. 2011.

MARTINS, M.C. **Histórias do currículo e currículos narrativos: possibilidades de investigação na história social do conhecimento**. Pro-Posições, v. 18, n. 2 (53) - maio/ago. 2007. Disponível em: <http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/~proposicoes/textos/53-dossie-martinsmc.pdf> Acesso em: 08 Dez, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MOITA, Maria da Conceição. **Percursos de formação e de trans-formação**. In: NÓVOA, A (Org.). **Vidas de Professores**. Portugal: Porto, 1995, p. 111-140.

MORAES, Elizabeth Silvia (Org). **Currículo e formação docente: um diálogo interdisciplinar**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2008.

NÓVOA, António. **Os professores e o “novo” espaço público da educação**. In: TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude (Orgs.). **O ofício de professor**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p.217-233.

NÓVOA, António. **Os professores e as histórias da sua vida**. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto Editora, 2ª edição 1995 p. 11–30

_____. **Os Professores na virada do milênio: do excesso dos discursos à pobreza das práticas**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 25, n. 1, jan./jun. 1999. Disponível em:<<http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Scheme/Vol02Num03Editorial.pdf>> Acesso em: 02 abr. de 2011.

_____. **Os professores e as histórias da sua vida.** In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores.** Porto: Porto Editora, 2000. p. 11–30

NÓVOA, António. **O professor pesquisador e reflexivo (2001).** Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/salto/entrevistas/antonio_novoa.htm> Acesso em 19 de fev. 2010.

NUNES, Célia Maria Fernandes. **Saberes Docentes e Formação de Professores: um breve panorama da pesquisa brasileira.** Revista Educação & Sociedade, São Paulo, ano XXII, n. 74, p.27-42, abr. 2001.

OLIVEIRA, Z. M. R.; et al. **Construção da identidade docente: relatos de educadores de educação infantil.** Cadernos de Pesquisa., São Paulo, v.36, n. 129, p. 547-571, sept./dec. 2006. Disponível: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n129/a0336129.pdf>> Acesso: 20 fev. 2011.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso: princípios & procedimentos.** 6 ed. São Paulo: Pontes, 2005.

_____. **Análise do Discurso: princípios & procedimentos.** São Paulo: Pontes, 1999.

PACHECO, José Augusto de Brito. **Formação de Professores: teoria e prática.** Braga: Universidade do Minho, mai. 1995.

PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Saberes Pedagógicos e Atividade Docente.** São Paulo: Cortez, 1999.

PIMENTA, Selma Garrido; GUEDIN, Evandro (Orgs.). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um processo.** 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

QUEIROZ, M.I. **Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”.** In: VON SIMSON (Org.) **Experimentos com Histórias de Vida: Itália-Brasil.** São Paulo: Vértice, 1988.

QUEIROZ, C.M. **Configuração teórica da Análise do Discurso (AD) de linha francesa.** Webartigos.com, 2009. Disponível: <http://www.webartigos.com/artigos/configuracao-teorica-da-analise-do-discurso-ad-de-linha-francesa/17917/> Acesso: 08 Dez, 2011.

RABELO, Amanda Oliveira.; MARTINS, António Maria. **A Mulher no Magistério Brasileiro: um histórico sobre a feminização do magistério.** Universidade de Aveiro, Distrito de Aveiro, p. 6167 – 6176. Anais do VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação: Percursos e Desafios da Pesquisa e do Ensino de História da Educação. Uberlândia: FACED/UFU, 2006. Disponível em: <<http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/556AmandaO.Rabelo.pdf>> Acesso em : 9 dez. 2011

RAINHA, M.A.P. **Relações de Afetividade e Rejeição.** Psicopedagogia online Educação e Saúde, 2011. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/new1_artigo.asp?entrID=408> Acesso: 22 de Set. 2011.

ROCHA, D, DEUSDARÁ, B. **Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e**

afastamentos na (re)construção de uma trajetória. Rio de Janeiro, Alea vol.7, n.2, July/Dec. 2005. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517106X2005000200010&script=sci_arttext&tlng=ES> Acesso em: 18 mar. 2011.

ROSA, M. I.P, RAMOS, T.A. **Memórias e odores: experiências curriculares na formação docente.** Revista Brasileira de Educação. Associação Nacional de pós-graduação e Pesquisa em Educação. vol. 13, n. 39, setembro-dezembro, 2008, São Paulo, Brasil, 2008.

SANCHOTENE,M.U, Neto, V.M. **Habitus Profissional, Currículo Oculto e Cultura Docente: Perspectivas para a análise da prática pedagógica dos professores de educação física.** Revista Pensar a Prática, 2006. Disponível: <<http://www.Revistas.Ufg.Br/Index.Php/Fef/Article/View/173/1470>> Acesso: 08 Dez, 2011.

SERRANO, Gloria Perez. **Investigación cualitativa.** Retos e Interrogante: Técnicas y análisis de datos.Madrid, La Muralla, 1998.

SETTON, M.G.J. **A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea.** Revista Brasileira de Educação, maio/jun/jul/ago n 20, 2002.

SHOCKINESS, R.; **Síndrome de Burnout em Professores.** Webartigos.com, 2011. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/authors/28899/ROSILDA-SHOCKINESS>> Acesso em: 03 Jun. 2011, às 14h 45min.

SILVA, Jocileia. I.P. **A docência e seus conflitos.** Web artigos, 2011. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/58985/1/A-docencia-e-seus-conflitos/pagina1.html>> Acesso: 02 abr de 2011 as 16h.

SILVA, Eliane. P, CHAKUR, Cilene. R. S. L. **A Tomada de Consciência da Crise de Identidade Profissional em Professores do Ensino Fundamental.** Revista eletrônica de psicologia e epistemologia genéticas, vol. 2, n. 3 – Jan-Jul/2009. Disponível em: <<http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Scheme/Vol02Num03Editorial.pdf>> Acesso: 02 abr 2011 as 16h: 22min

SILVA, Fernando. M. F. R.; LOPES, Amélia. **Saberes Profissionais e Identidades dos Professores de Economia: reflexões exploratórias.** Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho, 2009. Disponível: <<http://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/congreso/Xcongreso/pdfs/t4/t4c115.pdf>> Acesso: 20 fev. 2011.

SOUZA, E.R. **No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais.** Cad. Pagu no.17-18 Campinas 2002.

SOUZA, M.A. **Prática Pedagógica: Conceito, Características E Inquietações.** Iv Encontro Ibero-Americano De Coletivos Escolares e Redes de Professores que fazem investigação na sua escola. Universidade Tuiuti Do Paraná, 2004.

SPINDOLA, T; SANTOS, R.S. **Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa(dora?).** Rev Esc Enferm USP 2003; 37(2):119 26.Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v37n2/14.pdf> Acesso em 08 Dez, 2011.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O Ofício de Professor. História, perspectivas e desafios internacionais**. 3 ed. Editora Vozes, 2009.

_____. **O Trabalho Docente . Elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2005.

_____. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

TAVARES, D. **Escola e identidade profissional: o caso dos técnicos de cardiopneumologia**. Lisboa, Portugal, Sísifo / Revista de Ciencias da Educação, n . 6, mai / ago 2008. Disponível em: <<http://sisifo.fpce.ul.pt/?r=18&p=97>> Acesso em: 20 fev. 2011.

TEODORO, António (Org.) **Educar, promover, emancipar**. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, 2001.

VALLE, Ione Ribeiro. **Da “identidade vocacional” à “identidade profissional”: a construção de um corpo docente unificado**. Perspectiva, Florianópolis, v.20, n. Especial, p.209-230, jul./dez.2002.

WACQUANT, L. **Esclarecer o Habittus**. **EDUCAÇÃO & LINGUAGEM** ANO 10, n. 16, p. 63-71, jul-dez. 2007.

APÊNDICES



APÊNDICE I - CARTA-CONVITE PARA OS PROFESSORES

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Orientadora: Prof^a Dr^a Maria das Graças de Andrade Ataíde de Almeida

Pesquisador responsável: Maria de Cássia dos Santos

cassiasantos.mce@gmail.com

Venho convidá-lo(a) a participar da presente pesquisa **“A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES PROFISSIONAIS DOCENTES: Relatos de Histórias de Vida”** na utilização dos dados coletados para eventuais publicações. Esta proposta de estudo tem como objetivo: Compreender a construção da identidade do professor a partir da sua trajetória de vida, e as imbricações na sua prática profissional, tendo como referência a literatura e os professores do ensino fundamental I de uma escola municipal da cidade do Recife-PE Brasil, bem como, conhecer a realidade social do educador; identificar os caminhos evolutivos na construção da identidade profissional do educador e elencar os percursos da história de vida dos educadores entrevistados.

Dessa forma, estamos convidando-o para participar deste trabalho que visa fornecer subsídios para o processo de formação de professores inicial e continuado. Informamos que uma cópia desta solicitação ficará com você para esclarecimento de qualquer dúvida.

Desde já, agradecemos a sua atenção e disponibilidade.

Recife, _____ de _____ de 2011.

Maria de Cássia dos Santos

Professora

Mestranda em Ciências da Educação

Especialista em Gestão Escolar e Planejamento Educacional - Especialista em Ciências da Educação

Função Técnico Pedagógica na Prefeitura Municipal da Cidade do Recife

Licenciada em Filosofia – Psicóloga Clínica



APÊNDICE II - ROTEIRO DE CONSTRUÇÃO DAS HISTÓRIAS DE VIDA

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Pesquisador responsável: Maria de Cássia dos Santos

cassiasantos.mce@gmail.com

Q1. Identificação do Entrevistado:

- Idade
- Sexo
- Estado Civil
- Tempo de serviço

Q2. As dimensões básicas (biológica/ cultural e social):

- Relate sobre seu nascimento, infância, adolescência, família e amigos.

Q3. Pontos de reflexão ou eventos cruciais:

- Relate sobre um acontecimento importante na sua vida, como se deu o ingresso na Rede Municipal de Ensino da Cidade do Recife, a escolha e permanência na profissão, a relação entre a vida pessoal e a vida profissional e relação com os colegas de profissão na unidade de ensino e rede municipal em geral.

Q4. Os processos de adaptação e desenvolvimento:

- Relate sobre mudanças significativas na trajetória, com ênfase nas mudanças que ocorreram de forma lenta, rápida e que ainda sucedem na trajetória profissional, investimento pessoal que reflita na vida profissional, formação continuada, jornada de trabalho e tecnologia.

Q5. Expressão livre para o entrevistado acrescentar algo que julgue necessário que não tenha sido abordado?

APÊNDICE III – COLETÂNEA DAS ENTREVISTAS DAS 8 (OITO) PROFESSORAS

TRANSCRIÇÃO 1

Identificação: CAMÉLIA

1.Idade: () de 20 a 30 anos (x) de 31 a 40 anos () de 41 a 50 anos () de 51 a 60 anos
39 anos

2. Sexo: () M (x) F

3.Tempo de serviço: 6 anos

4.Estado Civil:() solteira (x) casada () divorciada ()viúva () outros

5. Formação Profissional:(x)**PEDAGOGIA.** Área de atuação: Regência

(x)**LICENCIATURA.** Qual? Matérias pedagógicas

()**ESPECIALIZAÇÃO.**Qual? Mídias na Educação (cursando)

()**MESTRADO?**Área de atuação: xxxxxxxxxxxxxxxx

Cássia: EU GOSTARIA QUE VOCÊ ME FALASSE SOBRE ALGUNS ASPECTOS DE SUA VIDA. FALA-ME DO TEU NASCIMENTO, ONDE TU NASCESTE E QUAL A TUA POSIÇÃO NA FAMÍLIA?

T: Eu nasci em Recife, três de setembro de 71, sou a filha mais velha, é... tenho dois irmãos. Um já falecido e um vivo graças a Deus ainda.

Cássia: ME FALA DA TUA INFÂNCIA.

T: Foi uma infância, é... com certas dificuldades, porque meu pai quando eu tinha cinco anos de idade minha mãe ficou viúva aos 28, três filhos, nunca tinha trabalhado e teve que depender em determinado momento com a ajuda da família. Depois ela arrumou um emprego e a gente seguiu morando sozinho nós três. Ela casou novamente por duas vezes e continua casada até hoje, com o marido no caso o terceiro né.

Cássia: ME FALA DA TUA ADOLESCÊNCIA.

T: Minha adolescência foi uma adolescência comum, estudava, tinha muita responsabilidade em casa porque minha mãe saía pra trabalhar e eu tinha que cuidar dos afazeres de casa, cuidar dos meus irmãos, eu tinha que ensinar a tarefa de casa dos meus irmãos, mas brincava, brinquei muito na rua, gostava de jogar bola, minhas brincadeiras eram mais brincadeiras de menino por ter dois irmãos, bola de gude, queimado, barra bandeira, gostava de tá na rua, tive uma infância assim que apesar da responsabilidade que eu tive muito cedo né, na minha vida, isso não impediu de eu ter uma infância boa, pode-se dizer assim. Porque eu brincava, me relacionava como outras crianças na rua, que era interessante. Eu ficava na rua, pulava corda, passava anel , barra bandeira, academia, todas essas brincadeiras que hoje em dia as crianças não brincam mais.

Cássia: ME FALA UM POUCO DA TUA FAMÍLIA.

T: Quer família assim: minha família marido, filhos ou família geral? É uma família pequena por parte da minha mãe, é...alguns já falecidos, dois irmãos como eu já falei anteriormente, poucos tios. Atualmente eu só tenho por parte da minha mãe um tio e uma tia viva. Por parte do meu pai é uma família maior, mas também a maioria já faleceu e hoje em dia só tenho um tio, uma tia viva. Evangélicos tanto a família da parte do meu pai, como a da minha mãe que a gente também conviveu desde o nascimento dentro deste meio. Hoje alguns... meu irmão é

pastor, meu avô foi pastor, meu pai também era envolvido com atividades na igreja, minha mãe é uma família assim a maioria de evangélicos. Eu que sou casada, casei com 26 anos, tenho dois filhos, vou fazer doze anos de casada. É um relacionamento tranquilo, normal, que pode se considerar de um casal.

Cássia: E TEUS AMIGOS?

T: A maioria , é... os amigos que fazem parte do meu grupo social da igreja e alguns do trabalho né, alguns colegas mas amigos no trabalho são poucos e na igreja tem um grupo maior de amigos que a gente convive além dos domingos, vai um pra casa do outro.

Cássia: FALA-ME SOBRE UM ACONTECIMENTO IMPORTANTE NA TUA VIDA.

T: O nascimento dos meus filhos né, com certeza né, o menino em 2002 e a menina em 2003.

Cássia: COMO SE DEU TEU INGRESSO NA REDE MUNICIPAL DE RECIFE?

T: Concurro. Foi o segundo concurso que eu fiz ainda na universidade é...quando eu cursava pedagogia, fiz um primeiro concurso e não consegui entrar e já no final do curso teve um outro concurso e aí eu há sete anos, vai fazer sete anos na rede através de concurso. Não tinha ainda o nível superior, só tinha na época o magistério, estava cursando a universidade, conclui a universidade já dentro da rede.

Cássia: EXISTE ALGUMA RELAÇÃO DA TUA VIDA PESSOAL COM TUA VIDA PROFISSIONAL?

T: Eu acredito que sim. Acho que o fato de trabalhar com crianças que estão na mesma faixa etária dos meus filhos hoje, eu acho que isso me ajuda também e me faz vê também os meus alunos de uma forma mais maternal, que não deveria, mas eu acho que tem muito haver.

Cássia: COMO SE DEU A ESCOLHA PELA PROFISSÃO?

T: Eu sempre gostei, eu acho pelo fato já de dentro de casa assumir esta responsabilidade que deveria ter sido da minha mãe, de ajudar os irmãos menores na realização das tarefas, acho que isso foi despertando em mim este gosto. Então, já quando eu terminei o segundo grau, não o primeiro grau antigo né, eu em vez de ir para o ensino médio que na época era o segundo grau, eu optei em fazer o magistério por gostar mesmo. Na igreja eu também eu trabalhava já desde adolescente com classe de crianças e isso me fez gostar.

Cássia: SE PUDESSES HOJE, MUDAVAS DE PROFISSÃO?

T: Mudaria, mudaria pelo fato da situação, apesar de gostar da profissão, eu acho que hoje o professor ele é muito massacrado em todos os sentidos que a gente possa pensar. É...Questão de falta de condições de trabalho, apoio mesmo que a gente não tem, é... a desvalorização do professor é muito grande, muito grande. Então eu acredito que hoje se eu fosse optar pensando, é... como é a situação do professor atualmente eu mudaria.

Cássia: PARA QUAL PROFISSÃO?

T: Eu acho que eu iria procurar uma área também de humanas, talvez psicologia, é... Trabalhos mais burocráticos, eu acho que eu ia caminhar para essa área.

Cássia: COMO ACONTECE A RELAÇÃO COM OS COLEGAS DE PROFISSÃO NA UNIDADE DE ENSINO E NA REDE MUNICIPAL COMO UM TODO?

T: Faz a pergunta de novo.

Cássia: COMO SE DÁ A TUA RELAÇÃO NA UNIDADE DE ENSINO COM OS

COLEGAS DA UNIDADE DE ENSINO E DA REDE MUNICIPAL COMO UM TODO?

T: Na unidade de ensino, é... Me referindo só a essa, a outra tu não quer saber não né? Na unidade de ensino é um relacionamento bom, a escola que eu trabalho atualmente é uma escola onde a gente tem é... Uma harmonia, maior né, do que se a gente fosse pesar é mais harmônico ou menos harmônico, iria pesar pro mais. Então a gente tem um relacionamento profissional bom, relacionamento pessoal também é ótimo porque, algumas pessoas você se identifica mais e até tem um convívio fora do ambiente de trabalho e outra é aquele convívio só no ambiente de trabalho, mas um convívio respeitável, um convívio onde você consegue ter é, uma satisfação em entrar, eu tenho satisfação em estar em meu ambiente de trabalho, não me sinto é... mal como algumas colegas as vezes se sentem, um relacionamento bom poderia dizer.

Cássia: QUAIS MUDANÇAS SIGNIFICATIVAS ACONTECERAM EM SUA TRAJETÓRIA?

T: Desde quando eu entrei na rede? Acho que o amadurecimento profissional. É uma mudança boa porque você quando tá na faculdade, a gente vê muito a questão da teoria que é muito distanciada da prática. Então na sala de aula convivendo no dia-a-dia com os alunos, com os pais, com os responsáveis, então você vai amadurecendo e vai aprimorando a sua prática. É uma coisa que você chega muito imaturo na sala de aula, quando você está cursando uma universidade ou quando você chega logo de cara para assumir uma escola de ensino é... municipal ou estadual, enfim. Então acho que a maior coisa é o que você vai agregando, os valores que você vai agregando, experiência que você vai agregando e aí você vai revendo sua prática. Eu acho que é o amadurecimento, profissional e pessoal.

Cássia: QUAIS MUDANÇAS ACONTECERAM DE FORMA LENTA E QUAIS FORAM AS DE FORMA RÁPIDA?

T: Deixa-me pensar tá. Pausa. De forma lenta o que vem a minha cabeça neste exato momento quando você fez a pergunta, é a questão salarial que a gente realmente é massacrado demais, é uma lentidão muito grande em vê esse lado também do professor. De forma lenta, são os recursos que não chegam pra gente ter uma condição melhor de trabalho e oferecer um ensino com uma qualidade melhor pra o aluno. Consequentemente a gente também fica mais satisfeito por estar realizando um trabalho melhor. Então eu acho que na minha cabeça vem de forma lenta isso. De forma lenta também vem às capacitações que a gente tem pingado e não são muito satisfatórias. E de forma rápida, eu acho que não sei não vem nada na minha cabeça que venha de forma rápida.

Cássia: QUAIS MUDANÇAS AINDA SE SUCEDEM NO PROCESSO?

T: Eu acho que constantemente a gente tá é... Mudando de acordo com a dinâmica que a gente vem tendo, de sala de aula, é... Então acho que a mudança ela é, sempre acontece, a mudança do seu pensamento, como você vê determinada maneira de trabalhar com a turma. Não sei, se é isso não também que você tá querendo saber, se estou conseguindo usar as palavras certas.

Cássia: HÁ ALGUM INVESTIMENTO PESSOAL QUE VOCÊ ACREDITA QUE REFLITA NA SUA VIDA PROFISSIONAL?

T: Há sim, eu acredito que hoje é... no passado né, o magistério era tido como um sacerdócio e hoje ainda muitas pessoas especialmente os pais acreditam que professor tem que trabalhar por amor. Eu acredito que amor a profissão todo mundo tem que ter, qualquer profissão você tem que fazer com amor. Mas acho que o que tem que ficar assim entendido em relação talvez a insatisfação, muitas vezes até quando eu coloquei que eu mudaria de profissão, né, se eu tivesse que recomeçar a minha vida hoje profissional eu mudaria, pela insatisfação de a gente

se doar tanto, muitas vezes, na maioria das vezes e você não ter um retorno nem um respeito, respeito profissional, respeito dos próprios pais dos alunos, dos próprios alunos. A gente perdeu esse valor é de professor, então eu acho que isso é pra mim, talvez é o principal fator que eu mudaria de profissão hoje, apesar de gostar do que faço. Pela falta de incentivo, pela falta de valorização. Eu sei que não é a única profissão que tem essa falta de valorização, mas eu vejo isso muito latente, muito forte na presença do professor. E também as pessoas acharem que é ser professor é um sacerdócio, você tem que exercer por amor e esquece as outras coisas né. Até muitas mães chegam e falam: ela é sua segunda mãe e não é segunda mãe de ninguém, nem é tia de ninguém, a gente é professor. E aí transfere pra gente uma responsabilidade que hoje em dia a sociedade e a família não, não tá conseguindo resolver. E aí a gente tá nesse caos que tá a educação, então talvez eu acho que... A história de vida eu acho que influencia minha mãe também queria muito que eu fosse professora, achava bonito, acho que por mim. Mas aí eu acho que de repente é isso que eu queria falar.

Cássia: ME FALE SOBRE A FORMA QUE É REPASSADA AS CAPACITAÇÕES E DE QUE FORMA AJUDAM NA SUA ATIVIDADE PROFISSIONAL?

T: Normalmente recebemos as informações das capacitações via direção/coordenação da escola. Nem sempre essas capacitações ajudam, pois o que é passado nas mesmas foge a realidade vivida por nós em nossas salas de aula.

Cássia: JÁ LECIONOU EM OUTRAS ESCOLAS DA REDE? QUANTAS FORAM?

T: Sim. Em 04 (quatro) escolas.

Cássia: QUAL A SUA JORNADA DIÁRIA DE TRABALHO?

T: Jornada total de 8h40 de trabalho diário.

Cássia: COMO VOCÊ VÊ A ENTRADA DAS NOVAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA?

T: As novas tecnologias aliada a educação trazem, no meu ponto de vista, uma enorme contribuição para a prática escolar. Vejo a novas tecnologias como “auxiliares” para o trabalho do professor.

Cássia: O QUE MAIS VOCÊ GOSTARIA DE ACRESCENTAR QUE NÃO TENHA SIDO ABORDADO PARA MELHOR ENTENDER SUA HISTÓRIA DE VIDA?

T: Acredito que mais nada.

TRANSCRIÇÃO 2

Identificação: DÁLIA

1.Idade:() de 20 a 30 anos () de 31 a 40 anos ()de 41 a 50 anos (x)de 51 a 60 anos
53 anos

2. Sexo: () M (x) F

3.Tempo de Serviço: 12 anos

4.Estado Civil: () solteira (x) casada () divorciada ()viúva () outros

5. Formação Profissional : (x)**PEDAGOGIA.** Área de atuação:Regência
(x)**LICENCIATURA.** Qual? Matérias Pedagógicas

(x) **ESPECIALIZAÇÃO.** Qual? Gestão Escolar

() **MESTRADO?** Área de atuação: xxxxxxxxxxxx

Cássia: EU GOSTARIA QUE VOCÊ ME FALASSE SOBRE ALGUNS ASPECTOS DE SUA VIDA. FALA-ME DO TEU NASCIMENTO, ONDE NASCESTES E QUAL A TUA POSIÇÃO NA FAMÍLIA.

T: Bom, eu vou fazer minha síntese. A posição de minha... eu sou a caçula de oito filhos né. Atualmente a gente só tá com seis irmãos, nasci em São Bento do Una no interior daqui né de Pernambuco e... eu sou de família grande e tradicional da cidade de onde eu morei.

Cássia: FALA-ME AGORA UM POUCO DA TUA INFÂNCIA.

T: Minha infância foi uma infância tranquila de gente de interior, eu passei um bom tempo no interior, até seis anos eu estava no interior e assim, quem mora no interior com essa idade tá com liberdade enorme né. Cidade pacata, cidade calma e o que predomina é a família então ficava bem mais fácil. Passava muitas férias no sítio onde a gente morava, onde a gente tinha né o sítio, então a minha infância no interior foi muito tranquila. Já aqui ela foi mais...eu senti muito por conta dessa liberdade que a gente tinha e dentro da cidade é na zona urbana a gente não tem essa liberdade que a gente tinha. Mas foi uma infância tranquila apesar das dificuldades financeiras enormes, mas foi bem tranquila mesmo.

Cássia: FALA-ME UM POUCO DA TUA ADOLESCÊNCIA.

T: Minha adolescência na realidade parece uma redundância, vou dizer que foi tranquila também, porque pelo fato de eu ser irmã caçula né, certas dificuldades de adolescência eu não passei. E apesar de ter três irmãs, que na realidade quem me ajudava mais, me apoiava mais nesta faixa etária era um irmão meu que sempre foi muito apegado a mim desde pequeno. Dos que estão vivos ele é agora o mais velho, é o segundo do que está vivo dos homens. Mas sempre foi o que me apoiava mais de todos, desde pequeno sempre ele foi assim e até hoje ele é assim. Não foi uma adolescência cheia de conflitos e complicações não, foi não, eu acho que por isso mesmo, porque eu tinha irmãs e a família grande e sendo a caçula todo mundo qualquer coisa estava ali.

Cássia: FALA-ME UM POUCO DA TUA FAMÍLIA.

T: Minha família é grande, né, meus pais ficaram separados desde 6 anos de idade quando eu estava com 6 anos de idade, que foi quando a gente veio pra cá. Papai passou um tempo no interior mais depois veio pra cá. Mais mesmo assim meu pai e minha mãe tinha contato um com o outro e com a gente também né. Meu pai não foi uma pessoa muito presente na minha vida em tempo nenhum, só quando eu estava mais no interior, mas ele não foi uma pessoa muito presente. Então não fez uma falta como se fosse uma ligação mais forte que tivesse uma presença na minha vida, mas não foi. Mas assim, de uma maneira geral a família é unida apesar das dificuldades tá todo mundo junto, mas na alegria tá todo mundo participando. Meu esposo todo mundo reconhece apesar de ser uma família grande com todos os projetos que toda família tem, mas a gente, eu considero uma família tranquila, uma família unida. A gente consegue contar um com o outro apesar de agora tá todo mundo muito afastado, cada um num lugar ou no outro. Cada um com sua própria vida, a própria profissão afasta um pouco as pessoas e já a distância de residência. Mas uma maneira geral a gente tá sempre junto, a gente sempre se apoiou. Isso foi sempre uma característica inclusive da minha mãe, ela foi sempre muito presente na vida de todo mundo, inclusive na dos netos.

Cássia: FALA-ME DOS TEUS AMIGOS.

T: Os meus amigos predominam professores, os que não são professores são amigos de muuuitas datas atrás. Tem amigos até de adolescência, aliás, da infância que meu compadre é

amigo meu desde criança, morava até perto um do outro. Em geral eu não tenho muuuitos amigos, tenho muitos colegas, mas os amigos que eu tenho são realmente amigos antigos e que eu faço de um tudo pra manter né. Mas predomina professores de áreas diferentes, de áreas bem diferentemente mesmo: matemática, música, de não sei o que. Os encontros geralmente são bem próximos, sempre tá junto eu tenho uma ligação muito forte com eles muito forte mesmo, e eles comigo, com todos nós da família. E todas as amizades minhas e do meu marido a gente e por coincidência a gente conseguiu fazer com que os meninos também ficassem amigos. Então ficou uma ligação dos filhos com os filhos dos outros, ficou todo mundo as gerações todas se integrando todas elas. Os filhos dos amigos com meus filhos e vice-versa. Ficou realmente uma ligação boa, muito boa.

Cássia: FALA-ME SOBRE UM ACONTECIMENTO IMPORTANTE DA TUA VIDA.

T: Dependendo do aspecto eu vou falar com dois. O mais importante? O mais importante se for olhar assim... os dois extremos o muito feliz e o muito infeliz, né? Mas o infeliz no caso foi a morte de minha mãe que até hoje eu sinto é uma coisa natural, mas até agora né, eu continuo sentindo muita saudade dela, foi uma pessoa que marcou muito todas as pessoas que conviveram com minha mãe, não por ser minha mãe, mas é uma pessoa toda especial, repito não é por ser minha mãe, mas pelo ser que ela foi, entendeu? Então todo mundo que conviveu com ela ainda hoje fala dela. Vai fazer seis anos, sete anos e todo mundo ainda é muito fã. Tanto é que foi um marco muito difícil pra mim. E o melhor foi o nascimento dos meus dois filhos foram o melhor que poderia existir pra mim e até porque eu acho eles excepcionalmente excelentes, é a redundância da redundância. Mas quem convive com eles sabe como eles são pessoas muito corretas graças a Deus eu consegui.. **T:** Os meus amigos predominam professores, os que não são professores são amigos de muuuitas datas atrás. Tem amigos até de adolescência, aliás, da infância que meu compadre é amigo meu desde criança, morava até perto um do outro. Em geral eu não tenho muuuitos amigos, tenho muitos colegas, mas os amigos que eu tenho são realmente amigos antigos e que eu faço de um tudo pra manter né. Mas predomina professores de áreas diferentes, de áreas bem diferentemente mesmo: matemática, música, de não sei o que. Os encontros geralmente são bem próximos, sempre tá junto eu tenho uma ligação muito forte com eles muito forte mesmo, e eles comigo, com todos nós da família. E todas as amizades minhas e do meu marido a gente e por coincidência a gente conseguiu fazer com que os meninos também ficassem amigos. Então ficou uma ligação dos filhos com os filhos dos outros, ficou todo mundo as gerações todas se integrando todas elas. Os filhos dos amigos com meus filhos e vice-versa. Ficou realmente uma ligação boa, muito boa.

Cássia: FALA-ME SOBRE UM ACONTECIMENTO IMPORTANTE DA TUA VIDA.

T: Dependendo do aspecto eu vou falar com dois. O mais importante? O mais importante se for olhar assim... os dois extremos o muito feliz e o muito infeliz, né? Mas o infeliz no caso foi a morte de minha mãe que até hoje eu sinto é uma coisa natural, mas até agora né, eu continuo sentindo muita saudade dela, foi uma pessoa que marcou muito todas as pessoas que conviveram com minha mãe, não por ser minha mãe, mas é uma pessoa toda especial, repito não é por ser minha mãe, mas pelo ser que ela foi, entendeu? Então todo mundo que conviveu com ela ainda hoje fala dela. Vai fazer seis anos, sete anos e todo mundo ainda é muito fã. Tanto é que foi um marco muito difícil pra mim. E o melhor foi o nascimento dos meus dois filhos foram o melhor que poderia existir pra mim e até porque eu acho eles excepcionalmente excelentes, é a redundância da redundância. Mas quem convive com eles sabe como eles são pessoas muito corretas graças a Deus eu consegui..

Cássia: FALA-ME DO TEU INGRESSO NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO.

T: Foi engraçada, fiz o concurso sem estudar, os dois, tanto um como o outro, fiz sem estudar, na época, é tenho os dois vínculos, né, um aliás todos dois eu fiz sem estudar, um eu ainda tava... na realidade eu fiz três concursos. Um eu passei quando fui chamada ainda não tinha terminado o curso, não teve jeito. Aí eu fiz novamente passei mas eu fiz sem estudar, eu entrei em 98 o primeiro contrato e o segundo em 2001 também fiz sem estudar, porque estava sem tempo, foi a base que eu tinha né, foi o que me segurou né. No entanto, assim eu acho engraçado, porque o primeiro contrato teve um atropelo na chamada. O cara que tinha me chamado, tinha mandado o telegrama e não mandou e terminou eu sabendo que tinha sido chamada e não tinha sido e fui lá e terminei resolvendo. Fui chamada depois de todo mundo e aí ingressei em agosto e não no grupo de julho, de junho porque deu esse problema. Mas eu terminei conseguindo o meu direito né. Mas assim, foi um acontecimento inusitado e no meio do ano praticamente, não foi numa boa época porque no meio de ano não é bom.

Cássia: FALA-ME SE EXISTE ALGUMA RELAÇÃO DA SUA VIDA PESSOAL COM SUA VIDA PROFISSIONAL.

T: Eu acho que na medida que, eu tive duas irmãs que eram professoras. Uma da rede pública e rede particular, uma é formada, mas passou um tempo trabalhando depois parou e apesar de eu ter dito que não queria entrar nessa área. É engraçado eu não queria e terminei me adaptando. Mas assim, a vontade, vamos dizer a vocação, eu não sei nem se eu gosto ou não gosto disso não mas vamos dizer a vocação falou mais alto porque eu gosto de lidar com criança e eu acho que ela é a área mesmo que eu queria ter feito. Embora eu não quisesse por conta que eu já sabia que era uma profissão árdua, mal remunerada, atualmente nem respeitada em sentido nenhum, ela é, mas a relação é essa, por conta das minhas irmãs e eu gostava muito de brincar de escola, foi isso. E eu ainda me lembro disso, ajudava minha irmã nas coisas do Marista, quando ela trabalhava no Marista, eu ia para a festa do Marista tinha todo esse envolvimento.

Cássia: COMO SE DEU A ESCOLHA PELA PROFISSÃO?

T: Por influência exemplar de minha irmã. Fui crescendo e já sabia que era isso que queria, ser professora.

Cássia: SE PUDESSES HOJE MUDAVAS DE PROFISSÃO?

T: Pelo lado financeiro eu mudaria, mas assim, pelo lado emocional, pelo gostar, eu não mudaria não, eu talvez fizesse as duas coisas assim, pelo lado de psicologia que é o que eu gosto muito, sempre gostei. Mas acredito que eu não conseguiria ficar afastada, não acredito que eu conseguia não. É uma coisa assim de questão financeira, realmente é muito mal remunerada, mas assim pessoalmente eu acredito que eu, se eu for olhar bem no fundo, no fundo eu não conseguiria não.

Cássia: COMO ACONTECE A RELAÇÃO COM AS COLEGAS DE PROFISSÃO NA UNIDADE DE ENSINO E NA REDE MUNICIPAL COMO UM TODO?

T: Na unidade de ensino eu acredito que eu não tenha problema com colega nenhum não, sou antiga aqui, né? Eu e mais algumas colegas das mais antigas daqui, eu procuro me relacionar bem com as colegas ajudar no que é possível, né? Procuro ajudar, procuro não atrapalhar, não impedir nada e no que depender de, do lado profissional, procuro ter amizade com todo mundo. Acho que acredito que os colegas e professores tenham um bom relacionamento, eu acredito que sim.

Cássia: QUAIS MUDANÇAS SIGNIFICATIVAS ACONTECERAM EM SUA TRAJETÓRIA?

T: A trajetória profissional?

Cássia: sim

T: Significativas é que, assim, eu sempre procurei, é uma coisa que eu sempre tive comigo, assim num..., eu sou meio exigente comigo, entendeu Cássia. Mas assim, eu procuro no meu jeito, assim pedagógico no meu jeito de trabalho, eu procuro observar muito a minha postura em sala, a minha postura de uma maneira geral, no lado profissional, não cometer tantos erros fazendo a mesma coisa, né. Então eu acho que foi uma trajetória crescente, está sendo uma trajetória crescente, porque eu me polio muito. E sempre estou, sempre lendo, observando as coisas e vendo, sempre buscando informações dentro principalmente das áreas que eu tenho mais dificuldade. Então eu acho que a trajetória está sendo de uma forma crescente por conta disso, porque eu não gosto de ficar estacionada nas coisas, eu não gosto de ficar errando numa coisa sabendo que está errado eu repeti, é uma coisa que eu não gosto e isso é de uma maneira geral, eu não gosto. E eu acho até ruim pra mim, porque eu sou muito exigente nos outros aspectos eu acho até menos. No lado profissional eu acredito que não, devia todo mundo fazer assim, eu acho que é um compromisso meu até com o aluno neste sentido principalmente.

Cássia: QUAIS MUDANÇAS ACONTECERAM DE FORMA LENTA E DE FORMA RÁPIDA?

T: De forma lenta, foi me adaptar a essa nova sistematização da prefeitura com relação assim, é lenta porque eu não consigo aceitar, né. Não é nem entender porque entender eu entendo, uma coisa é você entender outra coisa é você aceitar. Você pode entender e aceitar, mais eu entendo e não aceito. Eu acho que isso é um crime com o aluno, né. E de forma rápida, eu acredito que...o convívio, né de adaptar-se rápido com a clientela que a gente tem, que a gente sabe que é uma clientela de muita dificuldade, e também porque o serviço público, a gente tem um bocado de entraves com relação estrutural e material. Isso aí eu me adaptei rapidamente, o que eu demorei e ainda hoje sinto, acho que é errado, não é uma coisa justa com o aluno, não acho que é a questão do ciclo eu realmente tenho essa dificuldade. Eu entendo, agora não aceito, não aceito não, é essa a dificuldade é fazer uma coisa que não tá aceitando.

Cássia: QUAIS MUDANÇAS AINDA SE SUCEDEM NO PROCESSO?

T: Eu acho que é essa né, eu ter que mudar em relação a isso. Eu espero que antes de eu, realmente aceitar totalmente, ocorra exatamente o inverso que volte a alguma coisa mais justa para o aluno. Eu acho que só é todo mundo pensar direitinho e vê que há um engano, porque a gente não ajuda o aluno, a gente só atrapalha, porque atrapalhando o aluno que não tem a condição de passar, e não há, e fica traumatizado, porque ninguém fica traumatizado porque foi reprovado ou porque foi retido de alguma forma, porque a gente vê isso muita gente até e ninguém ficou traumatizado com isso, ele vai ficar traumatizado lá na frente sabendo que não tem condições, aí sim, ele desiste, ele acha até injusto, vai ter raiva de quem trabalhou com ele e deixou passar. No caso nós de 1ª a 4ª, né, que é o culpado, o peso maior é da base, entendeu. Eu acho que aí é que têm que algo acontecer, mas eu preferiria que acontecesse no sentido inverso.

Cássia: HÁ ALGUM INVESTIMENTO PESSOAL QUE VOCÊ ACREDITA QUE REFLITA NA SUA VIDA PROFISSIONAL?

T: O fato de eu ter feito especialização não necessariamente por conta da profissão, mas eu fiz porque eu gosto. Com certeza refletiu né de repente, mas futuramente eu espero que próximo ano eu vá partir para o mestrado. Mas é uma coisa pessoal, né, não é uma questão financeira,

porque não vai influir em nada, porque a gente nem percebe pelo valor que tem. Mas uma questão de certeza é uma questão pessoal como disse antes, eu gosto de estudar, sempre gostei. Aí eu acho que vai de toda forma vai refletir, porque também não tem sentido eu estudar pra uma coisa que depois não va me ter utilidade nenhuma e eu acho que não é por aí, vai refletir com certeza. A especialização foi uma coisa que me ajudou bastante e o mestrado e doutorado, eu espero que aconteçam eu chegar até lá , com certeza vai também trazer benefícios.

Cássia: ME FALE SOBRE A FORMA QUE É REPASSADA AS CAPACITAÇÕES E DE QUE FORMA AJUDA NA SUA ATUAÇÃO PROFISSIONAL?

T: Vou fazer em três partes. Na época do começo da minha carreira aqui na rede municipal, que eu fui da rede particular 12 anos, eu achava horrível, horrível, terrível. Era uma coisa, era mais por enrolação, era uma coisa muito, não tinha encadeiamento era uma coisa solta, todas as que eu participei da época de 98/99 todas, até 2000 eu achei elas muito ruins, muito ruins. Eram muito soltas mal dadas até, às vezes não tinham nem nada a ver, eram jogadas é o que a gente chama de jogada. Depois melhorou sensivelmente, aí felizmente eu vou ter que dizer o nome a partir de João Paulo deu até capacitações boas, até porque tinha sequência,né, encadeamentos, dado no começo do ano, meio do ano e depois o ano seguinte. Agora com a de João da Costa simplesmente a gente nem teve este ano, né, 2010 a gente não teve, a do ano passado ainda deu para quebrar um galho, mais eu acho que não tá sendo a contento não. As outras que eu peguei sempre a gente tenta aproveitar o tempo na medida do possível, mas às vezes você pega muita coisa imediatamente você não consegue aplicar. Mas você vai juntando os dados e gradativamente você vai utilizando no dia-a-dia, mas em geral não é uma coisa que você utilize de imediato, você tem que fazer suas devidas adaptações. Mas de João Paulo foram todas bem melhores do que as que eu tive e as atuais.

Cássia: JÁ LECIONOU EM OUTRAS ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL?

T: Na rede municipal eu nunca ensinei em outra escola que não fosse esta. Eu fui 12 anos de rede particular na área de coordenação, 12 anos de coordenação. Na rede pública só trabalhei como professora mesmo.

Cássia: QUAL SUA JORNADA DIÁRIA DE TRABALHO?

T: Como eu disse antes a primeira escola e única é essa. Agora eu trabalho com dois contratos efetivos, eu trabalho no turno da manhã quatro horas e vinte e no turno da tarde quatro horas e vinte, então são oito horas e quarenta diárias aqui.

Cássia: COMO VOCÊ VÊ A ENTRADA DAS NOVAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA?

T: Novas tecnologias são sempre bem vindas, em qualquer instituição, independentemente da área de sua atuação, no entanto, é preciso o cuidado de não se valorizar “as novas” idéias em detrimento de outras já em uso e que sempre se fizeram eficazes, assim como não podemos deixar que os “modismos”, incluindo as novas tecnologias, façam com que esqueçamos que outras coisas que se fazem necessárias e prioritárias, sejam colocadas em segundo plano ou até mesmo esquecidas, pelo poder público e muitas vezes na mesma proporção por nós mesmos ditos educadores: como estrutura física das unidades educacionais, realmente dignas de quem as usam, alunos , docentes, funcionários e comunidade, bibliotecas estruturadas em todas as escolas, inclusive com as ditas “novas tecnologias” sem deixar de lado os eficazes, bons e prazerosos livros, incentivo aos professores de formação que os façam ver o valor e o poder que nós temos para a sociedade e mais especificamente que nos faça a todos, percebermos o quanto o nosso papel ´realmente, único, vital e de fato somos os únicos profissionais que os demais dependem para se tornarem: médicos , engenheiros , advogados,

odontólogos, jornalista, etc; se não conseguirmos percebermos isso, jamais seremos educadores, ou melhor professores, pois tais tios, familiares também são educadores e de nada adiantou as novas tecnologias, a educação nesse país vai continuar sendo a mesma porcaria que temos hoje, mesmo tendo um bom número de profissionais competentes, esforçados, cientes e abnegados. Nunca seremos o que deveríamos ser se esperarmos que o estado, faça para nós o que não é do seu interesse. Nossa valorização devendo exclusivamente da nossa consciência do nosso poder, na e para a sociedade e da nossa capacidade e vontade de lutar pelos nossos ideais de uma sociedade justa, digna e humana: o que temos hoje é exatamente o inverso e o papo de novas tecnologias serem necessárias para os alunos e nos valorizar não passam de mais um engodo governista com sua equipe de técnicos que não estão em sala de aula ou que nunca pisaram nela, especialmente na atualidade. É só. Um abraço!

Cássia: O QUE MAIS VOCÊ GOSTARIA DE ACRESCENTAR QUE AINDA NÃO TENHA SIDO ABORDADO PRA MELHOR ENTENDER SUA HISTÓRIA DE VIDA?

T: A priori eu não me lembro nada que não tenha sido colocado. É, eu acho que talvez assim, agora eu me lembrei, talvez assim tenha o fato do meu marido também ser professor tenha também, tenha, não com certeza também influenciou minha vida profissional, embora eu já era professora na época quando eu casei a gente estava todos dois no mesmo caminho no começo. Mais assim, a área dele também, o fato dele ser professor com certeza influenciou também, inclusive negativamente pelo fato de eu ver com muita clareza que não era só a rede municipal, que não era só professor primário que recebe mal é professor de uma maneira geral. Inclusive ele era um professor universitário de rede particular e recebia mal do mesmo jeito. Acho que foi isso que eu não tinha colocado que eu não coloquei.

TRANSCRIÇÃO 3

Identificação: HORTÊNCIA

1.Idade: () de 20 a 30 anos () de 31 a 40 anos (x) de 41 a 50 anos (x) de 51 a 60 anos

2. Sexo: () M (x) F

3.Tempo de Serviço: 24 anos

4.Estado Civil: () solteira (x) casada () divorciada () viúva () outros

5. Formação Profissional: (x) PEDAGOGIA. Área de atuação: Regência/Coord. Pedag.

() LICENCIATURA. Qual? Matérias Pedagógicas

(x) ESPECIALIZAÇÃO. Qual? Psicopedagogia

() MESTRADO? Área de atuação: xxxxxxxxxxxx

Cássia: EU GOSTARIA QUE VOCÊ ME FALASSE SOBRE ALGUNS ASPECTOS DE SUA VIDA. FALA-ME DO TEU NASCIMENTO?

T: Eu sou carioca de nascimento, nasci no Rio e fui criada pelos meus pais. Tive um irmão que já é falecido, e assim, minha infância foi uma infância feliz, tive convivência com os meus avós, com os meus parentes e a descendência da minha família é toda portuguesa, inclusive meu pai também é português, era português já que é falecido né. Meus avós, minha mãe é a única pessoa da família brasileira e depois os filhos que teve também né. Foi uma infância feliz, assim, com todo o apoio. Vim morar em Recife eu já era casada e já tinha

passado anteriormente por Brasília, devido às transferências do meu marido, porque era funcionário né de uma multinacional e de vez em quando era transferido. Então, eu vivi no Rio até vinte e um anos, minha formação não a nível universitário, mas todos os níveis anteriores até o nível médio foram feitos no Rio.

Cássia: ME FALE UM POUCO DA SUA ADOLESCÊNCIA.

T: Eu sempre fui uma pessoa assim: extremamente calma, assim... sem grandes conflitos dentro de casa. Sem, com apenas, só tive dois namorados, sempre em casa já que você, naquele tempo né, a gente namorava em casa, tinha um horário rígido né, mas foi bem. Sempre fui uma excelente aluna, nunca tive assim problemas quanto a isso, foi bem. Eu acho que vivi uma boa infância, uma boa adolescência.

Cássia: VOCÊ QUER ABORDAR MAIS ALGUMA COISA SOBRE SUA FAMÍLIA?

T: Não. Eu acho que eu até me emociono quando falo principalmente pela perda do meu irmão, que foi uma perda prematura. Ele faleceu de infarto aos 45 anos e toda vez que eu toco neste assunto eu me emociono, mas foi bem sem conflitos, meus pais sempre se deram bem. Viveram juntos até a morte do meu pai, foi tudo bem.

Cássia: FALA-ME UM POUCO DE TEUS AMIGOS.

T: Veja, eu acho que sou uma pessoa que eu sou assim, eu tenho poucos e grandes amigos, né. Por que eu sou uma pessoa meio seletiva, então pelo fato de eu já ter mudado de estado né, muitos deles ficaram lá, os de infância os de adolescência. Assim, eu consigo ter alguns, mas eu sempre fui assim nunca fui uma pessoa de ter muitas amizades. Mas acredito que tenho amizades de verdade.

Cássia: FALA-ME DE UM ACONTECIMENTO IMPORTANTE NA TUA VIDA.

T: Eu acho que eu tive alguns acontecimentos importantes ao longo da minha vida, mas eu acho que o nascimento dos meus filhos foi uma época na minha vida que me marcou muito. São dois filhos né, apesar de eu já está morando em Recife, mas eles nasceram no Rio os dois. E assim, eu acho que enquanto mãe foi uma coisa assim que, foi um sonho que realizei é um casal, entendeu. Eu acho que foi um acontecimento muito importante na minha vida o nascimento deles.

Cássia: FALA-ME DO TEU INGRESSO NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE RECIFE?

T: Eu como disse a você, eu fiz meu ensino médio no sul. Então, assim que eu terminei de trabalhar e terminei meu curso eu fiz concurso público e trabalhei como professora no Rio algum tempo. Quando meu marido é foi transferido para Brasília, eu já tinha casado e fomos morar em Brasília. Lá no meio eu fiz concurso e trabalhei como professora lá. Aí depois quando eu vim morar em Recife, logo em seguida meu primeiro filho nasceu então foi praticamente dez anos da minha vida que eu não trabalhei e parei a faculdade também, que eu tranquei a faculdade que eu fazia em Brasília. Aí quando o meu filho tinha nove anos eu fiz um novo concurso público pra prefeitura, aí foi quando eu ingressei na prefeitura, isso no ano de 87, onde eu tive essa parada de dez anos, fator pelo qual eu ainda não estou aposentada. Eu poderia estar aposentada há muito tempo né, mais eu dei essa parada porque eu tive esse problema de chegar aqui, não ter família, não conhecer ninguém. Então assim, a gente começou a pesar se valia a pena eu voltar a trabalhar em termos financeiros e assim, como não havia essa necessidade financeira porque o meu marido tinha um bom emprego, a gente resolveu que eu ia ficar com eles e foi o que eu fiz. Aí foi quando eu voltei a fazer, fiz o concurso público aqui em Recife em 87, e foi quando eu voltei a trabalhar. Meu ingresso foi

feito desse jeito, após uma parada de dez anos.

Cássia: FALE-ME SE EXISTE ALGUMA RELAÇÃO DA SUA VIDA PESSOAL COM A SUA VIDA PROFISSIONAL.

T: É, eu, assim acho que até saiu que eu já respondi um pouco disso, né. E...eu tive essa parada né, a minha vida profissional reiniciou após eu achar que meus filhos já estavam suficientemente grandes pra tá numa escola um período e eu trabalhando num outro período. Tanto que eu voltei fiz esse concurso, vim trabalhar na rede, mas eu só trabalhava um expediente que era justamente o horário que eles iam pra escola que eu trabalhava. Eu só vim fazer, ter o segundo horário, quando eles já estavam bem maiores quando eles eram ainda pequenos e precisavam ainda da minha assistência eu estava com eles no período da tarde, só trabalhava pela manhã. Eu acho que a minha vida profissional teve né, esses dois momentos né, o antes e o depois. Foi marcado justamente por isso, porque quando eu precisei dar assistência eu fiquei em casa e depois deu pra levar as duas coisas né, também a minha volta à faculdade também ficou atrelada a isso, mas foi assim. Então, foi o antes e o depois, o fato deles já estarem com uma certa idade, achei que poderia voltar a trabalhar. A criação dos dois.

Cássia: COMO SE DEU A ESCOLHA PELA PROFISSÃO?

T: Até foi meio engraçada. Por que eu sempre quis ser professora, até porque já foi de outras gerações. Aí meu pai não curtia que eu fizesse, que eu estudasse magistério. Que na verdade no Rio se chamava escola normal, aqui se chamava magistério. Aí ele não era o homem de me proibir as coisas e eu fiz por vocação mesmo, foi apenas por vocação que eu resolvi fazer magistério. Por que por meu pai ele não queria, ele gostaria que eu tivesse estudado uma outra coisa, ficava ao meu critério escolher. Mais que ele já achava que a profissão havia caído em descredito e ele via que eu poderia conseguir outra coisa né, mas eu teimeei.

Cássia: SE PUDESSES HOJE, MUDAVAS DE PROFISSÃO?

T: Eu acho que não, eu acho que apesar de tudo você vê lá fora a desvalorização que a profissão passa, mas eu não me vejo trabalhando em outra coisa não. Assim, uma coisa que eu pensei quando eu era mais adolescente e estudava, e eu sempre quis estudar biologia e agora aqui na Federal já tem um curso, então quem sabe.

Cássia: COMO ACONTECE A RELAÇÃO COM OS COLEGAS DE PROFISSÃO NA UNIDADE DE ENSINO E NA REDE MUNICIPAL EM GERAL?

T: Eu tenho um ótimo relacionamento com os professores. Eu nunca tive assim, nenhum tipo de problema com os meus colegas não. Pelo contrário, me dou muito bem entendo até o estresse de alguns, que eu sei que é motivado pela própria profissão né, que hoje em dia tá meio complicado né. Você tem problema na escola, tem problema fora da escola, e tem pessoas que não sabem separar as coisas né. Mas eu nunca tive nenhum tipo de problema com meus colegas não.

Cássia: QUAIS MUDANÇAS SIGNIFICATIVAS ACONTECERAM NA SUA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL?

T: Em relação à profissão como um todo você tá falando né?

Cássia: É

T: Olha Cássia, o que eu observo é o seguinte. É como eu também já falei sobre isso um pouquinho antes, eu acho que, eu lamento a desvalorização profissional do professor. Por que assim, apesar de quando eu comecei a minha carreira eu acho que o professor era visto com outros olhos, a própria profissão em si. E hoje eu observo até defendendo assim, o local onde

você chega e você diz que é professor. Eu acho que assim, tem pessoas até que olham pra você assim meio de lado sabe como se achasse que isso era uma coisa menor, que você não tivesse o devido valor pela profissão. Então eu acho que uma das coisas pior que eu acho na profissão é essa desvalorização crescente. Agora atribuo também a isso ao próprio professor, ao próprio profissional, já que não há entrosamento. As pessoas em vez de lutar pelo bem da sua classe, cada um fica tentando puxar o seu lado e esse problema assim, acarreta eu acho em uma desvalorização muito grande. Então, se você enquanto categoria você não dá o devido valor, ninguém vai lhe dar. Os próprios serviços não dão as mãos dos alunos por sua vez também não e tem certos casos que até os próprios alunos, né verdade.

Cássia: QUAIS MUDANÇAS ACONTECERAM NESSA SUA TRAJETÓRIA?

T: Eu acho as coisas bem entrelaçadas. Eu assim, quando eu comecei é a minha profissão como eu já relatei antes, eu tinha trancado a faculdade e não tinha voltado a estudar né. Aí eu fiz o seguinte, a minha faculdade anterior eu fazia licenciatura em história, mas quando eu vim para Recife, quando eu comecei realmente a trabalhar, eu senti a necessidade de fazer o curso de pedagogia. Então eu acho assim, eu acho que a partir do momento que eu vou estudar pedagogia, eu acho que meus horizontes se abriram muito e principalmente depois que eu vim fazer pós-graduação em psicopedagogia. Por que assim, foi uma área bem importante que eu achava que tinha ficado um vácuo no curso de pedagogia. Por que você não vê a psicologia em si, determinados problemas pontuais a pedagogia não retratava, e no curso de psicopedagogia eu acho que ajudou demais. Então eu acho que isso daí foi um grande plano, a faculdade depois a pós-graduação e também o próprio amadurecimento profissional né. Por que você começa é uma realidade você vai avançando e vai sentindo que a tua experiência vai lhe ajudando a tomar certas decisões em relação ao aluno, a fazer certas intervenções. Então eu acho isso, que cada momento, cada degrau alcançando na minha carreira foi fazendo com que eu fosse mudando meu modo de pensar. Até o fato depois de ter assumido a coordenação pedagógica, também outro marco. Tudo isso faz com que você adquirira experiências diferenciadas, e isso vai levando a você a mudar né, o seu modo de pensar e de agir em relação ao aluno e a escola como um todo.

Cássia: DENTRE O QUE VOCÊ FALOU QUAIS MUDANÇAS VOCÊ CLASSIFICARIA QUE ACONTECERAM DE FORMA LENTA E AS QUE ACONTECERAM DE FORMA RÁPIDA?

T: De forma lenta, eu acho que lento foi o que eu volto atrás a repetir. Lenta foi assim, no sentido de que fui galgando degraus à medida que fui me especializando e também pelo próprio trabalho em si, dentro da escola né. E essa mais lenta, mais gradual, de forma lenta e rápida né. Eu não sei se posso classificar como rápida, mas eu observo assim, que de ano pra ano que a gente vai pegando outra turma, outros alunos e lamento assim, a degradação da sociedade como um todo, eu não sei classificaria até como lenta também. Por que os nossos alunos de forma geral, eles estão vindo pra escola sem aquele interesse realmente de buscar um conhecimento pra galgar um melhor posto de trabalho, pra você ter condição de ter um salário melhor. Eles não, eles vem pra escola porque tem uma bolsa e não podem faltar e eu assim, eu vejo com muita tristeza. Talvez rápida como eu podia classificar como rápida, pelo fato de ano após ano, isso ter cada vez piorando mais né. O aluno em si vai pra escola buscando outras coisas e não aquilo que a escola poderia formar o caráter dele como um todo, para ele se profissionalizar, pra procurar um bom emprego. Que era no tempo que eu estudava como eles, era o que eu buscava pra mim né, e eu não sinto. Eu não sei se é também porque eles não têm o exemplo em casa né, se os pais conseguem sobreviver sem muito esforço por conta de uma série de problemas sociais né. E eles também acham que a vida deles vai ser tocada desse jeito e eles deixam pra lá.

Cássia: QUAIS MUDANÇAS AINDA SE SUCEDEM NO PROCESSO?

T: Veja só, eu acho que a educação é extremamente dinâmica né, a educação como um todo. Então eu penso assim, há muitos erros e acertos então uma coisa que eu observo é o seguinte: há alguns anos atrás era muito valorizado os cursos profissionalizantes, aí o que é que aconteceu, se deixou de lado o curso porque se achou que apregoava o ensino profissionalizante para o filho do operário né. Então assim, como eu estava falando, eu tô falando assim que a educação como um todo ela é cheia de erros e acertos. Então o caso que eu estava citando da educação profissionalizante né, que até a pouco tempo atrás era valorizada, depois deixou de ser valorizada porque se achou que só queria ser operário como eles chamavam que não é nem o caso, aquele que era filho de operário e pessoas de famílias pobres, que não teriam chances de galgar a faculdade, o ensino profissional foi muito relegado né. Várias escolas técnicas foram sucateadas, a ETEPAM foi um exemplo e agora por força da industrialização do porto de Suape se volta a resgatar a importância desses cursos profissionalizantes, até o estado teve que importar profissionais de fora porque não há profissionais pra poder cobrir as vagas. Então eu acho assim, a educação tem muito isso né, você começa a fazer um trabalho, aí começa a vê que o trabalho tá dando certo, aí de repente vem um novo governante, um novo partido, aí já acha que aquilo lá não tá tão bom. Então eu acho que essa quebra de continuidade que existe na educação, eu acho às vezes é muito responsável pelo insucesso do processo como um todo, porque muitas vezes não há continuidade. Quando você começa a vê que aquilo tá dando continuidade, aí aquilo é boicotado por uma série de interesses políticos e aí as coisas deixam de acontecer, aí vem uma nova tentativa é como se funcionasse na base da tentativa e erro né. Aí começa a resgatar novamente que agora eu acho que o grande momento da educação é esse, o resgate pela educação profissionalizante. Então eu acho que é assim que vem acontecendo na educação é esse processo né, que é sempre dinâmico e sempre de mudanças de acordo com os interesses políticos.

Cássia: HÁ ALGUM INVESTIMENTO PESSOAL QUE VOCÊ ACREDITA QUE REFLITA NA SUA VIDA PROFISSIONAL?

T: Eu acho que o fato de eu ser uma pessoa, por exemplo, eu pude fazer as minhas escolhas em trabalhar quando eu achei que devia. Eu não estou dizendo que a pessoa que trabalha, que ganha seu dinheiro não, isso é importante na vida. Mas eu sinto assim, eu acho que eu tenho tranquilidade pra trabalhar pelo fato de eu não ter tanta necessidade financeira assim, de ficar lutando pela minha sobrevivência. Como eu noto na maior parte dos professores, você trabalhar é a sua sobrevivência. Então o professor é obrigado a ter três horários não é? Ele se desgasta muito. Então, comporta, por exemplo hoje eu trabalho dois horários porque eu posso trabalhar dois horários, porque eu disponho de tempo. Eu não tenho mais filho pequeno em casa, que a pessoa fica louca se dividindo em um monte de coisas na verdade é problema de casa, são problemas profissionais. Então eu acho que é... esses investimentos pessoais que eu estou me referindo é esses, é o fato de eu poder trabalhar bem tranquilamente apesar de obedecer meus horários e tudo, mais eu trabalho sem grandes preocupações externas. Eu acho que foi um investimento e também o fato de eu ter feitos os meus cursos como eu falei a você, que também fiz com tranquilidade, pude me dedicar, estudar bastante, tudo isso eu acho que é um ganho pessoal. Por que o que eu vejo hoje em dia é esse desgaste dos meus colegas, a maioria eu sei que não são todos, tem pessoas também que tem essa tranquilidade. Ao fato também de ter ouvido de uma colega que não sabe como eu me acostumei a trabalhar na rede pública, porque pelo fato da clientela e tudo, mais eu acho que talvez também por esse lado que eu lhe falei, eu trabalho com uma certa tranquilidade. Claro, achando excelente receber o meu salário no final do mês que todo mundo quer, mas assim, não é uma coisa que eu tenha

que pensar em problemas dentro de casa com filhos, outros problemas que interferem diretamente na minha produção como profissional.

Cássia: ME FALE SOBRE A FORMA QUE É REPASSADA AS CAPACITAÇÕES E DE QUE FORMA AJUDAM NA SUA ATUAÇÃO PROFISSIONAL.

T: Eu acho que as capacitações, eu acho que horas elas ajudam e horas não. Depende do que é repassado e de quem repassa, então eu posso dizer que ao longo desses anos eu já vivenciei bons momentos realmente achei que estava lá e tive muito ganho no final. Mas também, já tive fazendo capacitações que eu achei com toda sinceridade que não me acrescentaram em nada.

Cássia: JÁ LECIONOU EM OUTRAS ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO?

T: Veja, eu só trabalhei em duas escolas desde que eu entrei na rede. Só trabalhei em duas escolas como professora, todo esse tempo que trabalho na rede eu só estive nestas duas escolas. E a da primeira eu sai porque foi construída no próprio terreno da escola a essa escola nova que eu trabalho e que os profissionais praticamente todos foram pra lá. A direção foi e nós fomos juntos, então apesar de não ser perto da minha casa o acesso a essas duas escolas, mas eu sempre gostei do ambiente e eu fiquei, fui ficando esses anos todos. E agora estou nessa, com a função de coordenadora pedagógica.

Cássia: QUAL A SUA JORNADA DIÁRIA DE TRABALHO.

T: Minha jornada é... a gente trabalha cinco dias oito horas e vinte em cada uma né.

Cássia: COMO VOCÊ VÊ A ENTRADA DAS NOVAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA?

T: Como ferramentas preciosas que chegaram para enriquecer as atividades do dia a dia em sala de aula dos alunos e dos professores.

Cássia: O QUE MAIS VOCÊ GOSTARIA DE ACRESCENTAR QUE AINDA NÃO TENHA SIDO ABORDADO PARA MELHOR ENTENDER SUA HISTÓRIA DE VIDA?

T: Eu acho que mais nada viu, porque já falei até muito. Eu acredito que mais nada, eu acho que assim, cada uma das perguntas até me estendi demais na resposta, que eu falo muito mesmo, eu sou assim mesmo.

TRANSCRIÇÃO 4

Identificação: JASMIM

1.Idade: () de 20 a 30 anos () de 31 a 40 anos (x) de 41 a 50 anos () de 51 a 60 anos
47 anos

2.Sexo: () M (x) F

3.Tempo de Serviço: 13 anos

4.Estado Civil: () solteira () casada (x) divorciada () viúva () outros

5. Formação Profissional: (x) **PEDAGOGIA.** Área de atuação: Regência
() **LICENCIATURA.** Qual? Matérias Pedagógicas
(x) **ESPECIALIZAÇÃO.** Qual? Ed. Ambiental
() **MESTRADO?** Área de atuação: xxxxxxxxxx

Cássia: EU GOSTARIA QUE VOCÊ ME FALASSE SOBRE ALGUNS ASPECTOS DE SUA VIDA. FALA-ME UM POUCO DE TEU NASCIMENTO.

T: Meu nascimento? Bom, eu lembro muito, muito pouco visse Cássia? É, minha mãe disse que foi um parto em casa, normal, foi rapidinha né pra nascer e eu gosto de falar da minha infância assim, coisa bem engraçada entendesse. Das coisas da minha infância é isso que interessa?

Cássia: ONDE VOCÊ NASCEU?

T: Nasci em Caruaru né, interior e eu sou a segunda né. Eu sou a segunda de uma já da quinta não, era a gravidez de mamãe deixa eu vê era a quarta né, mais a segunda porque os dois primeiros de mamãe não viveram. Então, eu sou dos vivos eu sou a segunda né, então era um casal só, depois de muito tempo que mamãe teve minha irmã. Mais assim, eu sempre tive a sensação de ser a filha mais velha né, e sou a mais velha, apesar de ser a segunda. E não lembro de muita coisa não sabe, tem muita coisa da minha infância que não gosto muito de lembrar. E sempre tive uma posição de muita responsabilidade entendesse? Porque meus pais eram muito rígidos, tanto papai quanto mamãe, então era num tempo de que infância não é como hoje. Era uma infância mais responsável muita cobrança né. E minha família é uma família muito humilde né, mas assim, mamãe trabalhava em casa e costurava e papai era marceneiro. Mas mamãe sempre se preocupou com os estudos tanto meu como do meu irmão, então ela se matava numa máquina pra pagar colégio, colégio que era caro na época né. Havia uma dificuldade de se conseguir vagas nas escolas do estado e aí mamãe colocou eu e meu irmão em uma escola de freira e aí as coisas eram com mais cobrança, era tudo caro. Apesar da gente não ser cobrado em casa, o que a gente tinha feito na escola, porque antes mesmo de ir para a escola mamãe foi quem, é como diz o matuto desarnou né. Mamãe foi quem começou este processo, era a primeira pessoa, a primeira professora, então a gente foi para escola eu e meu irmão a gente já sabia ler e escrever. Olhe que na época eu não tinha nem sete anos, eu lembro que a gente fazia um teste na escola e só podia ficar se tivesse sete anos e não soubesse ler. Mais ela disse assim, se ela não souber ler de jeito nenhum ela fica. Mas quando ela me colocou para fazer o teste e eu li e não sabia que a regra era essa, que a gente era criança. Ai mamãe depois, porque você leu? Aí eu poxa, passar a vida todinha levando “cocorote” de mamãe pra ler né e depois eu não tinha que ler eu não entendi isso. Bom então foi assim, então quando eu fui para a primeira série de repente passei uns dois meses eu fui para a segunda, aí por aí foi né.

Cássia: ISSO LÁ NO INTERIOR?

T: Isso lá no interior, que na época eram as escolinhas que tinha de bairro de escolas reunidas né, que foi a da primeira a quarta série e da quinta série em diante nós fomos para uma escola de freira né.

Cássia: ENTÃO ME FALA AGORA DA TUA ADOLESCÊNCIA.

T: A minha adolescência, assim, eu não gosto de falar porque a gente não brincava. Eu e meu irmão a gente não brincava, mamãe, eu acho que era muito neurótica não deixava a gente brincar na rua, então só vivia preso dentro de casa e a gente morava em uma casa que a porta era desta porta antiga de interior cortada no meio. E aí só a parte de cima ficava aberta, então ficava eu e meu irmão né, olhando tudo pela janela. Então a gente via a infância como um filme, os outros lá fora brincando entendesse e a gente não participou daquilo. E era muito engraçado quando chegava visita em casa, a gente aproveitava enquanto eles estavam conversando pra gente né, se “esbeirar” na rua correndo de lá pra cá, era uma loucura. Mas era uma rua que passava carro e aí mamãe tinha medo da gente ser atropelado, por isso a gente só vivia preso.

Cássia: A ADOLESCÊNCIA FOI A CONTINUAÇÃO DA INFÂNCIA, CONTINUOU DO MESMO JEITO?

T: Foi, continuou. Aí vê Cássia, era uma infância mais do que tudo responsável, mais dura, onde a criança também tinha atribuições né. Então antes de eu ir pro colégio, eu tinha que fazer uma série de coisas dentro de casa enquanto mamãe estava na máquina, então ajudava a tudo que as meninas fazem né, lavar prato, varrer casa, ajudar mamãe. Mas mamãe era muito rígida, era uma mulher muito sisuda, não ria, então é por isso que eu também sou assim. Meu pai também é uma pessoa muito fechada, aquela coisa não era dos pais estarem conversando com os filhos, conversa corriqueira entendeu, era só conversa séria, cobranças. Então a gente ficou muito sério também.

Cássia: ME FALA UM POUCO DOS TEUS AMIGOS.

T: Ah! meus amigos? Eu tenho facilidade de fazer amizade sabe Cássia, muita facilidade, mas como eu fui criada assim, a gente ter poucos amigos. Papai era uma pessoa muito rígida e não gostava que eu e meu irmão, a gente andava com amizade, então as amizades que a gente tinha era muito pouca né. A família de papai a gente também não tinha muito contato com a família. Os primos por parte do pai porque morava em sítio, então uma vez por outra ia lá em casa e era uma alegria imensa quando eles chegavam porque a casa ficava cheia, alegre e os colegas da escola né. Só aqueles que mamãe simpatizava e papai era que tinha essa permissão de ir lá em casa, mais era uma coisa muito vigiada, não existia essa liberdade como tem hoje, tudo muito vigiado. Eu acho que eu fui sempre adulta, eu acho que eu nunca me senti criança não visse!

Cássia: FALA-ME SOBRE UM ACONTECIMENTO IMPORTANTE.

T: Um acontecimento importante? É na época de infância ou não? Depende, eu acho que foi é quando eu comecei a namorar viu Cássia, meu primeiro namorado, beijar o toque que era uma coisa né, que a gente não tinha esse contato de papai e mamãe tá fazendo carinho, então foi meu primeiro namorado com certeza.

Cássia: FALA SOBRE TEU INGRESSO NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO.

T: Ah, meu ingresso na rede municipal de ensino se deu de forma bem interessante. Porque eu quando eu comecei a fazer meus estudos, já tinha passado essa fase né, já era mãe. Eu voltei meus estudos depois que eu fui mãe, eu quando comecei a namorar né, é com esse hoje que é meu marido a gente saía muito né, ele ia me buscar no colégio e acabei me atrapalhando e desisti. E moral da história, me casei fiquei logo grávida né, achava que eu não ia ficar, não entendia muito esse processo bobeei e fiquei logo grávida e fui ser mãe. Então só depois de cinco anos é que eu voltei para concluir o que eu tinha começado no caso, o segundo grau, então vim concluir aqui em Recife né, quando eu vim morar em Recife. Porque até então é eu me mudei para Recife em 1983 foi, então eu tinha uma cunhada que estava estudando, aí ela me chamou e foi uma briga né em casa, porque o marido não queria. Não você não vai estudar não, e mamãe muito machista dizia que mulher casada não precisava estudar, só cuidar de criança. Mais eu não, eu quero, eu quero, aí voltei, conclui a minha ficha dezenove aí parei né. Dei um tempinho meu segundo filho era pequeno ainda, dei uma paradinha. Depois de dois anos senti falta de novo, aí voltei fiz magistério. Aí fiz o magistério em dois anos, parei. Aí comecei a estudar em casa né, terminei em noventa, fiquei grávida da minha terceira filha, aí nada de estudo né. Eu queria até fazer na época era agropecuária, mas não tinha como, grávida, aí mais uma vez parei. E eu comecei a estudar, foi quando eu passei né na universidade comecei a estudar e ali fui ter outros contatos com outras pessoas, conheci muita gente que trabalhava na prefeitura e eu comecei a trabalhar no estado na administração

indireta na cruzada em 1993, mais eu sempre tinha uma idéia na cabeça, que era fazer curso superior né e depois ir para a prefeitura, porque todo mundo falava que a prefeitura era bom. Então, conheci muita gente lá no centro de educação que era da prefeitura, aí eu tinha uma colega que dizia: um dia tu vai ser da rede, um dia tu vai ser. Ai teve o concurso de 2000, foi de 2000 ou foi de 2002, eu não tô lembrada Cássia exatamente o ano e eu fiz o concurso. Mais eu não fui chamada de imediato porque não tirei uma nota média né, mediana e depois na prova de título eu fiquei com uma classificação muito abaixo porque quem tinha especialização mesmo quem tivesse tirado uma nota mais baixa foi chamado né, por conta da titulação. E eu só fui chamada eu acho que foi quarta chamada que o prefeito chamou o prefeito João Paulo em 2005. Aí que começou a minha vida e eu vim pra cá, para a escola dos Remédios.

Cássia: EXISTE ALGUMA RELAÇÃO DA TUA VIDA PESSOAL COM A TUA VIDA PROFISSIONAL?

T: Existe. Eu acho que esse desejo de ser professor, de ser professor hoje, ser professor não é uma coisa que você decide de uma hora para outra, eu acho que lá atrás em um ponto ficou essa vontade. Então essa vontade veio na época que eu estudava nas escolinhas, que era aquelas escolinhas reunidas de bairro de periferia. Eu tive uma professora que eu não esqueço dela nunca, que foi professora Devani. Era uma professora muito querida sabe, ela todos os alunos gostavam dela, ela tinha um afeto muito grande então eu acho que foi nela sabe, quando eu quis ser professora me espelhei na professora Devani e quando eu chegava em casa, eu pedia giz né, o giz e na minha casa eu tinha um compensado. Papai trabalhava como marceneiro e eu pegava aqueles compensados e fazia o quadro e ia dar aula pra as crianças da rua que tava dentro de casa, que entrava na minha casa né. Pronto, que era a maioria das crianças que ficava ali duas ou três vizinhas né. Como a gente não saía, mais eles podiam entrar dentro de casa né, então eu ia brincar de ser professora eu acho que começou bem lá , viu bem!

Cássia: COMO SE DEU A ESCOLHA PELA PROFISSÃO?

T: Desde criança imaginava ser professora, já brincava de “escolinha”.

Cássia: SE PUDESSES HOJE MUDAVAS DE PROFISSÃO?

T: Não Cássia, mudava não. Eu gosto de ser, eu gosto de ser professora. Eu gosto, eu gosto de pesquisar material pra meus alunos entendesse? Eu sei que nem tudo que o professor escolhe é o que é bacana, mais a intenção, é, a intenção é fazer um planejamento bacana, fazer um trabalho bacana, pra que eles também tenham a oportunidade que eu tive. De talvez seja até pretensão, eu querer um aluno ou aluna se espelhe na professora que sou, mas eu espero que pelo menos na a intenção que eles pensaram em fazer alguma coisa que não for legal para a vida deles, já que eles moram em um lugar tão cheio de coisa de drogas ele vêem nessa vivência. Eu não tive isso, tiveram outras dificuldades na minha vida, não essa. Mas eu quero que as crianças que eu estou com elas na sala elas na frente ela diga: poxa! que eu fui pra uma exposição de arte porque a professora me levou, aí surgiu o desejo de ser uma artista ou então uma criança, olhe eu vou ser professora porque eu gostava do jeito que a professora Josetânia né, porque ela dava uma aula bacana, porque eu gostava do jeito dela, ela era chata mais ela cobrava, porque ela tava preocupada com a gente né. Então tem muita relação sim né, deu gostar de fazer isso eu gosto de pesquisar, muito embora, tenha né os percalços da profissão o cansaço, é um cansaço muito grande é a própria clientela que não aproveita entendesse Cássia. Às vezes eu fico falando blá blá blá e eles ficam lá conversando e aí poxa a minha conversa não está sendo interessante. Então o que é que eu vou fazer para alcançá-los e eu sei que é difícil né, porque esse meu jeito fechado, que já é derivado já da educação que eu tive

dos meus pais essa seriedade nas coisas. Aí eu queria também que meus alunos aprendessem um pouquinho disso, pra levar isso pra vida deles. E quando eu digo na sala, olha gente vocês são muito críticos e eu gostaria que vocês levassem esse jeito crítico de vocês pra melhorar a vida de vocês onde vocês moram, entendesse Cássia. Então o que eu faço na sala, eu quero que lá, eu desejo que lá na frente eles tenham bagagem pra reivindicar as melhorias na vida deles. Então eu acho que não mudaria não, não mudaria, acho não mudaria eu só sei fazer isso e se eu não fosse professora eu fico pensando o que é que eu seria, acho que seria uma boa lavadeira, mais é isso que sei fazer.

Cássia: COMO ACONTECE A RELAÇÃO COM OS COLEGAS DE PROFISSÃO NA REDE DE ENSINO E NA REDE MUNICIPAL COMO UM TODO?

T: É uma relação de muito respeito viu. Uma coisa que nós temos aqui na escola é uma relação de muito respeito, de um trabalho muito integrado de muito respeito principalmente, eu vejo muito isso. A gente sabe que nem todo mundo pensa igual né, cada um tem a sua linha de raciocínio tem a sua postura é diante de fatos da vida, mas eu acho que uma forma respeitosa como a gente, com as professora se trata aqui é uma relação muito boa. Eu acho que o respeito é quem dá o tom, entendeu? De você não entrar na privacidade do outro né, de você ter compromisso com todos, compromisso com seus alunos, compromisso com os outros colegas da escola é esse respeito que se tem. Eu acho que tudo isso né, gera uma seriedade em tudo que a gente faz.

Cássia: QUAIS MUDANÇAS SIGNIFICATIVAS ACONTECERAM EM SUA TRAJETÓRIA?

T: Como professora né?

Cássia: É.

T: Olha, são várias mudanças. Por que você começa, quando eu fiz o magistério e aí quando eu estava fazendo o magistério eu fiquei encantada né. Você vai apreendendo, vai apreendendo e cada vez que você está em uma sala de aula que você acha que vai ensinar você está apreendendo. E você vai se dando conta de que você apreendeu, ainda é pouco que você precisa sempre evoluir. Então a gente tá sempre buscando melhorar né. A gente pesquisa estudando mais, se capacitando. Então tudo isso é forma de evoluir é uma trajetória de evolução né. Você colocar o pé na frente e não colocar no mesmo lugar, como diz, como dizia né meu pai e é verdade né, você já sente necessidade que quer mais alguma coisa. Eu fazia magistério quando eu terminei o magistério, achei que aquilo ficou pouco e pequeno pra mim eu já queria mais. Fiz graduação e aí quando terminei eu achei que era pouco queria mais, e aí com as amigadas que eu fui fazendo me engajando em projeto né e outros projetos dentro da Federal, dentro da Rural também com outros conhecimentos. E dei uma paradinha, depois disse não, eu quero continuar porque você quando para, vai ficando meio que algo estagnada, sabe é preciso que haja águas mais correntes para entrar novos peixinhos na lagoa. E aí, a gente vai buscando e cada vez que a gente vai buscando a gente vai evoluindo e a minha trajetória vem sendo essa dentro da educação e depois educação ambiental e nas outras oportunidades que a gente vai tendo na vida dentro da área de artes. Enquanto que der abertura eu tô entrando. A arte eu não entendia de arte mais agora vou entender de arte. Arte contemporânea é difícil, mas eu quero entender de arte contemporânea. Eu não entendia de tecnologia era analfabeta funcional de tecnologia, mas agora eu quero aprender tecnologia para facilitar o meu trabalho na área de educação. Então eu vou buscar outras coisas pra me melhorar como pessoa e como profissional né, acho que sempre tá buscando né Cássia. A gente tá querendo sempre melhorar.

Cássia: QUAIS MUDANÇAS ACONTECERAM DE FORMA LENTA E DE FORMA RÁPIDA?

T: Olha as mudanças de forma lenta sempre foi na minha área econômica , assim, eu nunca fui uma pessoa ambiciosa de ganhar muito dinheiro. Eu vou para uma escola que eu vou ganhar “x” ou eu vou participar daquele projeto que eu vou ganhar “x” duas vezes. Eu sempre quis fazer as coisas no meu tempo mesmo que for demorando e claro que a gente busca melhorar né, fisicamente, psicologicamente, economicamente. Mas essas coisas nem sempre são juntinhas né, então é a mudança lenta que eu vejo na minha vida é essa, na área do financeiro. Mas como eu sou uma pessoa muito cautelosa é muito como eu diria, eu não sou uma “gastona” sabe Cássia. Então eu sou uma pessoa de hábitos simples não compro muito então o que eu ganho da pra pagar minhas continhas, não faço muito fiado. Mas mesmo assim, eu queria ter um retorno maior financeiro, poder comprar um bem né, poxa eu pude comprar com um salário de uma vez só, não tive que fazer economia de 10 anos pra comprar uma coisa. Então pra mim a mudança lenta é dentro da área financeira, ela não tá atrelada junto com as outras mudanças. E a rápida né, que você quer, é o conhecimento que eu faço, quando eu estou fazendo estudos, projetos, quando eu vou me envolvendo e aí conheço pessoas que dizem: você quer participar desse projeto e eu : puxa! Eu não esperava por isso entendeu. E aí veio essa conquista que eu não esperava e veio rápido, porque o que você não espera e que acontece, acontece rápido a gente tem sempre essa sensação que aconteceu rápido. Então são as pessoas que eu faço amizade, que me chamam para participar de projeto. O casamento foi rápido também né. Risos. Eu não estava grávida não viu!

Cássia: QUAIS MUDANÇAS AINDA SE SUCEDEM NO PROCESSO?

T: As mudanças é a nível de intelectualidade, porque a gente nunca tá conformado, a gente tá sempre buscando melhorar como pessoa e como profissional. Então tô sempre em busca de melhorar a minha relação com as pessoas que hoje em dia é a parte mais difícil de você ter que é se relacionar com o outro. Porque o tempo que nós temos é uma correria muito grande, a gente sai de uma escola vai para outra a maioria dos colegas né, Cássia. Eu agora tô numa posição até confortável, porque agora eu não tô no segundo horário, tô em casa né, mas dei uma paradinha no segundo horário em casa, até o próximo ano. Então mas, a parte mais difícil foi isso. O que você me perguntou? Eu me perdi!

Cássia: E AS MUDANÇAS QUE AINDA SUCEDEM?

T: Há sim.

Cássia: VOCÊ FALOU DA INTELLECTUAL?

T: É a mudança intelectual , de você está sempre, eu acho que a minha busca sempre foi no crescimento intelectual sabe, em detrimento do crescimento financeiro. Eu sempre coloquei como primeiro plano o crescimento intelectual porque como eu era de uma família muito pobre, então assim, aprendi uma coisa, quem tem voz forte era quem tinha dinheiro e tinha poder, mais você precisava de alguma forma se fazer ouvido né, se fazer ouvido, então eu disse assim: poxa! eu não tenho dinheiro minha família é pobre, então eu tenho que ter né, eu tenho que me sair, eu tenho que ser pelo menos nas idéias né. Então eu fui me melhorar nas idéias que era a parte que era mais acessível né, você melhorar intelectualmente então foi isso. Então enquanto não vem a melhoria financeira que eu estou aguardando, mas também não vou ficar agoniada, afobada, querendo aquilo de jeito nenhum. Se vier ótimo, não corro mais atrás né, com aquela ansiedade, aquela ambição , corro não.

Cássia: HÁ ALGUM INVESTIMENTO PESSOAL QUE VOCÊ ACREDITA QUE REFLITA NA SUA VIDA PROFISSIONAL?

T: Investimento pessoal?

Cássia: SIM.

T: Sim, eu tive um, como eu disse esses cursos que oferecem de graça pela fundação como arte contemporânea, não é uma exigência da minha profissão mas eu vou porque eu quero me melhorar né. Eu também quero ser uma pessoa que entenda um pouquinho de arte, pra melhorar a minha vida profissional. Em um tempo eu fiz meditação porque eu estava passando por uns problemas que eu sei que na sua vida pessoal ela não é dissociada de jeito nenhum da vida social né, nem profissional. Você não é uma pessoa ali, e é ao mesmo tempo porque você tem funções, são funções diferenciadas que você atua na sociedade, você como dona de casa, você como professor, você como colega. Mas a essência do sujeito eu não vejo ser dissociada, eu professora, eu dona de casa, entendeu Cássia? Então é claro que uma mudança na minha vida pessoal ela vai refletir com certeza na minha vida profissional, boa ou ruim. Então eu prefiro que seja boa né, então eu vou atrás né, eu vou atrás, eu tento me melhorar do jeito que eu posso fazendo oração, meditando, falando menos ou não falando. Por que há momentos na vida da gente que é melhor ficar calado né, porque é também uma forma de você se melhorar. Então hoje eu fico mais em silêncio, falar menos, porque quando você fala menos você erra menos também né.

Cássia: ME FALA SOBRE A FORMA QUE É REPASSADA AS CAPACITAÇÕES E DE QUE FORMA AJUDAM NA SUA ATIVIDADE PROFISSIONAL.

T: Cássia olhe, tô sentindo falta das capacitações, este ano nós não tivemos nenhuma. Bom se não for uma empreitada particular do professor hoje de se capacitar de ficar somente esperando pelos órgãos né. Como a escola, o órgão responsável né, o sistema responsável pela escola a gente demora né a ter capacitação. Mas capacitação é sempre bom, mesmo que você já tenha visto, mesmo que o capacitador ou coordenador não tenha essas habilidades, a gente vai ficando mais maduro na profissão e a gente vai ficando mais exigente. E também tem muita gente capacitadora, muitos capacitadores por aí, que fazem as coisas na “enrolada” não é? Então quem tá hoje realmente com desejo de se melhorar a auto-crítica, percebe que existe uma deficiência muito grande né, nessas capacitações. Mas ao mesmo tempo, ficar sem nenhuma também não é bom né, então é bom que ela venha mesmo com um precisando de ajuste porque não existe perfeição em ninguém né. De modo que a gente tá sempre apreendendo né, eu apreendo com outro, o outro aprende comigo e a gente tá sempre apreendendo. Por que eu acredito que mesmo que você só tenha visto né, sobre determinado assunto rever de novo não custa nada. E de repente lá no meio né dessa repetição algo de novo, então é sempre bom capacitação, tô sentindo falta. Mas não a capacitação só pela capacitação, mas o momento que você encontra os colegas né, a integração de ver as pessoas de novo. Por que hoje em dia, quem trabalha na educação vive num mundo tão grande de estresse, correria que não tem tempo de se relacionar né com as pessoas. Então eu digo que a gente assim, os colegas dentro dos ônibus e nas capacitações quando a gente se encontra né. Por que a vida da gente é casa, a gente parece aqueles bonequinhos do filme que eu levei as criança para assistir, o garoto cósmico, parece uns bonequinhos programados trabalho, casa, trabalho, casa. Então a vida social da gente vai se prejudicando, a gente vai deixando ao relento, vai deixando em décimo plano, porque hoje em dia a gente tá sempre é só com trabalho na cabeça respiramos trabalho, vamos dormir com trabalho na cabeça, fica meio que mecânico, programado. Você acredita que semana passada eu fui tirar uma soneca à tarde, foi antes de terça- feira, fui tirar uma soneca, me acordei “estabanada” dormindo achando que eu tinha perdido a hora do sábado, que era a feira de conhecimentos. Então você vê como tá o nível de estresse do trabalho, só respiro trabalho.

Cássia: JÁ LECIONOU EM OUTRAS ESCOLAS DA REDE?

T: Como contrato não comecei e continuo nesta. Só a título de acumulação (temporário).

Cássia: QUAL A SUA JORNADA DIÁRIA DE TRABALHO?

T: Quatro horas e trinta minutos (4:30h)

Cássia: COMO VOCÊ VÊ A ENTRADA DAS NOVAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA?

T: No mundo onde as transformações ocorrem a cada segundo devido aos avanços da tecnologia, assim, a sociedade de uma maneira geral precisa ter acesso, senão corre o risco de ficar a margem. Aliás, isso já acontece. Essas mudanças tecnológicas afetam significativamente a maior parte da população, quando as mesmas não têm acesso. É o que vemos na sociedade do trabalho. Para que seja corrigido esse problema, a escola começa a repensar sua prática pedagógica, baseada na influência que essas novas tecnologias despertam. De certo já utilizamos algumas dessas tecnologias na escola (TV, som, DVD, rádio, etc). São usadas no processo educativo, já algum tempo, mas o uso da Internet ainda não chegou para todos, precisa ser inclusiva, com fácil acesso para toda a comunidade educacional, pois a escola como ambiente social não pode ficar alheia a esse processo de transformação. Ela precisa reorientar sua prática pedagógica com base nas novas necessidades que as mudanças tecnológicas geram na sociedade, contudo, é preciso planejar sua aplicação de maneira que seu uso possa favorecer aprendizagens significativas.

Cássia: O QUE MAIS VOCÊ GOSTARIA DE ACRESCENTAR QUE AINDA NÃO TENHA SIDO ABORDADO PARA MELHOR ENTENDER SUA HISTÓRIA DE VIDA?

T: Cássia, eu acho que já falei tanta coisa, tanta coisa que acho que a cabeça esvaziou um pouco, viu? Foram tantas palavras, tantas letrinhas, quem sabe até abobrinhas também aí no meio. Mas acrescentar que as pessoas né, fazer uma abordagem mais voltada para a melhoria do sujeito, porque quando o sujeito se melhora espiritualmente ele se melhora profissionalmente e a gente vê muito isso como eu disse a gente respeita os colegas. Mas a gente sabe também, que cada um tem seu jeito de pensar e que quando um coloca como verdade absoluta tanto na forma filosófica de pensar, a postura religiosa né e acaba ferindo e interferindo na vida do outro. Eu tenho esse cuidado e gostaria que as pessoas tivessem também essa preocupação de se melhorar, e isso o tempo corrige né, e pra melhorar a relação né tem esse negócio. Uma das coisas que mais me incomodam, eu não sei se cabe na entrevista é quando alguém menospreza o outro né e aí eu me lembro de vários momentos da minha infância, da minha vida de estudante quantas vezes eu não fui humilhada né, pelo professor que sabia ou porque o professor tinha uma postura de vida e quer impor né pra o aluno não só o professor aluno, relação aluno professor, professor com professor e toda equipe né. Se melhorar, ter esse cuidado de tratar o outro é isso se melhorar todos procuram essa melhoria, evoluam né. Procure a evolução, procure se melhorar como ser humano porque quando a gente se melhora como ser humano a gente se melhora como profissional. É isso e acima de tudo respeitar o jeito de cada um, porque cada um é cada um. Cada um tem o seu jeito né, e a gente sabe, como cada um é cada um, a gente vê muito isso. Acho que só. Eu espero que você aproveite alguma coisa daí viu? Às vezes eu fico imaginando: meu Deus, sabendo que tem alguém né, escutando eu falar essas coisas não sei se eu falei que vai ser aproveitado na sua pesquisa.

TRANSCRIÇÃO 5

Identificação: MAGNÓLIA

1.Idade: () de 20 a 30 anos () de 31 a 40 anos (x) de 41 a 50 anos () de 51 a 60 anos
44 anos

2. Sexo: () M (x) F

3.Tempo de Serviço: 21 anos

4.Estado Civil:() solteira (x) casada () divorciada () viúva () outros

5. Formação Profissional:(x) **PEDAGOGIA.** Área de atuação:Regência/Direção

() **LICENCIATURA.** Qual? Matérias pedagógicas

(x) **ESPECIALIZAÇÃO.** Qual? Administração e Planejamento
Escolar

() **MESTRADO.**Área? xxxxxxxxxxxxxxxxx

Cássia: EU GOSTARIA QUE VOCÊ ME FALASSE SOBRE ALGUNS ASPECTOS DE SUA VIDA. EU QUERIA QUE VOCÊ ME FALASSE SOBRE SEU NASCIMENTO, SITUANDO ASSIM, QUAL A SUA POSIÇÃO NA FAMÍLIA AONDE VOCÊ NASCEU.

T: Eu nasci em Recife, é... fui uma criança que nasci de baixo peso com problemas no parto, andei muito tarde, falei muito tarde, mais dentro da família eu sou a segunda filha. Sou muito bem aceita, aceito minha família muito bem nosso relacionamento é maravilhoso, com meus irmãos, com meus pais, maravilhoso.

Cássia: FALA-ME DA SUA INFÂNCIA.

T: Minha infância foi maravilhosa, morei em São Loureço da Mata, próximo ao rio Capibaribe. Curti muito minha infância brincando na beira do rio, tomando banho de rio, indo para a fazenda da minha vó em Caruaru. Foi uma infância inesquecível, inclusive às vezes até sonho com a minha infância, revivendo a minha infância.

Cássia: FALA-ME DA SUA ADOLESCÊNCIA.

T: Minha adolescência foi um pouco conflituada, porque eu não me aceitava, eu sempre fui gordinha né então eu entrava em conflito por conta do meu físico que era diferente do da minha irmã. Minha irmã era magrinha, é branca, bem mais branca do que eu, eu sou morena clara e o pessoal: ah! Você é tão gordinha , diferente da sua irmã. Então isso ficou um pouco difícil pra que eu aceitasse né? Inclusive a própria minha irmã dizia: ai, tu devia emagrecer, deveria ficar mais magra. Eu, realmente na minha adolescência foi de muito conflito, por conta disso, a não aceitação do físico.

Cássia: FALA-ME DA SUA FAMÍLIA.

T: A minha família é uma família bem estruturada, meus pais vivem muito bem até hoje , os dois é... Meus irmãos, todos nós casamos, cada um vive na sua, construiu sua família. Tentamos reproduzir não é, esse modelo que nossos pais passaram pra gente. Minha família eu acho que é, não é a ideal, mais tentamos né, ser, toda família tem seus conflitos, seus problemas, mas a gente é muito unido.

Cássia: E SEUS AMIGOS?

T: Também, meus amigos são maravilhosos uma coisa que eu gosto é conquistar amizade e preservar, a amizade, não porque você conheceu uma outra pessoa descartar aquela, não. Mamãe passou pra nós, pros três filhos, que a gente tem que conservar as amizades.

Cássia: FALA-ME UM POUCO SOBRE UM ACONTECIMENTO IMPORTANTE NA SUA VIDA.

T: Ah! O nascimento do meu filho, foi assim a emoção, a maior emoção na minha vida foi o nascimento do meu filho.

Cássia: E SEU INGRESSO NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO, COMO SE DEU?

T: Você quer que eu fale é... O procedimento, o processo como se deu?

Cássia: É.

T: Eu fiz concurso, fiquei aguardando, passei, eram mil vagas e eu passei na 190, aí fiquei aguardando. E o telegrama chegou em casa ainda lembro num sábado à tarde, para eu comparecer lá no Reitor João Alfredo e eu fiquei super feliz e estou na rede há 22 anos.

Cássia: EXISTE ALGUMA RELAÇÃO DA SUA VIDA PESSOAL COM A VIDA PROFISSIONAL? VOCÊ ACHA QUE EXISTE, ALGUMA RELAÇÃO?

T: Eu acho que sim, porque eu também desenvolvo né, aquele papel de educadora na minha vida. Ao todo longo da minha existência eu estou sempre tentando educar, orientar, colocar né, o meu conhecimento na vida, nas ações que eu estou desenvolvendo, tanto em casa né, no ciclo familiar, como no trabalho.

Cássia: NO CASO VOCÊ FALOU DA PROFISSIONAL PARA A PESSOAL. E DA PESSOAL PARA A PROFISSIONAL?

T: Se tem alguma relação?

Cássia: SIM.

T: Tem, só tem. Por que eu acho que você é o espelho né, na profissão, você é o espelho do que você é. Eu acho que tem relação sim e como tem. Se você é uma pessoa vingativa, uma pessoa rancorosa, é uma pessoa é... Insegura, você vai passar na vida profissional. Eu acho que só tem relação e muita, tanto no pessoal como no profissionalismo.

Cássia: COMO SE DEU A ESCOLHA POR ESSA PROFISSÃO?

T: Ah! Desde criança, brincava sozinha, no quarto dando aula, gritava como se tivesse criança, fazia chamada, eu imitava ser uma professora, eu sempre sonhei ser uma professora.

Cássia: SE PUDESSES HOJE MUDAVAS DE PROFISSÃO?

T: Não. Não, mesmo com todas as dificuldades financeiras que ganha pouco, o reconhecimento que não existe, mas eu começaria tudo outra vez.

Cássia: COMO ACONTECE A RELAÇÃO COM OS COLEGAS DA PROFISSÃO NA UNIDADE DE ENSINO E NA REDE EM GERAL?

T: Ah! Eu creio que é uma relação harmoniosa. Eu estou há 22 anos na rede, graças a Deus construí muitos amigos, porque quando eu vou pra capacitação, pras formações eu vou encontrando pessoas que entrou na minha época né, e a gente se reencontra e conversa. É uma relação harmoniosa, maravilhosa!

Cássia: QUAIS MUDANÇAS SIGNIFICATIVAS ACONTECERAM NESTA SUA TRAJETÓRIA?

T: A mudança é o amadurecimento, eu amadureci porque quando a gente inicia né, adolescente, jovem, eu entrei com 21 anos na rede e eu acho que ao longo desse tempo a gente vai amadurecendo, vai vivenciando, vai apreendendo mais, adquirindo mais

experiência, vai mudando sua forma de vê o mundo, de vê as coisas.

Cássia: QUAIS MUDANÇAS ACONTECERAM DE FORMA LENTA E QUAIS FORAM AS MUDANÇAS QUE ACONTECERAM DE FORMA RÁPIDA?

T: Mais assim dentro da profissão?

Cássia: DENTRO DA PROFISSÃO.

T: Eu acho que lenta é o salário, não é, porque eu tô há 22 anos e o salário sempre não tem aquele aumento considerável né, então aquilo ali é muito lento. E... na prática mesmo pedagógica houve muitas mudanças rápidas como um exemplo, o ciclo né. O ciclo fui uma mudança assim: brusca, rápida de ciclos que colocaram pra gente e que eu não...eu posso dizer?

Cássia: PODE.

T: Que eu não concordo, eu sou uma pessoa que sou contra os ciclos Eu acho que não é da nossa realidade nordestina para o nordeste.

Cássia: QUAIS MUDANÇAS AINDA SE SUCEDEM NO PROCESSO?

T: No processo do trabalho né? As mudanças que ainda...

Cássia: SUCEDEM.

T: A prática pedagógica mesmo, tá sempre, tá mudando né, inovando entrando teóricos né. A cada tempo vai mudando é, a forma de trabalhar de exercer em sala de aula.

Cássia: HÁ ALGUM INVESTIMENTO PESSOAL QUE VOCÊ ACREDITA QUE REFLITA NA SUA PRÁTICA PROFISSIONAL?

T: Pausa

Cássia: ALGO QUE VOCÊ FAZ POR VOCÊ QUE REFLITA NA SUA PRÁTICA PROFISSIONAL?

T: Em termos financeiros é...cursos?

Cássia: PESSOAL O QUE VOCÊ QUISER, QUALQUER COISA QUE VOCÊ FAZ PRA VOCÊ, QUE NÃO SEJA PROPORCIONADO PELA REDE QUE REFLITA NA SUA PRÁTICA.

T: Cursos. Cursos. Especialização que eu fiz né, que foi pra mim né, pra ter um conhecimento maior e que refletiu na prática como profissional.

Cássia: ME FALE SOBRE A FORMA QUE É REPASSADA AS CAPACITAÇÕES E DE QUE FORMA AJUDAM NA SUA ATUAÇÃO?

T: Olhe! As capacitações que são repassadas agora atualmente eu vivencio poucas né. Por que só tem de semestre em semestre, assim, Houve uma agora pra gestão, porque ia ter a eleição, mas no dia-a-dia mesmo, na prática mesmo a gente quase não participa de formação. E até observo, também para os professores né, caiu muito a formação, tanto na prefeitura, como no estado. No estado eu não sou convidada mais pra nada, também não tem formação no estado, quando tem é esporadicamente final de ano, uma vez num encontro e só.

Cássia: NÃO É UMA COISA SITEMÁTICA?

T: Não. Antigamente era viu, há uns 10 anos atrás.

Cássia: JÁ LECIONOU EM OUTRAS ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO?

T: Já, eu comecei na creche lecionando e depois passei a ser coordenadora. Em outras duas (2) a título de acumulação (temporário) e agora aqui.

Cássia: QUAL SUA JORNADA DIÁRIA DE TRABALHO?

T: São doze horas por dia, no ar.

Cássia: COMO VOCÊ VÊ A ENTRADA DAS NOVAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA?

T: De grande importância para a escola, pois as novas tecnologias ajudam na aprendizagem e na formação profissional.

Cássia: O QUE MAIS VOCÊ GOSTARIA DE ACRESCENTAR QUE AINDA NÃO TENHA SIDO ABORDADO PARA MELHOR ENTENDER SUA HISTÓRIA DE VIDA? ALGUMA COISA QUE EU NÃO COLOQUEI QUE VOCÊ ACHA IMPORTANTE FALAR.

T: Do que não foi abordado, praticamente tudo foi abordado aí. É... se eu estava satisfeita não foi, eu acho que você abordou tudo tá completo.

TRANSCRIÇÃO 6

Identificação: ORQUÍDEA

1.Idade: () de 20 a 30 anos () de 31 a 40 anos (x) de 41 a 50 anos () de 51 a 60 anos
49 anos

2. Sexo: () M (x) F

3.TEMPO DE SERVIÇO: 6 anos

4.Estado Civil: () solteira () casada (x) divorciada () viuva () outros

5.Formação Profissional: (x) **PEDAGOGIA.** Área de atuação: Regência/Coord. Pedag.

() **LICENCIATURA.** Qual? Matérias pedagógicas

() **ESPECIALIZAÇÃO.** Qual? xxxxxxxxxxxxxx

() **MESTRADO?** Área de atuação: xxxxxxxxxxxxxx

Cássia: EU GOSTARIA QUE VOCÊ ME FALASSE SOBRE ALGUNS ASPECTOS DE SUA VIDA. FALA-ME DO TEU NASCIMENTO.

T: Nasci de parto normal, sem parteira, sozinha. Nasci na casa dos meus avós, aqui no bairro de Jequiá do lado da fábrica Iolanda.

Cássia: FALA-ME DA TUA INFÂNCIA.

T: A minha infância foi até assim, eu posso dizer às vezes, que minha infância foi pouca tive pouco tempo de infância. Posso dizer que eu já era adulta, porque a casa pedia para eu amadurecer antes do tempo, brinquei de boneca mais não foi como eu vejo hoje e como eu via meus vizinhos brincarem, porque tinha muita responsabilidade dentro de casa. Meu irmão era um irmão mais novo, é mais novo que eu, um só, que ele faleceu com 16 anos. Mas era aquela coisa, menino brinca de, é aquela coisa, menina de boneca e a minha boneca era a casa que a gente morava. Não tinha essa coisa de tá, raramente a gente brincava.

Cássia: FALA-ME DA TUA ADOLESCÊNCIA.

T: A adolescência também foi a continuação da infância. Por que eu tive uma educação assim muito rígida. Meu pai, como eu posso dizer era um ditador né, não era aquela coisa de você ir à praia, a gente ia a praia uma vez por ano. É questão de eu tá passeando, saindo, quando eu fui conhecer o cinema eu tinha 16 anos de idade então não tem muita coisa da minha adolescência não. Foi à continuação da infância, continuando tomando conta da casa, meu pai trabalhava, minha mãe trabalhava e eu tinha que dar conta. Meu casamento foi na fase adulta.

Cássia: ENTÃO FALA-ME DA TUA FAMÍLIA.

T: Meu pai como eu já disse a você super centralizador, uma educação bem arcaica, bem rústica. Minha mãe como não deixava de ser, era aquela coisa, ela casou com 13 anos, então para ela o marido era marido e pai. Então a minha vida dentro de casa era um relacionamento ditador assim, tem que ser assim, vai ter que fazer ser assim, tinha que fazer assim, é da história mesmo, tem que levar surra, ficar de castigo toda tarde. Depois do casamento me casei com 20 anos, casei aos vinte anos. É o casamento no começo tudo muito bonzinho, mais depois começam as dificuldades de relacionamento de tudo. Permaneci casada por 20 anos, com 10 anos de casamento tive o primeiro filho, com 12 anos a segunda, fiquei com dois. E com 20 anos de casamento, o casamento acabou e hoje estou divorciada.

Cássia: FALA-ME DOS TEUS AMIGOS.

T: Amigos eu tenho poucos e bons. Porque eu demoro muito a fazer amizades, eu sou de analisar as coisas, eu não olho só pra mim, eu não olho assim, como o amigo é pra mim. Eu olho aquela pessoa como ela é em relação a família, como ela é pra os amigos, pra que eu possa ter confiança e me aproximar. Então eu tenho poucos e bons amigos. Graças a Deus!

Cássia: FALA-ME SOBRE UM ACONTECIMENTO IMPORTANTE, AGORA NO ÂMBITO PROFISSIONAL QUE ACONTECEU NA TUA VIDA.

T: O importante que eu quero dizer assim, é... A importância pelo reconhecimento né. É foi o convite que a direção da escola me fez pra coordenação da escola. Por que professora, viram o meu trabalho, então pra mim foi muito importante. É você saber que seu trabalho você executa muito bem. É não tiro de jeito nenhum o mérito das outras minhas colegas, porque você sabe que teve aquelas coisas né, tinha que ter dois contratos ou acumular. Então quando foi feito tudo isso, a seleção de todos que ela poderia indicar eu agradei muito e eu achei muito bom. Foi um acontecimento bom na minha vida.

Cássia: E OUTRO ACONTECIMENTO IMPORTANTE FORA DO ÂMBITO PROFISSIONAL?

T: Fora do âmbito profissional. É uma coisa triste e uma coisa boa. É assim, depois do falecimento do meu pai que eu tive que tomar as rédeas da família, que eu já tomava as rédeas da minha né, aí fui cuidar da minha mãe. Graças a Deus as coisas que eu encaminhei estou conseguindo né, a maior parte da casa está construída, tá construindo tudo direitinho, tá todo mundo unido, então é uma coisa muito boa. E hoje eu estou dando a ela aquilo que ela não teve durante o casamento que é a liberdade. Ela tem plenas condições, ela tem plena confiança que tem uma pessoa dentro de casa que vai cuidar de tudo. Pra mim foi muito bom, porque você como filho tem aquela expectativa né, aí meu Deus eu preciso. Não é nem a questão de ser um bom filho, mas é aquela questão de você dá ao outro aquilo que aquela pessoa está com necessidade. Que é o que minha mãe não tinha liberdade e ao mesmo tempo segurança, eu estou viajando, eu estou saindo, mais tem alguém que está aqui do meu lado.

Cássia: FALA-ME DO TEU INGRESSO NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO.

T: Quando eu entrei na rede municipal de ensino eu era professora da rede estadual. Aí então

fiz o concurso por conta de um horário vago, aí fiz concurso passei e entrei. Ai fiquei trabalhando nas duas redes aí o que acontece, aquela questão de é... em julho o recesso, aí eu trabalhava em uma descansava na outra. E botei na cabeça quando tiver o próximo concurso aí eu vou fazer, porque ai eu fico numa rede só e fica uma coisa só. Na primeira oportunidade que eu tive, fiz o segundo concurso e agora estou trabalhando numa rede só.

Cássia: FALA-ME SE EXISTE ALGUMA RELAÇÃO DA SUA VIDA PESSOAL COM SUA VIDA PROFISSIONAL?

T: Tem porque assim, eu acredito que você não é só responsável no teu ambiente de trabalho. Se você é uma pessoa responsável na sua vida, na sua casa, na sua família, você também é no trabalho. Eu acho que você não pode ser ator, você não pode ter um comportamento aqui outro lá. Então eu acho que é isso que liga, se você for uma pessoa organizada, uma pessoa estruturada direitinho, você também vai ser um bom profissional, porque você tem já é de você, essa sua responsabilidade e toda sua dedicação.

Cássia: COMO SE DEU A ESCOLHA PELA PROFISSÃO?

T: Olha até que meio por acidente. Por que na época no estado tinha aquela coisa era matrícula, era... você tinha que correr se não perdia a vaga. E justamente no período que eu vim fazer o ensino médio tive um problema de saúde então eu perdi. Quando eu tive tempo de procurar a escola aí o que aconteceu, só me restou o Marcelino Champanhag. Aí todo mundo me disse, menina tu fica um ano lá depois de um ano você vai pra o que você queria, que era aquele que fica do lado não sei o que Guerra. Que é um colégio de administração, saúde, Paulo Guerra que tinha cursos técnicos pronto então vou ficar aqui um ano. Só que aí o primeiro ano que eu fiquei, tudinho aí eu gostei, gostei, aí eu disse sabe de uma coisa eu vou ficar. Aí terminou ser professora quem queria ser administradora terminou professora.

Cássia: SE PUDESSES HOJE MUDAVAS DE PROFISSÃO?

T: Com c e r t e z a, porque é uma situação, é desgastante é muito desgastante. Você querer mesmo fazer as coisas direitinhas do jeito que deve ser você tem desgaste muito grande.

Cássia: ENTÃO MUDAVAS PARA QUAL?

T: Pra professor.

Cássia: NÃO. MUDAVA PARA QUAL PROFISSÃO?

T: Ah! Se eu quisesse mudar eu acho que eu iria pra a área de direito, porque a área de direito ela dá mais oportunidade de trabalho. Não é só você ser advogado, você pode fazer mil e um concursos que o curso de direito te dá condições para isso. Eu acho que seria o primeiro que eu iria pensar.

Cássia: COMO ACONTECE A RELAÇÃO COM OS COLEGAS DE PROFISSÃO NA UNIDADE DE ENSINO E NA REDE MUNICIPAL EM GERAL?

T: Olhe eu tenho do que me queixar não graças a Deus. A gente tem um relacionamento bem visto, eu acho que uma das coisas piores do serviço é a competitividade. Bom é como eu disse a você, eu não tenho nenhum problema de relacionamento com meus colegas não, porque não existe competitividade aqui. Por que a gente sabe que muitas vezes a gente trabalha na rede pública, mais mesmo assim tem aquelas pessoas que ficam sempre querendo mostrar serviço e isso às vezes fica de uma certa forma você fica classificando a pessoa todo o tempo, você é boa, você é ruim e aqui a gente não tem isso. E então o relacionamento que a gente tem graças a Deus é muito bom, e quando de vez em quando como em todo relacionamento acontece, a gente consegue resolver sem, que é aquela história de ficar sem se falar, sem maiores

problemas, a gente consegue conservar a nossa amizade direitinho.

Cássia: E NA REDE EM GERAL?

T: E na rede em geral, meu contato assim com as meninas quando a gente se encontra é muito bom também, todas as pessoas conversam trocam idéias. Não tem pra dizer assim, não é a tal escola a professora de lá é melhor que a dali não.

Cássia: QUAIS MUDANÇAS SIGNIFICATIVAS ACONTECERAM EM SUA TRAJETÓRIA NO CAMPO PROFISSIONAL?

T: Mudanças significativas, eu acredito que foi quando eu mudei de rede né. Por que as redes é... Dentro dessa rede municipal, eu acredito que mesmo que não são tantas, mas a gente tem mais formações do que na rede anterior. Então é... isso aí já nos ajuda, cresce mais até o nosso conhecimento que a gente precisa até demais. Mais assim, o que ela oferece junto com o que a gente conversa com o pessoal que a gente vai para a capacitação. Muitas vezes a capacitação não é aquela que você está esperando, mas as pessoas que estão ali ao seu lado você vai conversando, você vai aprendendo muita coisa, com um com outro. Então eu acho assim, para o crescimento profissional eu melhorei, eu sinto que melhorei, eu não estou excelente mas eu melhorei em relação a antes.

Cássia: QUAIS MUDANÇAS ACONTECERAM DE FORMA LENTA? E QUAIS MUDANÇAS ACONTECERAM DE FORMA RÁPIDA? DENTRO DA SUA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL.

T: Lenta e rápida meu Deus! A única mudança rápida, a única mudança rápida que teve foi a mudança de função. E a lenta é assim a conscientização, quando você conhece um fato novo você começa a colocar no seu dia-a-dia. Então aquilo ali também não vem é...o efeito rápido como você quer que ele venha, então você faz aquela coisa e aos poucos você vai tanto melhorando você profissionalmente, como você vê que aquilo ali está melhorando também o que você quer o rendimento do seu aluno. Então, o conhecimento que a gente tem vai adquirindo de forma mais devagar. Agora quanto assim rapidamente, só mudança de função.

Cássia: QUAIS MUDANÇAS AINDA SE SUCEDEM NESSE PROCESSO?

T: Eu acredito que a mudança é justamente por mais conhecimento é você querer sempre mais, fazer novos cursos porque no caso, eu tenho vontade de fazer o quê? minha pós graduação não é? Mas aí vem a questão do tempo, a questão das finanças e essas coisas todas. Mas eu acho que é isso na área mesmo de conhecimento e também relações humanas que a gente melhora muito. Você quando começa a conhecer pessoas diferentes também, você se educa muito.

Cássia: HÁ ALGUM INVESTIMENTO PESSOAL QUE VOCÊ ACREDITA QUE REFLITA NA SUA VIDA PROFISSIONAL?

T: É o investimento na melhoria de uma pós né. Por que o nosso dinheiro é o único que a gente pode fazer para melhorar a vida profissional é um curso e um curso requer dinheiro.

Cássia: ME FALE SOBRE A FORMA QUE É REPASSADA AS CAPACITAÇÕES. E DE QUE FORMA AJUDA NA SUA CAPACITAÇÃO?

T: As capacitações sempre são as capacitadoras da rede né, quanto coordenadora. Aí quanto professora, eu recebo da coordenação da escola a maioria das vezes, agora é mais via coordenação da escola.

Cássia: JÁ LECIONOU EM OUTRAS ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL?

T: Numa primeira depois vim pra cá.

Cássia: QUAL SUA JORNADA DIÁRIA DE TRABALHO?

T: Eu tenho quatro horas aqui, de quatro a oito horas aqui, é oito e vinte é só.

Cássia: COMO VOCÊ VÊ A ENTRADA DAS NOVAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA?

T: Neste momento é uma ferramenta a mais que vem auxiliar tanto na formação do professor quanto na coleta de material para enriquecer o dia-a-dia em sala de aula. Será bem mais proveitoso quando os alunos puderem utilizar em sala, estimulando a pesquisa na busca de novos conhecimentos.

Cássia: O QUE MAIS VOCÊ GOSTARIA DE ACRESCENTAR QUE AINDA NÃO TENHA SIDO ABORDADO PRA MELHOR ENTENDER SUA HISTÓRIA DE VIDA?

T: Eu acho que a questão da qualidade de vida que a gente tem, que a gente não tem. Por que querendo ou não professor ele não fica só na escola, sempre leva uma coisa pra casa se não for para escrever mais está na sua cabeça coisas pra resolver. Então eu acho que a qualidade de vida está muito aquém do que a gente precisa para viver bem. Eu acho que com isso que acontece às doenças profissionais, porque você é sobrecarregado. Você não tem qualidade de vida, você fica a maior parte do tempo dentro e fora sendo professor. Então pouco tempo resta pra sua família tem que se dividir pra isso, e tem a nossa questão o eu, eu estou fazendo o que pra mim qual o momento que eu estou dedicando a mim pra é, me distrair, é aquele momento de lazer que eu estou bem agora não estou me preocupando com nada. Mais raramente a gente vive este momento, eu acho que é a questão da qualidade de vida.

TRANSCRIÇÃO 7

Identificação: PETÚNIA

1.Idade: () de 20 a 30 anos () de 31 a 40 anos (x) de 41 a 50 anos () de 51 a 60 anos
46 anos

2. Sexo: () M (x) F

3.Tempo de Serviço: 13 anos

4.Estado Civil:() solteira () casada (x) divorciada () viúva () outros

5. Formação Profissional:(x) **PEDAGOGIA.** Área de atuação: Regência/Direção
() **LICENCIATURA.** Qual? Matérias pedagógicas
(x) **ESPECIALIZAÇÃO.** Qual? Psicopedagogia
() **MESTRADO?**Área de atuação: xxxxxxxxxxxx

Cássia: EU GOSTARIA QUE VOCÊ ME FALASSE SOBRE ALGUNS ASPECTOS DE SUA VIDA. FALA-ME DO TEU NASCIMENTO, SITUANDO ASSIM, QUAL A TUA POSIÇÃO NA FAMÍLIA, ONDE TU NASCESTE?

T: Eu nasci em 14 abril de 1962 né, aqui em Recife. Sou a segunda filha né de três é... tenho um irmão de 52, eu de 48 e o outro de 44.

Cássia: FALA-ME UM POUCO DA TUA INFÂNCIA.

T: Excelente! infância que brinquei muito, me diverti, aproveitei. Foi uma infância excelente.

Cássia: AGORA FALA-ME UM POUCO DA TUA ADOLESCÊNCIA.

T: A adolescência também. Uma adolescência normal, cheia de altos e baixos né. Cheia daquelas crises de existência, todas essas coisas eu vivi, mas foi uma adolescência que eu considero normal.

Cássia: FALA-ME SOBRE TUA FAMÍLIA.

T: Só tem coisas boas, minha família é maravilhosa, entendeu? Tenho pais, meus pais tem 52 anos de casados, nós somos uma família muito unida que prezamos o caráter de família mesmo. Então é uma família muito unida, é uma família que está sempre junto em todos os momentos bons e ruins.

Cássia: FALA-ME SOBRE TEUS AMIGOS.

T: Ah! Também não tenho o que dizer não tenho muitos amigos. Amigos de verdade mesmo, pessoas com quem eu posso contar nas minhas tristezas, nas minhas alegrias, então eu me considero ser uma pessoa muito feliz que tenho amigos, tenho uma família, só tenho coisas boas na minha vida.

Cássia: AGORA FALA-ME SOBRE UM ACONTECIMENTO IMPORTANTE DA TUA VIDA.

T: O nascimento da minha filha. Tenho uma filha com 21 anos não é, e... por problemas mesmo orgânicos eu demorei a engravidar e... Surgiram alguns comentários de que talvez não houvesse possibilidade de eu engravidar e de repente eu engravidei né e tive uma filha, queria muito uma menina e ganhei uma menina.

Cássia: E TEU INGRESSO NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO, COMO SE DEU?

T: Foi através de concurso, mas não foi uma coisa assim que eu quisesse demais, porque eu nunca pensei em trabalhar mesmo com escola, eu queria, eu fiz pedagogia pensando em trabalhar com recursos humanos né, e aí eu sempre trabalhei com pessoas, então surgiu a possibilidade de fazer o concurso e aí eu fiz pensando que talvez houvesse a possibilidade de eu mudar de área né. Mas aí de repente me vi gostando, é fui me contaminando mesmo.

Cássia: PRA VOCÊ EXISTE ALGUMA RELAÇÃO DA SUA VIDA PESSOAL COM SUA VIDA PROFISSIONAL?

T: Eu consigo assim, que você sempre traz alguma coisa da sua vida para o seu trabalho né, e existe esse feedback. Então existe uma relação porque é muito bom lidar com gente, é difícil mas é bom lidar com gente. Então eu tenho alguns traços da minha personalidade, e da minha vida em si, que eu trago para o meu trabalho, porque o meu trabalho sou eu, entendeu? Então eu vivo, vivo intensamente, eu não tenho... Eu não sou duas pessoas entendeu como é? Eu sou exatamente aquilo que eu sou lá fora né? Só que aí quando você lida com tantas pessoas diferentes, claro que você vai se adaptando, vai adequando o seu comportamento a essa vivência, mas que existe essa relação existe.

Cássia: COMO SE DEU A ESCOLHA PELA PROFISSÃO?

T: Por acaso, um erro no vestibular. Na época que eu fazia vestibular era unificado. Então você tinha duas opções, que era assim: você tinha que botar a opção de maior peso como primeiro e a de menor peso como segundo. Aí o que foi que aconteceu? Eu inverti e perdi a opção, eu perdi no caso a minha primeira opção que era é... Serviço Social, aí eu inverti, aí passei em Pedagogia. Aí claro né, na época é... eu já tinha feito, parece que dois vestibulares, parece que foi dois vestibulares eu tinha feito. E aí... eu digo, eu vou mudar pra, pra ... porque eu queria... minha área era medicina, eu pensava em fazer medicina, aí fiz dois anos medicina. Aí quando resolvi mudar porque, ora, Serviço Social é uma coisa boa. Aí eu fiz e

fiz errado e perdi a opção de Serviço Social, só ficou Pedagogia. Aí passei e continuei, aí gostei muito até mesmo porque aí eu vi a possibilidade de trabalhar em Recursos Humanos. Aí eu digo vou, continuar fazendo, sei que fiz uma boa graduação entendeu? E aí, mas eu pensava sempre em recursos humanos, mas aí...

Cássia: NÃO DEIXA DE SER RECURSOS HUMANOS.

T: É, é, não deixa de ser mesmo, porque você trabalha pros recursos humanos né?

Cássia: SE PUDESSES HOJE AINDA MUDAVAS DE PROFISSÃO?

T: Aai! Não sei, não sei porque eu gosto do que eu faço, entendeu? Agora é muito... é porque a gente fica triste né? com a própria situação do país, com as... com os próprios entraves na profissão, que você não consegue, você dá tudo de si, mais você não consegue tudo de si do outro por uma série de entraves, que existe até com a organização política do país. Então fica muito difícil eu dizer com certeza se eu trocaria.

Cássia: COMO ACONTECE A RELAÇÃO COM OS COLEGAS DE PROFISSÃO NA UNIDADE DE ENSINO E NA REDE COMO UM TODO?

T: Olhe, na rede como um todo assim, é muito amplo né? A gente vai, vai faz assim algumas pessoas que você oi, oi, oi, oi, né? E aqui dentro da unidade de trabalho eu considero meu relacionamento muito bom, até mesmo porque eu sei que cada pessoa tem a sua individualidade e eu procuro prezar e preservar muito isso, e entender que nem todo mundo é igual, que cada um tem a suas especificidades, que cada um tem o seu momento e que nem sempre todo mundo tá no momento igual. Então eu considero meu relacionamento bom.

Cássia: QUAIS MUDANÇAS SIGNIFICATIVAS ACONTECERAM EM TUA TRAJETÓRIA?

T: No serviço profissional né? Não é... É... Eu entrei para trabalhar com o aluno, me considero uma boa professora, uma pessoa dedicada, comprometida. E uma das mudanças assim que aconteceram que eu considero muito importante foi a mudança para o cargo administrativo, quando eu fui convidada pra ser vice dirigente eu não... me achei com aptidão tão grande para realizar um trabalho que eu reconheço, que é um bom trabalho. Dentro de todos os meus li... Os entraves que a gente encontra de trabalhar na rede municipal entendeu? Com suas politicagens, com suas dificuldades. Eu considero que o meu trabalho é um excelente trabalho, um trabalho bem feito.

Cássia: QUAIS MUDANÇAS ACONTECERAM DE FORMA LENTA E QUAIS FORAM AS DE FORMA RÁPIDA NESSA TRAJETÓRIA?

T: De forma lenta!

Cássia: NA SUA CARREIRA PROFISSIONAL O QUE É QUE ACONTECE DE FORMA LENTA? MUDANÇA LENTA.

T: Não sei se tem essa mudança lenta entendeu como é? Eu acho que essas mudanças só vem.

Cássia: Na hora certa.

T: É, ela vem de lapada mesmo, é agora e agora. Não tem como ser uma construção até mesmo porque eu acho que no trabalho público, determinadas coisas elas acontecem de forma muito assim impetuosa, vai ser agora e pronto se não for e acabou. Eu não tenho como determinar para você uma coisa mais lenta e uma coisa mais rápida, porque pra mim tudo é tudo rápido.

Cássia: QUAIS MUDANÇAS AINDA SE SUCEDEM NO PROCESSO?

T: A mudança de aprendizado né, você sempre tá aprendendo coisas novas, nada é estagnável né. Faz seis anos que eu estou na... Trabalhando na direção da escola e aí eu estou sempre mudando, eu estou sempre aprendendo coisas novas. E... Como é que eu posso dizer? Aperfeiçoando-me né? Para realizar um bom trabalho e a minha meta é essa, é fazer um trabalho inesquecível.

Cássia: HÁ ALGUM INVESTIMENTO PESSOAL QUE VOCÊ ACREDITA QUE REFLITA NA SUA VIDA PROFISSIONAL?

T: Eu acho, eu acho que é assim: Que nesse trabalho que a gente faz na direção é um trabalho que você se doa muito mais, você se doa pessoalmente, entendeu como é? Então eu vejo assim minhas ações, minhas ações mesmo enquanto direção são ações junto com Mônica, que a gente visa melhorar como um todo. Agora realmente a gente embarra no entrave financeiro aí financeiro é difícil, mas a gente investe eu e Mônica a gente investe. A gente se aperta, mas investe. Mas, em termos de recursos humanos mesmo, entendeu como é? Que a prefeitura ela às vezes se coloca contra e a gente sempre está aqui para fazer um trabalho muito humano, muito voltado para o lado humano, humanístico das coisas. Então a gente vai, assim a prefeitura não determina ou determinada coisa, mais que a gente passa por cima quando é em favor do próximo, quando é em favor dos alunos, a gente está trabalhando investindo nisso. Respondeu?

Cássia: UMA COISA QUE VOCÊ FAZ PESSOALMENTE QUE AJUDA AQUI NA SUA PROFISSÃO OU NA SUA SALA DE AULA?

T: Não consegui captar, sabe qual é, a essência da pergunta do que eu poderia fazer ... Ah! Talvez tem, o meu contato com Deus, entendeu? É...eu sou uma pessoa assim, que tenho uma religião, sou católica, entendeu? Frequento a igreja, mas não a chamada instituição, mas a igreja mesmo de Cristo, então ele me ensina muitas coisas, entendeu? E eu reconheço que a ajuda dele é muito importante que isso daí é o meu pessoal que reflete na minha vida profissional o que me ajuda a ser a professora que eu sou e a realizar o trabalho na direção, porque é aquele trabalho de... Não é querendo ser boa mais quando você tem um maior contato com Deus você começa a entender uma série de especificidade no ser humano. E para oficializar com certeza é importante que você tenha essa compreensão.

Cássia: ME FALE SOBRE A FORMA QUE É REPASSADA AS CAPACITAÇÕES E DE QUE FORMA AJUDAM NA SUA ATIVIDADE PROFISSIONAL?

T: Olhe, é capacitação é conversa pra boi dormir. Não ajuda em nada porque tudo é pra ontem, tudo é ultrapassado, ou en... Tudo é colocado de maneira assim definitiva que não tem um processo de adaptação gradual, você não é capacitada porque às vezes nem chama pessoas preparadas, ou às vezes as pessoas são preparadas, mas não tem compromisso é tudo corrido, entendeu? Uma boa capacitação que poderia durar mais tempo, querem dá essa capacitação em dois dias, quer dizer, o trabalho que a prefeitura faz, deixa muito a desejar. Você vê que é só uma questão de justificar com que tá gastando o dinheiro. Nunca, é, não, e agora e que eu acho até melhor, é melhor não ter, do que ter uma porcaria, entendeu com é? Por que aí você às vezes perde muito tempo se aborrece e não consegue aproveitar nada, porque é tudo jogado.

Cássia: JÁ LECIONOU EM OUTRAS ESCOLAS DA REDE?

T: Eu lecionei em duas outras escolas.

Cássia: QUAL A SUA JORNADA DIÁRIA DE TRABALHO?

T: Eu trabalho aqui mais ou menos umas 10 horas, entre 10 e 11 horas, né? E... Trabalho a noite, eu sou professora do segundo módulo do EJA e trabalho de seis e quarenta às dez horas.

Cássia: COMO VOCÊ VÊ A ENTRADA DAS NOVAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA?

T: Como possibilidade de ampliar os horizontes, uma vez que as novas tecnologias facilitam a vida do profissional e a dos estudantes, possibilitando mudanças e a aquisição de novos conhecimentos.

Cássia: O QUE MAIS VOCÊ GOSTARIA DE ACRESCENTAR QUE NÃO TENHA SIDO ABORDADO PARA MELHOR ENTENDER SUA HISTÓRIA DE VIDA?

T: Pausa. Sei não. Não, eu acho que... assim o que a gente falou, reflete muito de quem você é. Falou um pouquinho da do meu nascimento, da minha infância e eu acho que assim... é complicado a gente falar da gente, muito complicado, não me sinto muito a vontade não. Eu tenho que acrescentar alguma coisa é?

Cássia: Não.

T: Então eu prefiro deixar passar.

TRANSCRIÇÃO 8

Identificação: TULIPA

1. Idade: () de 20 a 30 anos () de 31 a 40 anos (x) de 41 a 50 anos () de 51 a 60 anos
48 anos

2. Sexo: () M (x) F

3. Tempo de Serviço: 14 anos

4. Estado Civil: () solteira () casada () divorciada () viúva (x) outros.

5. Formação Profissional: (x) **PEDAGOGIA.** Área de atuação: Regência

() **LICENCIATURA.** Qual? Matérias pedagógicas

() **ESPECIALIZAÇÃO.** Qual? xxxxxxxxxxxxxx

() **MESTRADO?** Área de atuação: xxxxxxxxxxxxxx

Cássia: GOSTARIA QUE VOCÊ ME FALASSE SOBRE ALGUNS ASPECTOS DE SUA VIDA. FALA-ME UM POUCO DO TEU NASCIMENTO, CITANDO ASSIM, O LOCAL ONDE TU NASCESTE, QUAL A TUA POSIÇÃO NA FAMÍLIA?

T: É assim, minha avó era parteira e todos os partos de minha mãe foi ela quem fez né? Eu me lembro que assim, que ela conta que a gente nasceu em casa. Então assim eu sou a do meio, são sete filhas e eu sou a do meio da família. E... eu não vejo assim nenhuma diferença em relação à criação que a gente teve não, assim todo mundo foi criado muito unido. E assim, durante a infância a gente passou por várias, vários problemas, assim né questão de necessidade mesmo. A gente até hoje brinca, dizendo que a gente não quer ouvir falar naquele “unha de veio” né?, Que era a coisa que a gente comia, porque era o sustento, meu pai só trabalhava, minha mãe na época não trabalhava, e aí pra sustentar as seis né? Que depois foi que veio a outra porque foi adotiva e a gente conseguiu né, foi sobreviver desta forma, assim, ninguém teve nenhum trauma e todo mundo nessa época, pelo menos dentro do possível era

feliz, e dentro daquilo que podia se fazer.

Cássia: ME FALA UM POUCO DA TUA INFÂNCIA.

T: Eu não me lembro muito da minha infância, eu acho que eu apaguei (riso), mas assim eu lembro que a gente brincava muito né? Tinha essa coisa das brincadeiras de rua, então como eram todas mulheres dentro de casa e a diferença de uma para outra era praticamente de um ano, um ano e meio. Então a gente brincava com o pessoal de casa mesmo, com os vizinhos, com as vizinhas com as meninas que era da mesma faixa etária. E a gente brincava dentro de casa até dez horas da noite. Então eu me lembro que a gente morava perto da beira da linha do trem e a gente tinha o hábito de ficar sentada ali, para ver o trem passar, quando o trem vinha a gente corria e era brincar de bola, academia, brincava com os meninos também. Então a infância foi desse jeito, foi muita brincadeira e estudo, né?

Cássia: AGORA ME FALA UM POUCO DA TUA ADOLESCÊNCIA.

T: Assim, na adolescência a gente é... Não era de sair muito, né, porque, o pai e mãe prendia um pouquinho, naquela época né? e ainda hoje assim a gente vê muitos pais desse jeito. Mais assim, a gente teve uma certa abertura depois que a gente conheceu um grupo né, que tocava música na noite e eles levavam a gente. Depois desse dia, inclusive até eles iam lá buscar a gente e deixavam em casa e a gente só ia se a mais velha fosse, aquela história né, posso ir, aí minha mãe, fale com seu pai, aí meu pai, fale com sua mãe, ficava aquele jogo se a mais velha fosse a gente saia se não a gente ficava em casa. E às vezes acontecia muita briga por conta disso, que ela não queria ir e às vezes a gente deixava de sair por conta dela. Mas assim, na adolescência eu saí, brinquei assim, namoro eu não fui de namorar muito, mas eu acho que eu comecei a namorar com uns dezesseis anos e a gente saía conversava era ficar na esquina conversando. Por que nunca fui de ficar na casa de vizinho não, mais iam muito lá pra casa o pessoal ia muito lá pra casa, as amizades frequentavam demais a casa da gente na adolescência, até porque tinha muita mulher também.

Cássia: FALA-ME DA TUA FAMÍLIA.

T: Acredito que já foi contemplado nos três (3) itens anteriores.

Cássia: E TEUS AMIGOS?

T: Assim, hoje eu tenho amigos de adolescência que eram vizinhos né, e ainda hoje a gente tem esse vínculo apesar de ter casado, deles terem casado também, vez por outra a gente se encontra e eram pouco né, porque se tratando de amizade mesmo a gente tem poucas amizades daquela época tinham muitos colegas né, e outros se mudaram e a gente perdeu o vínculo mesmo e os que ficaram a gente ainda tem esse contato de adolescência e quando se encontra lembra das coisas, do que fazia.

Cássia: FALA-ME SOBRE UM ACONTECIMENTO IMPORTANTE NA SUA VIDA.

T: Eu acho que foi o nascimento das minhas filhas, é assim, que eu considero importante, claro que teve toda a formação, mas acho que quando elas nasceram aquilo marcou pra mim né. Tanto a primeira como a segunda filha, que a segunda veio que meio sem esperar mais foi um acontecimento importante pra mim as duas filhas que eu tenho.

Cássia: E TEU INGRESSO NA REDE MUNICIPAL? COMO SE DEU?

T: É assim, eu fiquei super contente porque na época eu trabalhava numa escola particular, mas era em uma escola pequena, e aí quando eu fiz o concurso né, que passei e a gente sabe que são várias pessoas né, para aqui. Então eu assim, fiquei super contente né, por ter conseguido um emprego público e na área que eu queria realmente né? Então foi uma coisa

que pra mim foi importante, de ter feito isso né, ter sido selecionada, ter entrado e estar até hoje.

Cássia: EXISTE ALGUMA RELAÇÃO DA TUA VIDA PESSOAL COM TUA VIDA PROFISSIONAL?

T: A relação que eu vejo acho que é mais a questão do profissionalismo, né. Às vezes você leva também assim, a sua forma de ser pra questão do trabalho, de você não ser negligente, de você ser uma pessoa muito assim, as vezes eu me vejo muito exigente, as vezes até comigo mesma, com os meninos. Então o meu lado é pessoal também vai muito para o lado profissional, eu não costumo separar as coisas assim porque por mais que a pessoa diga não, quando você chega ao trabalho esquece as coisa lá, mas as vezes interfere, mas aí a gente tentar fazer com que isso não atrapalhe.

Cássia: COMO SE DEU A ESCOLHA DA PROFISSÃO?

T: Eu acho que foi meio por acaso, porque eu tava fazendo..., eu fiz o segundo grau normal, né, porque chamava antigamente, eu acho que era segundo grau mesmo e depois foi que eu fui fazer...aí quando eu fiz vestibular eu fiz para pedagogia, escolhi fazer pedagogia não sabia nem se ia dar certo. Aí quando eu comecei a fazer gostei do que tava fazendo e depois foi que eu voltei para complementar com normal médio, porque na época era um ano e seis meses, aí eu fiz as duas coisas ao mesmo tempo. E aí, a partir do curso que eu fiz de pedagogia e dos estágios que eu fiz aí eu comecei a gostar da profissão e fiquei.

Cássia: SE PUDESSES HOJE MUDAVAS DE PROFISSÃO?

T: Eu acho que não, a minha vida é reclamar muito da questão da sala de aula que é cansativo, mas a gente sempre busca uma coisa dentro da área de educação. Aí eu acho que não mudaria não.

Cássia: COMO ACONTECE A RELAÇÃO COM OS COLEGAS DE PROFISSÃO NA UNIDADE DE ENSINO E NA REDE MUNICIPAL EM GERAL?

T: Assim, eu pelo menos eu tenho aqui, eu tenho um círculo de amizades dentro da escola e tanto nessa quanto na outra que eu trabalho. E assim eu vejo essa questão da amizade eu vejo que não têm maiores problemas não, eu sou uma pessoa que..., de início as pessoas quando me vêem, assim, acham até que eu sou uma pessoa muito antipática, não sei o quê, mas com um tempo, aí a gente, eu firmo essa amizade e eu sou uma pessoa que levo a amizade até o fim. E a questão da rede de forma geral também, assim, claro que você não tem, o universo é maior mais as pessoas que você encontra, né, que você passa pelas escolas apesar de que desde que eu fiz o concurso que eu sou daqui, mas eu já trabalhei em acumulação e outras escolas da rede também. E sempre por onde eu passo, assim, eu faço amizades e eu vejo tranquila essa passagem da minha vida.

Cássia: QUAIS AS MUDANÇAS SIGNIFICATIVAS ACONTECERAM EM TUA TRAJETÓRIA?

T: Eu vejo assim, eu acho que cresci muito e eu vejo assim, eu, eu, até coloco isso também como uma experiência que eu tive na escola particular. E você sabe que é aquela exigência toda, e eu trouxe um pouquinho disso pra cá pra rede porque às vezes as pessoas dizem assim: Ah! Eu vou passar na rede porque é mais fácil né? A gente não tem coordenador então eu posso fazer o que eu quero, e a gente sabe que não é, que a clientela é difícil. Então você querendo ou não você tem que amadurecer e procurar entender aquele espaço que você está e os estudantes no caso, cada uma tem uma história diferente e aí você tem que compreender isso né, então houve, eu acho que houve um avanço muito significativo em relação a isso. A

questão de eu poder procurar entender, compreender o que é que eles sentem, o que é que eles pensam a forma de trabalhar é diferente você tem que se adaptar a isso, porque se não você sai e desiste, mas aí existe a questão da adaptação e você cresce muito com isso. Tem coisa que você diz ai meu Deus eu não sei lidar com isso aqui, mas com o tempo e com a ajuda até dos colegas, dos profissionais de dentro escola você consegue.

Cássia: QUAIS MUDANÇAS ACONTECERAM DE FORMA LENTA E DE FORMA RÁPIDA? QUAIS AS DE FORMA LENTA E QUAIS AS MUDANÇAS QUE ACONTECERAM RAPIDAMENTE?

T: Acho que de forma lenta é essa questão da compreensão de como trabalhar com esses alunos, porque a maioria deles não são alfabetizados. Então aí você tem que ter um processo de adaptação muito grande, quando você entra em uma escola pública que você vem de uma rede particular você sente. Então eu acho que demorei um pouquinho pra poder compreender esse universo daqui. Aí depois que você tem essa adaptação, que você consegue fazer isso, aí as coisas que vem depois ai você consegue lidar com isso. Eu acho que uma coisa lenta também que aconteceu foi essa passagem do ensino regular pra ciclo eu acho que foi uma coisa bastante..., pra mim né, para eu poder me adaptar a isso, saber que não tem nota e saber que eu tenho alunos que eu não posso reter e alunos que eu posso reter que é uma coisa meio incompreensível, mas que depois com o tempo você vai tentando se adaptar a isso, né?. E mesmo que não seja obrigado de certa forma você fazer uma avaliação, aquela avaliação diagnóstica que você faz com nota, né? Mas aí você tenta, né, compreender isso e vê que existem outros meios de você avaliar o aluno e trabalhar também. Então eu acho que esse processo foi um pouco lento para mim, eu demorei um pouquinho pra me adaptar com isso. Mas o restante assim, de como lidar com eles, de trabalhar em sala, essa questão de conteúdo eu acho que eu não tive maiores problemas com isso não. Eu acho que houve mais a questão da lentidão em relação a compreensão dessa passagem.

Cássia: E O QUE ACONTECEU DE FORMA RÁPIDA?

T: Assim de forma rápida, eu acho que foi, assim, a forma de você, depois que você passa por essa coisa assim de... De... De como você lidar como os meninos de uma forma geral,né? A questão assim, do relacionamento pessoal com os alunos. Eu acho que pra mim foi de forma rápida eu consegui compreender isso, sabe? Eu não tive maiores problemas não de adaptação com os meninos na sala, né? Até porque de início é um choque mais depois você consegue se adaptar eu acho que não soube... A questão das avaliações que a gente faz de ciclo eu acho que foi mais rápida a questão da adaptação para mim. Eu não tive maiores problemas não, não foi uma coisa prolongada.

Cássia: QUAIS MUDANÇAS AINDA SE SUCEDEM NO PROCESSO?

T: A gente, eu acho que ainda tem essa questão do...assim eu, eu particularmente acho que ainda tem essa questão da da na hora do conselho de você poder avaliar cada aluno e colocar assim... os avanços que ele tem né, eu acho que isso é uma coisa muito demorada porque eles são lentos nesta questão né de aprendizagem. Ai existem “n”coisas, assim por traz dessa aprendizagem, desse conhecimento deles que eu acho que é uma questão que a gente tem que saber lidar com isso. E na hora de transcrever isso, de colocar no papel aquilo que exatamente o aluno construiu ou não. Eu acho isso aí meio complicadinho ainda, de você fazer de avaliar o aluno neste sentido.

Cássia: HÁ ALGUM INVESTIMENTO PESSOAL QUE VOCÊ ACREDITA QUE REFLITA NA SUA VIDA PROFISSIONAL?

T: Pausa.

Cássia: ALGUMA COISA QUE VOCÊ INDEPENDENTE DA REDE, VOCÊ FAZ POR VOCÊ MESMO. QUE VOCÊ ACHA QUE REFLETE NA SUA VIDA PROFISSIONAL?

T: Eu digo assim, o que eu vejo assim, na vida pessoal. É a questão do próprio estudo, né? De você continuar estudando mesmo que você não tenha tanto porque. Eu fiz graduação, mas ainda não tenho pós-graduação uma coisa que eu pretendo fazer que eu acho que vai ajudar bastante independente, até para você mesmo né. Porque você não pode parar de tá estudando. Por que quem tá na área de educação tem que tá se atualizando tudo. Então é uma coisa que eu sempre procuro buscar né, então leituras, revistas voltadas para a área de educação, então sempre que tem uma dica, alguma coisa eu sempre procuro lê, ver, né, autores novos, fazer esta leitura pra vê o que tem de novo. Então é uma coisa que independente da profissão, eu vejo que vai me ajudar e que é bom para mim também como ser humano a questão da leitura.

Cássia: ME FALA SOBRE A FORMA QUE É REPASSADA AS CAPACITAÇÕES E DE QUE FORMA AJUDA NA SUA ATUAÇÃO?

T: Se tratando de capacitação da rede a gente aqui pelo menos agora a gente passou um bom tempo sem ter nenhuma, né. Eu me lembro que a última capacitação que a gente teve aqui foi por, por, como é que a gente fala, por disciplina, né? Que agora eu esqueci o nome, componente curricular. Então era interessante porque era na área de geografia, história que já houve uma capacitação assim, que era bastante interessante que era voltada exatamente para aquela área e com os conteúdos específicos que você iria trabalhar. Então acabou esse tipo de capacitação eu não me lembro, mais de nenhuma que eu tenha feito, a última eu acredito que foi essa do letramento, na área de português e matemática, mais foi feita na escola que foi muito é para mim contribuiu bastante porque a gente percebeu e viu muita coisa, assim prática que a gente podia fazer em sala de aula. Então dessa forma ajuda, as outras capacitações foram dentro da área de trabalho que eu faço é de ciclo um, né segundo ciclo. Não tem. Praticamente não tem mais, né? O que a gente tem é essas de início de ano letivo, né que a gente, são palestras, debates, mas capacitação direcionando para aqui não tem mais e nem na escola.

Cássia: JÁ LECIONOU EM OUTRAS ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL?

T: Eu trabalhei no projeto professor alfabetizador é a nível de acumulação. Aí trabalhei numa escola diferente dessa. E atualmente trabalho na área de profissionalização de escola profissionalizante em regime de acumulação também.

Cássia: QUAL A SUA JORNADA DIÁRIA DE TRABALHO?

T: Os três horários, manhã, tarde e noite. Manhã eu tô efetiva aqui na escola, a tarde eu estou no estado, eu trabalho com disciplinas pedagógicas do normal médio. E a noite eu tô acumulando em uma escola profissionalizante, lá nos cursos técnicos nos cursos profissionalizantes, atendente administrativo e técnicas de vendas e de turismo, que a gente por disciplina aí a gente separa não.

Cássia: COMO VOCÊ VÊ A ENTRADA DAS NOVAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA?

T: Com bons olhos, pois acredito que esse tem sido um meio que veio contribuir no trabalho do professor, tem sido um aliado quando bem utilizado, é claro. Um recurso em que podemos melhorar nossa prática com pesquisas e até a própria utilização em sala de aula. Ajudando também na aprendizagem dos alunos.

Cássia: O QUE MAIS VOCÊ GOSTARIA DE ACRESCENTAR QUE AINDA NÃO TENHA SIDO ABORDADO PARA MELHOR ENTENDER SUA HISTÓRIA DE VIDA?

T: Acredito que a questão da infância, né da adolescência da própria formação que eu tive que é interessante saber que hoje, assim as pessoas fogem muito da questão da escola pública né, e se a gente parar para perguntar assim quem quer seu filho em escola pública, enquanto professor muita gente diz que não, mas assim eu tive toda minha formação em escola pública e até não me arrependo de ter tido, né? Porque se a gente for comparar a questão do trabalho também eu não posso nem dizer que é diferente do que o trabalho de escola pública, né? Isso depende muito de cada professor e do compromisso que ele tem. Mais eu acho assim, que a abordagem que você ter tido essa formação me ajudou muito a compreender hoje, como é que isso é estruturado hoje, como é que a escola pública vem sendo tratada hoje, tem muito haver a questão de investimento dos recursos que essa escola não tem. Aí eu acho que tem que se vê também essa, porque os professores praticamente são os mesmos, a formação é a mesma, aí eu acho que cabe a cada um também tentar ter esse profissionalismo e trabalhar direito né, e da forma que como convém. Mas o que falta é a questão de recurso em algumas escolas o que não é abatido, porque eu tenho experiência nesta outra escola da noite e eu vejo que é totalmente diferente você não tem um papel para trabalhar e é uma escola profissionalizante, que a gente recebe material específicos para a área e não tem. A gente faz né, aquela coisa que todo professor tem que fazer. Mas aí eu acho que dentro do que foi abordado, acho interessante essa questão de como você começou, da formação, do que você tem hoje enquanto formação profissional e o que você quer para sua vida.

